NATACHA SIMEI LEAL

**“É de Agronegócio!": Circuitos, relações e trocas entre peões de manejo,
peões de rodeio e tratadores de gado em feiras de pecuária.**

**Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
São Paulo, Julho de 2008**

NATACHA SIMEI LEAL

natachaleal@uol.com.br

**“É de Agronegócio!”: Circuitos, relações e trocas entre peões de manejo,
peões de rodeio e tratadores de gado em feiras de pecuária.**

**Dissertação para obtenção de título de mestre em
Antropologia Social. Sob a orientação do Professor
Doutor José Guilherme Cantor Magnani**

**Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
São Paulo, Julho de 2008**

"Homem é um bicho esmochado, que não devia haver. Nem convém espiar muito para o homem. É o único vulto que faz ficar zozzo, de se olhar muito. É comprido demais pra cima, e não cabe de uma vez dentro dos olhos da gente"

(Conversa de bois - João Guimarães Rosa)

Aos meus avôs Lécio (do interior de São Paulo) e Agenor (do interior do Piauí) .

Agradecimentos

Gostaria de agradecer imensamente a todos os interlocutores e colaboradores sem os quais essa pesquisa teria sido impossível de ser realizada. Agradeço imensamente a ACRISSUL, a organização da FEICORTE e a Sociedade Rural do Paraná por darem livre acesso nas feiras de pecuária para eu realizar observações de campo. Agradeço, particularmente, à Maria Eduarda, Telu, Rayane, Chiquinho, Acerola, Sandro Rogério e Gerard por me cederem entrevistas e contribuírem com o desenvolvimento desse estudo.

Agradeço também a orientação paciente e criteriosa do Professor José Guilherme Cantor Magnani. O convívio com o professor foi um verdadeiro aprendizado que mostrou a mim como uma boa Antropologia pode ser construída quando existe dedicação e criatividade. Meus agradecimentos se dirigem também aos pesquisadores do NAU (Núcleo de Antropologia Urbana), especialmente aos colegas César Silva, Jacqueline Teixeira e Alexandre Pereira.

Aos amigos Paulo Celestino, Carol Nocetti, Rafael Franco, Saulo Henrique, Silvia Cruz e Sara Augusta que me ajudaram no difícil começo de quem vem de outro sonho feliz de cidade. Eles transformaram São Paulo na minha realidade.

Às professoras Ana Cláudia Marques e Silvana Nascimento pelas críticas e comentários no exame de qualificação. Devo agradecer também a Gonçalo Santa Cruz e Álvaro Banducci que de longe, mas de perto sempre deram sugestões e acompanharam minhas angústias.

Aos meus pais Sérgio Leal e Maria Angelina Simei agradeço o apoio – financeiro e emocional – e a torcida. Minha formação cultural e acadêmica é fruto do estímulo dos dois. A vocês devo tudo! Agradeço também aos meus familiares (Vô Lécio, Vó Talina, Vô Agenor, Vó Maria, Tia Vivi e Tia Suzana).

A paciência e o amor de Giovani Tápia foram indispensáveis para essa pesquisa. O “Baby” agüentou minhas reclamações, meu mau humor e minha ausência durante os longos períodos em que ficamos longe um do outro.

A dedicação integral aos estudos e à pesquisa só foi possível graças à bolsa de mestrado cedida pela Capes. Agradeço também aos funcionários do PPGAS/USP por estarem sempre dispostos a responder minhas dúvidas.

Por fim, minha gratidão especial aos meus colegas do PPGAS/ USP Igor Scaramuzzi, Luis Fernando Pereira, Carlos Filadelfo, Tomás Meira, Alexandre Vega e Ana Cecília que mostraram que mesas de bar são também locais para se fazer uma excelente Antropologia. Além de competentes antropólogos vocês são verdadeiros amigos.

Resumo

Existe no Brasil um grande circuito de feiras e exposições agropecuárias. Tais eventos apresentam o agronegócio como importante atividade geradora da economia e têm – em vários estados da federação - sido palcos de comemoração para as cidades e comunidades que os abrigam. Localidades de diversos tamanhos, espalhadas pelos quatro cantos do país, possuem uma feira cuja apresentação da produção agrícola ou pastoril divide espaço com aclamadas atividades de lazer: shows das mais requisitadas duplas neo-sertanejas, barracas de jogos de azar e “comes e bebes”, rodeios e no caso de algumas exposições, requintados restaurantes, bares e boates. Dentre os diversos atores/trabalhadores que se fazem essenciais para o êxito e sucesso dos eventos agropecuários uma categoria específica – os peões – merece uma especial atenção. Reverenciados por muitos participantes de exposições agropecuárias como “os autênticos nativos do universo rural”, peões de rodeio, tratadores de gado e peões de manejo executam atividades imprescindíveis para o funcionamento desses eventos. Como uma trupe circense, viajam durante todo ano de exposição em exposição, percorrendo o circuito brasileiro das grandes e pequenas feiras de agronegócio. A presente pesquisa, fruto de observações de campo realizadas nas exposições agropecuárias de Londrina- PR, Campo Grande –MS e São Paulo - SP, pretende apreender a dinâmica do circuito de feiras agropecuárias brasileiro, contemplando a análise da rotina de peões nesses eventos e de que maneira o trabalho que esses vaqueiros realizam está por trás de grande parte das atividades de negócios e de lazer presentes nas exposições de pecuária.

Palavras-chave: Agronegócio, feiras agropecuárias, circuito, redes e peões.

Abstract

There is in Brazil a big farming-&-cattle fair and exhibition circuit. Such events refer agrobusiness as an important economy-booster activity and, in several federated States, are room for celebration in the towns and communities where they take place. Localities of the most different sizes, situated throughout the country have their own fair, whose presentation of farming-&-cattle production share the stage with a range of hailed entertainment events — big shows with the most requested duos of *neo-sertanejo* music, gambling tents, food and drink trailers, rodeo contests and, in some cases, sophisticated restaurants, bars and nightclubs. Among the many core workers/players to the success and good output of these farming-&-cattle events, a particular category, namely the peons, draws special attention. Venerated by many participants in these exhibitions as “the ones authentically native from rural universe”, rodeo cowboys, cattle ranch hand and handling peons undertake jobs indispensable to the good run of these shows. Like a circus troupe, they travel all the year from fair to fair, scouring the entire Brazilian circuit of small and big agrobusiness exhibitions. This research — a consequence of field investigations undertook on site, in country fairs in the cities of Londrina (PR), Campo Grande (MS) and São Paulo (SP) — is intended to apprehend the dynamics of Brazilian farming-&-cattle exhibition circuit, taking into account peons’ routine in these events and considering the way in which the work accomplished by them is a foundation to a large part of business and entertainment activities running within that show environment.

Key-words: Agribusiness, farming & cattle fair exhibition, circuit, networks and peons.

Índice

Introdução.....	11
1. É do campo ou da cidade?.....	11
2. Festa ou feira?	17
3. Deslocamento: Viaja Peão!.....	19
4. O vasto circuito de exposições	22
5. Você vai pra Barretos?.....	24
6. Quando o campo é a feira agropecuária.....	26
7. A etnografia	28
Capítulo 1 – Festas, feiras e exposições – A rede do Agronegócio brasileiro.....	32
1.1 Feiras, festas, rodeios e agronegócio.....	34
1.2 Agronegócio – O que é isso?.....	37
1.3 A difícil classificação	44
1.4 Por que “Pecuárias”?.....	46
1.5 Segura Peão: As festas de rodeio.....	48
1.6 Agrishows: Feiras que não são festas.....	58
1.7 Festas da Uva, Festas do Milho, Festa da Soja, Festa do Morango: Feiras que são festas!.....	63
Capítulo 2 – Trabalha peão!.....	73
2.1 Pavilhões de exposição	79
2.2 Os julgamentos de animais.....	95
2.3 Leilões, negócios e trabalho.....	103
2.4 Rodeios e peonagem.....	112
Capítulo 3 – Mapeando redes, propondo circuitos	120
3.1 O trecho.....	122
3.2 Propondo circuitos.....	127
3.3 Mapeando redes.....	130
Considerações finais.....	135
Bibliografia.....	140
Anexos.....	145

Ilustrações

Figura 1: Folder Caracu

Figura 2: Foto Rodrigo (Cowboy)

Figura 3: Foto Fazendinha

Figura 4: Foto cardápio lanchonete

Figura 5: Foto de premiações dos parques de diversões

Figura 6: Mapa do parque Laucídio Coelho

Figura 7: Foto de estudantes no pavilhão de exposições

Figura 8: Mapa pavilhão de exposições

Figura 9: Foto acampamento improvisado

Figura 10: Foto Acerola

Figura 11: Foto Julgamento de animais

Figura 12: Foto troféus de julgamento de animais

Figura 13: Mapa bretes

Figura 14: Foto bretes

Figura 15: Foto peão de rodeio

Figura 16: Foto queima de fogos

Introdução

A presente pesquisa pretende descrever a dinâmica de funcionamento de feiras e exposições agropecuárias. Esses eventos que acontecem em todas as partes do país apresentam e comercializam animais premiados, expõem e colocam à venda os mais modernos insumos agrícolas e a mais alta tecnologia da genética, reúnem milhares de visitantes.

São palcos de entretenimento e de festividades que atraem um grande público em busca de bons negócios, de diversão em virtude dos shows de música sertaneja e rodeios, e até mesmo curiosos que pouco ou nada tem a ver com a produção agrícola ou pastoril, mas que prestigiam as exposições como os mais importantes eventos de suas cidades.

Os caminhos das Ciências Sociais e da Antropologia para apreender a dinâmica dessas feiras podem ser muitos. As feiras agropecuárias podem ser apreendidas como festas, eventos que celebram e ritualizam a produção do campo. Podem, ainda, ser vistas como espaços que apresentam as relações de um universo “rural” de nova configuração.

Essa dissertação tem o objetivo de apreender em que medida as várias exposições que acontecem por todo país estão vinculadas e como os atores que delas participam formam uma grande rede. Pretende descrever o dia-a-dia dos atores que mais conhecem esse contexto, etnografando o trabalho de peões (tratadores de gado, peões de manejo e peões de rodeio) em feiras de pecuária.

1. É do campo ou da cidade?

Segundo alguns autores¹ as exposições agropecuárias apresentam importantes traços daquilo que pode ser chamado de “rural contemporâneo”. Um misto das mais

1. Exposições Agropecuárias e Rodeios foram o ponto de partida da tese de doutorado de Além (1996), defendida pelo Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo, para compreender as perspectivas do “novo rural” que se constituía no Brasil. A estratégia do autor foi a de etnografar feiras e exposições nos

modernas técnicas da genética com o trabalho de peões e vaqueiros que pouco se modificou, apesar dos adventos da tecnologia, nas fazendas e propriedades rurais.

Antônio Cândido (2003[1964]) tratara da vida dos “caipiras” no município de Bofete, descrevera as regras e as maneiras de ser desse povoado. Construiu um importante legado teórico e etnográfico, numa época em que na Antropologia era possível falar de “tradição” sem levantar grandes polêmicas.

Cândido construiu uma sociologia dos meios de vida dessa população, contemplando aspectos de sua economia, alimentação, organização do trabalho e das famílias, acesso à terra, festas e ritos religiosos. Analisou as formas de associação humana e mudança na vida dos sitiantes e parceiros rurais. Deu interessantes pistas para a construção de um importante viés de análise para as Ciências Humanas brasileiras: a Antropologia Rural.

Fundamentalmente as redes de sociabilidade caipiras tradicionais descritas por Antônio Cândido constituíam-se através do agrupamento de algumas ou bastantes famílias, vinculadas entre si por um certo “sentimento de localidade”, por ajuda mútua e atividades religiosas e de lazer. O bairro rural era constituído por essa necessidade de cooperação.

Os “tipos humanos”² encontrados na região de Bofete eram fazendeiros, sitiantes, parceiros, colonos, artesãos, comerciantes e funcionários (os dois últimos de forma

estados de São Paulo e Minas Gerais. O objetivo do trabalho foi o de compreender o fenômeno de consagração do *caipira*, do *country* e do *sertanejo* na indústria cultural e analisar de que maneira “o caipira de Antônio Cândido” ou o “Jeca Tatu de Monteiro Lobato” ganham uma nova roupagem na contemporaneidade. João Marcos Além fez etnografia nas seguintes exposições e festas de peão: Exposição Agropecuária de Uberlândia (MG), Exposição Agro-Industrial de Araxá (MG), Exposição Agropecuária, Comercial e Industrial de Guaxupé (MG), Exposição Nacional de Gado Zebu (Uberaba – MG), Etapa do Circuito Espora de Ouro de Rodeios (Araguari – MG), Festa Nacional do Milho (Patos de Minas – MG), Encontro de Folias de Reis de Romaria (MG), Exposição Agro-Industrial e Comercial de Tupaciguara (MG), Exposição Regional Agropecuária (Campina Verde – MG), Exposição Agropecuária de Prata (MG), Exposição Regional Agropecuária de Montes Claros (MG), Bailão sertanejo de Otinolândia (MG), Festa do Sol (Pirapora –MG), Feira Agropecuária de Alta Mogiana (Ribeirão Preto – MG), Feira Agropecuária, Comercial e Industrial da Região de Araraquara (Araraquara – SP), Festa do Peão de Barretos (Barretos – SP), Exposição de Gado Leiteiro (Igarapava – SP), Feira Agropecuária e Industrial de Jacareí (Jacareí – SP).

² Termo utilizado pelo autor.

menos significativa). Os parceiros realizavam atividades na lavoura da propriedade de outrem e cediam uma cota dos lucros obtidos na colheita para os proprietários da terra. Apesar das diferenças econômicas entre os sitiantes e parceiros, a distância “no teor geral da vida” (Cândido: 2003, 138) desses atores era pequena. Segundo Cândido, era possível vê-los se relacionando de igual para igual nas conversas, festas e no cotidiano da vida em comunidade.

Antônio Cândido analisa as formas progressivas de incorporação de traços da economia capitalista no meio rural. Se num primeiro momento, as formas de sobrevivência eram quase que exclusivamente regidas pela economia de subsistência e organização vicinal da vida coletiva, o aumento da dependência econômica com outros centros de produção, abriu caminho para novos ajustes nas relações de trabalho e de socialização.

O estudo de Cândido sobre os caipiras de Bofete toma como referência perspectivas semelhantes com as desenvolvidas por alguns estudiosos da Escola de Chicago. A intensa migração para centros urbanos norte-americanos na primeira metade do século XX estimulou intelectuais a pensarem metodologias e padrões que ajudassem a compreender as transformações que aconteciam nas cidades.

Nos trabalhos de Louis Wirth (1987[1938]), Robert Redfield (1949) e mais tarde de Oscar Lewis (1965) aparece a preocupação em analisar as diferenças entre sociedades urbanas e rurais. Redfield entendia que os grupos que habitavam o campo, o universo rural, compartilhavam uma cultura “folk”, “tradicional”, que se contrapunha a fluidez, anonimato e heterogeneidade que eram próprias dos centros urbanos.

No estudo preliminar sugeriu-se que os caracteres das comunidades mais isoladas poderiam agrupar-se para constituir um “tipo” em oposição “ao tipo” que se forma reunindo os caracteres opostos das comunidades menos isoladas. Os caracteres que, conforme se afirmou no referido estudo, identificam o primeiro “tipo” são: isolamento, homogeneidade cultural, organização dos entendimentos convencionais numa só “teia de significados inter-relacionados”; ajustamento ao ambiente local; caráter predominantemente pessoal das relações; importância relativa das instituições familiares; importância relativa das sanções sagradas em corpação com as seculares;

desenvolvimento da expressão ritual de crença e atitude; tendência para que muito do comportamento do indivíduo envolva o seu grupo familiar ou local. Essas concepções (que, como já se observou antes, derivam em larga medida de Maine, Durkheim e Tonnies) se apresentaram naquele estudo para indicar um roteiro pelo qual pudessem continuar-se, sistemática e comparativamente, os estudos de mudanças produzidas nas sociedades primitivas ou camponesas pela influência da civilização moderna ou das cidades. A linha de pensamento sugerida pela descoberta ou criação desses tipos conduz a algumas hipóteses: (1) As sociedades primitivas e camponesas têm em geral os caracteres do primeiro tipo. (2) Quando essas sociedades experimentam o contato e a comunicação com a sociedade urbanizada (ou pelo menos com a moderna sociedade urbanizada ocidental), tendem a mudar na direção do oposto a esses caracteres. (3) Há certa relação natural ou interdependente entre alguns desses caracteres ou entre todos, por isso que uma mudança em alguns deles tende a originar ou acarretar uma mudança em outros. (Redfield: 1949, 351)

Muitas pesquisas realizadas pelas Ciências Sociais nas décadas de quarenta e cinquenta tinham inspiração nos estudos de comunidade propostos pela Escola de Chicago. Na antropologia brasileira, especialmente na paulistana, esse tipo de estudo teve grande aceitação. Não só Candido seguia essa linha, Maria Isaura Pereira de Queiroz³ e Oracy Nogueira produziram estudos que tinham como objetivo compreender as transformações de um país então agrário que começava a industrializar-se.

Durham (2000) pontua que estudos de comunidade realizados por esses pesquisadores brasileiros foram fundamentais para o levantamento do modo de vida de

³ Maria Izaura Pereira de Queiroz (1979) no artigo “Do rural e do urbano no Brasil” apresenta uma pequena revisão da produção dos estudos da relação campo-cidade. Propõe uma nova forma de apreensão desses contextos em que “o global” fosse ponto de partida para a compreensão dessas mudanças. Queiroz enfoca que sociedades rurais e sociedades urbanas coexistem no Brasil, em arranjos e formas de dominação variados. Para a autora campo e cidade devem estar sempre conectados, não enquanto pólos de oposição, mas sim como modelos que influenciam um ao outro, na medida em que o desenvolvimento das cidades e da produção agropecuária nas zonas rurais que as cercam estão em constante interação.

habitantes de inúmeros bairros rurais, vilas e pequenas cidades que estavam em latente transformação devido à industrialização e urbanização do país - o processo de mudança de uma sociedade eminentemente “tradicional” para uma sociedade “moderna”.

“De fato, revendo a produção dessa época, considero que a contribuição dos estudos de comunidade para a compreensão da sociedade brasileira não foi nada desprezível. Essas pesquisas de comunidade realizaram uma extensa etnografia da sociedade tradicional, estudando bairros rurais, vilas e pequenas cidades em todas as regiões brasileiras: na Amazônia, no sertão do Nordeste, no Recôncavo Bahiano, no Sudeste, nas comunidades e imigrantes estrangeiros de São Paulo e do Sul. Tratou-se, de fato, de um grande levantamento da sociedade que estava sendo rapidamente transformada pela industrialização e pela urbanização do país”. (Durham: 2000,22)

A presente pesquisa poderia percorrer os caminhos já traçados por esses intelectuais, dando foco na relação campo-cidade, na apreensão das idéias que definem “o que é rural” e “o que é urbano” para os personagens que freqüentam exposições agropecuárias.

Apesar de os estudos de comunidade terem importância incontestável para as Ciências Sociais brasileiras, no caso dessa pesquisa, o “campo” e a “cidade” são representados e vistos como universos que caminham lado a lado, não são contextos dicotômicos, muito pelo contrário, “o rural” e “o urbano” são complementares para aqueles que entendem, conhecem, participam e trabalham nos eventos que envolvem o agronegócio.

Nesses contextos de exposições agropecuárias, de alta tecnologia e agronegócio fazendeiros se auto-intitulam “empresários rurais”. Moram nas grandes cidades, possuem laboratórios de genética em suas propriedades, viajam por todo o Brasil apresentando seus animais para comercializar as melhores células reprodutoras. Quando não podem estar presentes nas exposições arrematam reses pela televisão ou pela internet.

Seus subordinados, peões e tratadores de gado, viajam dezenas de vezes por ano. Exercem tarefas semelhantes com as que exercem nas fazendas em várias cidades do

país. Conhecem um pouco de genética, assistem televisão em seus acampamentos improvisados nas exposições, e ainda sim, se percebem como pessoas do campo. Quando indagados sobre a velha dicotomia campo X cidade, as respostas sempre são unânimes: *“Exposição é coisa do campo, mas só pode acontecer nas cidades”*.

Essa realidade vai ao encontro das idéias de José Graziano Silva (1999) que revê as relações rural-urbano e apresenta um novo quadro do modo de vida de populações que habitam o “campo”. Em seu livro “O Novo Rural Brasileiro” e em suas pesquisas no grupo “Rurbano” da Universidade de Campinas (Unicamp), aponta que a idéia de “rural”, outrora quase que exclusivamente vinculada a localidades afastadas de centros urbanos cujos habitantes exerciam tarefas ligadas à agricultura e pecuária, ganha um novo tom na contemporaneidade.

O economista aponta que muitas atividades exercidas por habitantes de zonas rurais, hoje, estão vinculadas ao ramo de lazer e turismo. Os sítios e fazendas do interior se transformaram em pequenos hotéis e pousadas. As classes médias e altas das grandes cidades adquirem casas no campo em busca de “qualidade de vida”.

Outro estudioso que também traz importantes questões sobre os sentidos do rural na contemporaneidade é José Eli da Veiga (2004). Afirma que ao contrário do que alguns teóricos apontaram a ruralidade não desapareceu com a globalização. As atividades geradoras da economia do campo não mais se limitam a produção estritamente agrária (agricultura e pecuária). A valorização da natureza, o turismo e outras atividades do setor terciário ganham força e tornam o “mundo rural” mais dinâmico e menos espacialmente marcado. O professor pontua que as pesquisas atuais não mais devem especializar-se, ou isolar-se em questões essencialmente “rurais” ou “urbanas”, e sim discutir os possíveis (e porque não novos) destinos das relações sociais e econômicas que vinculam tanto o campo como a cidade.

Os limites espaciais que definiam o que era campo e o que era cidade se desfizeram. Hoje, ser do campo ou da cidade independe do lugar onde os grupos habitam ou do tipo de atividade econômica que exercem. O “urbano” e o “rural” se fundiram e as exposições são bons universos para ilustrar isso.

Num primeiro momento da pesquisa – durante a elaboração do projeto - as questões e limites relativos à dicotomia campo-cidade pareciam fundamentais. O trabalho

de campo , no entanto, revelou que existem outras temáticas mais interessantes que podem ser abordadas. Apesar de essa questão permear a discussão aqui proposta, as observações de campo apontaram outras direções.

2. Festa ou feira?

A idéia dessa pesquisa surgiu quando eu ainda realizava meu trabalho de conclusão de curso de graduação. A monografia “A Festa da Cidade: Exposição Agropecuária como palco de representação da sociedade e cultura campo-grandense” foi apresentada no ano de 2004, como pré-requisito para obtenção de título de bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Tal etnografia, realizada na exposição agropecuária de Campo Grande (Expogrande) tinha como foco a apreensão das diversas atividades que aconteciam no evento e de que maneira os freqüentadores da feira se apropriavam dos inúmeros espaços para encontrar “sua turma” e se divertir. Um dos objetivos era perceber como os habitantes de Campo Grande tinham transformado a exposição agropecuária em festa, na mais significativa festa da cidade.

Nesse trabalho realizei observações de campo nos vários ambientes da feira. Conversei com os organizadores, participei dos grandiosos leilões e julgamentos, acompanhei o trabalho de peões e tratadores de gado, fui aos shows e rodeios, freqüentei as badaladas “nights” dos bares e boates instalados na exposição. Dessa pesquisa obtive mais de quarenta entrevistas e fiz um pequeno levantamento da história da Expogrande.

Pesquisando outras dissertações, teses, livros e monografias sobre feiras e exposições descobri que a idéia de analisar uma feira agropecuária como “festa” era recorrente. Muitas cidades, médias e pequenas, cuja principal atividade geradora da economia está ligada à agricultura ou pecuária, possuem um evento de agronegócio transformado em festa, que atrai uma multidão de visitantes.

O trabalho de Dulce Pamplona Guimarães (1996) trata disso. Ela analisa três feiras agropecuárias no Nordeste Paulista (Exposição de Batatais, de Ribeirão Preto e de Franca) e com o suporte teórico de autores clássicos da antropologia como Malinowski,

Durkheim e Mauss, apreende a dinâmica do ritual, das festas que acontecem nas feiras de agricultura e pecuária:

“Buscamos explicitar, portanto, o universo complexo que as feiras-festas encerram. Partimos do pressuposto de que elas não são apenas espaços/tempos de compra e venda. Vão muito além, constituindo-se em locais e ocasiões de rica multifunconalidade. Nelas, as elites exercem seu poder simbólico, enquanto os outros grupos ressemantizando os objetos exclusivamente econômicos, constroem e reconstroem identidades e memórias locais”. (Guimarães: 1996, 24)

Essas feiras, como é o caso da Expogrande, das já estudadas exposições agropecuárias de Araçatuba⁴, de Uberaba e tantas outras, têm se transformado ao longo dos anos nos grandes eventos das suas cidades. Além de geraram muitos empregos – diretos e indiretos – e apresentarem as mais novas tecnologias que contribuem com a produção da pecuária e da agricultura, atraem um grande número de visitantes locais e turistas.

Como grandes festas, as populações dessas cidades criam sentimentos de pertença a esses eventos. Mais do que isso, para ser “araçatubense” ou “campo-grandense” é preciso participar do maior evento festivo de sua cidade: que é a feira agropecuária.

Além do tema “festa/ ritual” ser de grande importância para as ciências humanas e sociais, a partir do fim da década de oitenta, a moda *country* e a música sertaneja ganharam um significativo espaço na mídia brasileira. Nos primeiros anos da década de noventa redes de televisão disputaram espaço para transmitir as mais celebradas festas de rodeio (a Rede Globo de televisão acompanhou no ano de 1991 a Festa de Peão de Barretos). As duplas sertanejas ganharam notoriedade nacional, telenovelas exploravam

⁴ A exposição de Araçatuba foi o objeto de estudo da dissertação de mestrado de AVEZUM, Laura Maria Mattar. “**Eventos agropecuários e turismo – A 42º Exposição Agropecuária de Araçatuba**”. Dissertação de mestrado apresentada junto ao programa de pós-graduação de Ciências da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP), 2002.

espaços bucólicos, paraísos ecológicos e cenários do campo (vide a novela “Pantanal⁵” – 1990-, transmitida pela Rede Manchete e a novela “Rei do Gado”- 1996 - da Rede Globo).

Durante as minhas primeiras incursões a campo ainda realizadas na graduação, desconhecia muitos personagens e atividades imprescindíveis para o funcionamento das exposições. Nunca tinha participado de um leilão, não sabia que nas feiras de pecuária aconteciam julgamentos de animais... Para mim, assim como para a maioria das pessoas que têm pouco contato com esse universo, a tarefa de peões que participavam de exposições estava restrita à montaria em bois e cavalos nos grandes rodeios.

Via a Expogrande como um evento extremamente peculiar, quase único, acreditava que em poucas cidades do país as populações participavam com tamanha “empolgação” das atividades de uma feira de agronegócio.

Conversando com vários interlocutores que conheciam o universo de feiras de pecuária e agricultura, percebi que os dados do trabalho de campo poderiam abrir outras frentes. A Expogrande, ainda que com toda a sua importância para a população sul-matogrossense, está situada numa ampla rede de exposições agropecuárias que perpassa todo o Brasil, faz parte, como outras feiras, de um calendário anual de eventos de agronegócio. Diversos atores que exercem atividades em exposições acompanham esse roteiro. Viajam durante todo ano, de feira em feira agropecuária.

3. Deslocamento : “Viaja peão...”

Parte do objetivo da presente dissertação é etnografar o cotidiano de certos atores que acompanham feiras agropecuárias que acontecem em todo o Brasil. O pano de fundo da pesquisa toca na questão “da ruralidade” e da “festa” já que esses interlocutores trabalham com lazer ou agronegócio nas feiras de pecuária. No entanto, o trabalho desses atores por feiras e exposições agropecuárias é o aspecto de maior importância que essa pesquisa pretende apreender.

⁵ A novela Pantanal vem sendo retransmitida, no ano de 2008, pela rede de televisão SBT.

O projeto de pesquisa já apresentado ao Programa de Pós- Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo propunha acompanhar o trabalho de peões em exposições agropecuárias. Tentar apreender a dinâmica do modo de vida contemporâneo de um certo “tipo humano” estudado recorrentemente na literatura e nas ciências humanas brasileiras: a figura do vaqueiro, do sertanejo, do homem “simples” e “rude” das comunidades rurais.

A “simplicidade” e a “rudeza” do vaqueiro ganham um outro “tom” nas exposições. A maioria deles vive ou viveu em propriedades rurais e lá aprendeu a trabalhar com os animais. Em feiras agropecuárias exercem distintas tarefas que os definem como: tratadores de gado, peões de manejo ou peões de rodeio.

Viajar e se deslocar por exposições é uma constante na vida de tratadores, peões de manejo e peões de rodeio. No entanto, apesar de serem todos peões, ocupam espaços e importâncias distintas nesse universo.

Os tratadores de gado são funcionários de fazendas que apresentam reses nesse grande circuito do agronegócio. Nas exposições de pecuária são responsáveis pelo trato e zelo com os animais, mostrar para possíveis compradores as reses que permanecem nos pavilhões de exposição e apresentar bovinos e equinos nas pistas de julgamento ou leilões.

Já os peões de manejo, permanecem nos bastidores das exposições. São *free – lancers* de empresas leiloeiras (organizações que promovem os leilões) . Trabalham com o manejo de animais em grandes cercados localizados atrás dos recintos onde acontecem os leilões. Eles são os trabalhadores responsáveis por receber, apartar, marcar e encaminhar os animais para serem arrematados.

Os peões de rodeio, cujas tarefas são as mais conhecidas, realizam atividades que pouco tem a ver com a compra e venda de animais. Lidam com a parte mais lúdica das feiras, com o espetáculo, com a festa. Quase sempre, em feiras agropecuárias, acontecem rodeios. Todavia é preciso destacar que feiras agropecuárias são eventos diferentes das festas de rodeio.

O agronegócio é fio condutor das feiras agropecuárias, nelas estão expostos insumos agrícolas, produtos veterinários, bovinos, equinos, há comercialização de animais.

As festas de rodeio são eventos exclusivamente ligados ao lazer, à diversão das populações que se dirigem a esses encontros de montaria para se divertir.

Não é incomum encontrar peões de rodeio que viraram tratadores ou peões de manejo que, entre os trabalhos de uma e outra exposição, montam em bois ou cavalos. Ainda que as atividades exercidas por esses trabalhadores nas exposições sejam distintas, todos esses peões (ao realizar esta ou aquela tarefa) conhecem esse universo. Mais do que isso: o trabalho que exercem nas feiras e exposições está por trás de toda a dinâmica de apresentação, compra e venda desses eventos.

Os proprietários rurais (donos das reses) passam poucos dias nas exposições, participam de leilões que colocam a venda seus próprios animais ou de leilões que apresentam ofertas interessantes. Normalmente, ficam dois dias em cada feira agropecuária enquanto que os peões e tratadores participam de todo o período de exposição.

Os tratadores de gado e peões de manejo conhecem as características que definem o que é um bom animal. Nos momentos que antecedem os julgamentos ou leilões, fazem especulações. Especulações essas que quase sempre são certas para dar conta do preço que o animal vai ser arrematado nos leilões ou de qual colocação ganhará nos julgamentos.

É bastante comum universidades fazerem convênios com exposições agropecuárias para que estudantes de Medicina Veterinária e de Zootecnia possam fazer estágios. Mesmo com todo o conhecimento formal adquirido nas universidades, é com os peões que esses estudantes tiram dúvidas acerca do trato e zelo com os animais.

A escolha por dar foco nas atividades realizadas por esses atores objetiva, além de fazer uma etnografia do modo de vida de “um tipo humano” – como diria Antônio Cândido – clássico na Antropologia brasileira, compreender de que maneira se organiza esse grande roteiro do agronegócio. Esse deslocamento como uma constatação, realizado por peões, mas também por outros atores que trabalham e se divertem nas exposições, dá pistas para a apreensão da dinâmica de funcionamento desse vasto circuito de feiras agropecuárias.

4. O vasto circuito de exposições;

O projeto de pesquisa apresentado ao programa de pós-graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo propunha uma etnografia localizada em eventos de agronegócio do centro-sul do país (Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Paraná). Na época (ano de 2005) desconhecia a quantidade de feiras e exposições agropecuárias que aconteciam por todo o país e imaginava que esses eventos aconteciam com mais intensidade nesses estados da federação.

Pesquisando páginas da internet especializadas, documentos de órgãos oficiais e realizando observações de campo descobri que esse universo é muito maior. Em todas as cinco regiões do país (Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste) acontecem exposições. Cidades cuja vocação econômica aparentemente está pouco ligada ao agronegócio (como as cidade de Brasília – DF, São Paulo – SP e Salvador – BA) possuem grandes e aclamadas feiras agropecuárias.

A maioria dos estudos relativos ao agronegócio está nas áreas de Economia, Administração, Medicina Veterinária e Zootecnia. As produções científicas nessa área têm preocupações estritamente econômicas ou de cunho biológico: “relacionar o crescimento da economia com o agronegócio”, “apresentar uma nova técnica de controle de pragas”, “gerenciar negócios em propriedades rurais”...

Seria audacioso dizer que esse estudo é uma pesquisa antropológica sobre agronegócio. Mas o tema agronegócio sempre estará envolvido nas discussões. A preocupação dessa pesquisa não é de apresentar números (quantidade de visitantes, números de empregos gerados ou faturamento das exposições), mas sim de descrever de que maneira as várias feiras agropecuárias (ou como dizem os organizadores, os participantes, os trabalhadores desses eventos e o poder público: feiras de agronegócio) se relacionam e quem são os atores (e que tipo de trabalho realizam) que estão por trás das principais atividades que acontecem nesses eventos.

Existe um padrão na organização das diversas exposições de pecuária que acontecem em todo o país. A organização de uma feira começa assim que a edição anterior termina. Ao final de cada exposição, os organizadores do evento se reúnem para dar conta do prestígio obtido na feira, que é conferido através da quantidade de expositores que

participaram, o número de visitantes, a resposta do público em relação aos shows e atividades de lazer ocorridas no evento e os resultados econômicos. Existe uma grande competição entre as feiras agropecuárias, que disputam os grandes expositores, os mais requisitados leilões e o maior número de visitantes.

Os julgamentos de animais são também atividades de extrema importância nas feiras de pecuária. Os animais disputam categorias (determinadas pela idade e raça) e ganham uma pontuação em cada feira agropecuária que participam. No final do ano, essas pontuações das competições das várias feiras são somadas. O conjunto dessas somas cria um *ranking* nacional das reses campeãs. Os julgamentos são as atividades que ajudam a constituir esse circuito de feiras de pecuária que tentarei descrever. Participar de várias feiras dá aos criadores (fazendeiros) maiores chances de ter um rebanho composto de animais campeões.

Para detectar esse padrão na organização e desenvolvimento desses eventos a minha estratégia de pesquisa foi a de realizar observação participante em três exposições: na Expogrande (Exposição Agropecuária de Campo Grande), na Expô Londrina (Feira Agropecuária de Londrina) e na Feicorte (Feira Internacional da Cadeia Produtiva de Carne, realizada na cidade de São Paulo). Apesar de existirem algumas peculiaridades nessas feiras (a exposição de São Paulo, por exemplo, tem um caráter mais industrial, não tem atividades de lazer), a dinâmica desses eventos é muito parecida.

As reflexões metodológicas e os dados etnográficos apresentados nessa dissertação são fruto de trabalhos de campo realizados nessas três feiras. Não são reflexões que pretendem apresentar dados localizados sobre esta ou aquela feira agropecuária (no caso dessa pesquisa Feicorte, Expô Londrina ou Expogrande).

As informações aqui dispostas são descrições etnográficas de eventos e situações presentes em feiras de pecuária. Os julgamentos, leilões e exposição de animais, provas de laço ou montaria, a presença de tratadores de gado, peões de manejo e peões de rodeio são comuns a todas essas feiras. A estratégia de descrever o cotidiano desses atores e de que forma certas atividades se desenvolvem sem com isso construir uma etnografia localizada sobre a feira de Campo Grande, de Londrina ou de São Paulo é proposital. Esses eventos acontecem de maneira muito parecida, uma feira de pecuária em Uberaba ou em Salvador apresentará os mesmos eventos (leilões, julgamentos, exposição de animais,

rodeios) e provavelmente propiciará encontros de trabalhadores (como os peões) que participam da mesma maneira ou se conhecem de outras feiras de pecuária.

É preciso destacar outra questão. A minha escolha foi fazer uma etnografia de feiras de pecuária. Uma rápida pesquisa em sites especializados em agronegócio ou até mesmo na página da internet do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, vai indicar diversas outras exposições e feiras cujo enfoque não está na criação e venda de animais. Um dos objetivos dessa dissertação é exatamente explicitar a diferença entre esses eventos.

5. Você vai pra Barretos?

Quando, em conversas informais com sujeitos que pouco conhecem a dinâmica dessas feiras, falo da minha pesquisa recorrentemente as pessoas me perguntam: “Você vai pra Barretos”? A Festa de Peão de Barretos é um dos mais importantes eventos do calendário nacional de rodeios. A projeção dessa festa na mídia (nos jornais, telenovelas) fez com que a figura dos *cowboys* e peões de rodeios fosse amplamente veiculada.

A associação de peões que trabalham em feiras agropecuárias⁶ com Barretos é quase que imediata para aqueles que desconhecem a dinâmica desses universos. Esse dado, por mais simples que possa parecer, ajuda a justificar a importância da descrição e da definição desses vários eventos que envolvem a celebração, apresentação, compra e venda da produção do campo.

Explicar a organização desse amplo circuito de eventos de agronegócio não é uma tarefa fácil. Primeiramente porque todos esses eventos, de uma certa forma, estão associados (já que são eventos de agronegócio). E também porque uma única feira pode abrigar (no sentido de apresentar, vender e oferecer entretenimento) diversas atividades.

Para descrever melhor esse grande contexto optei por separar esses eventos em quatro categorias: festas de rodeio, exposições de pecuária, festas temáticas e “agrishows”.

⁶ Os tratadores de gado durante o trabalho de campo sempre gostam de enfatizar essa diferença entre o trabalho que executam e as atividades dos peões de rodeio. Como o trabalho dos peões de rodeio é o mais popular, o mais conhecido, recorrentemente os tratadores são confundidos por freqüentadores das exposições com esses atores.

Apesar do foco da minha pesquisa estar nas exposições de pecuária (ou “Pecuárias”⁷), como são chamadas, de forma coloquial, pelos seus frequentadores) descrever como funciona esse grande circuito é fundamental para evitar confusões, relativas, inclusive, ao próprio trabalho dos peões que tenho estudado.

As festas de rodeio, grandes competições de montaria em bois e cavalos, são os eventos mais populares, atraem milhares de pessoas em busca de diversão e entretenimento. São comemorações, eventos esportivos que além de incluírem montarias e rodeios, promovem provas de laço que exigem habilidade de cavaleiros e amazonas.

Os “agrishows” são exposições de máquinas e implementos agrícolas. A maioria das atividades desses eventos está vinculada à agricultura. São feiras que apresentam as mais novas tecnologias para a produção agrícola. Na maioria desses eventos não há opções de lazer (não acontecem shows, rodeios, não existem praças de alimentação), são exposições destinadas a produtores rurais e estudiosos interessados no agronegócio.

Chamo de festas temáticas aquelas feiras, ou melhor, festas, que celebram a produção de um produto agrícola específico. Como por exemplo, a “Festa da Uva de Vinhedo”, a “Festa do Morango de Atibaia”, a “Festa do Milho de Patos de Minas”. Esses eventos também têm um caráter mais comemorativo. Apesar de acontecerem competições nessas festas (como disputas do fruto mais bonito, da produção mais bem tratada) e exposições de frutas, a importância maior é dada a participação das populações, ao entretenimento.

As feiras de pecuária são os espaços que escolhi para realizar observações de campo. Na maioria delas há uma gama de opções de lazer e entretenimento. Acontecem shows, bailes de música sertaneja, em algumas existem boates e bares “moderninhos”⁸, são

⁷ Ao longo dessa dissertação utilizarei o termo “Pecuária” ou feira de pecuária para nomear os eventos que apresentam a compra, venda e apresentação de animais como protagonistas. O termo “Pecuária” é nativo e o nome feira de pecuária é oficial, dado pelos organizadores e estudiosos desses eventos. O termo feira agropecuária ou feiras de agronegócio serão utilizados para falar de forma genérica dos quatro tipos de eventos: feiras de pecuária, agrishows, festas de rodeio ou festas temáticas.

⁸ São instalados, todos os anos, na exposição agropecuária de Campo Grande (EXPOGRANDE) bares e boates. As pessoas que se dirigem a esses locais, participam da exposição para se divertir e dançar música

instalados parques de diversões, há inúmeras opções de alimentação (desde barraquinhas com sanduíches e churrasquinhos até restaurantes e churrasarias suntuosas).

Os negócios (em virtude da compra e venda de gado nos leilões, julgamentos de animais e apresentação de reses campeãs) são as atividades que geram mais lucros para as “Pecuárias”. Atraem produtores rurais, peões, expositores (de insumos agrícolas e de produtos para alimentação e zelo dos animais) e estudiosos do agronegócio.

6. Quando o campo é a feira agropecuária...

Essa pesquisa não pode ser vista como um estudo de Antropologia Urbana, tampouco de Antropologia Rural. Como tentei mostrar nas páginas anteriores nesse grande universo das feiras agropecuárias e do agronegócio, as velhas dicotomias tradição X modernidade, campo X cidade não podem ser tomadas como ponto de partida.

Os caminhos teóricos e metodológicos utilizados por mim para a construção dessa pesquisa também não seguem os velhos cânones, ora incorporo os caminhos de Antônio Cândido para apreender o trabalho dos peões, ora o legado da Antropologia Urbana. Não poderia ser de outra forma, nas feiras agropecuárias o trabalho de vaqueiros e peões anda de mãos dadas com a tecnologia. E a oposição campo/ cidade não parece suscitar grandes problemáticas para trabalhadores e freqüentadores de feiras e exposições agropecuárias.

Desde o início da década de noventa, José Guilherme Cantor Magnani, coordenador do Núcleo de Antropologia da Universidade de São Paulo⁹, vem pensando e propondo categorias que ajudam a compor recortes, fronteiras e unidades de análise para apreender a dinâmica das redes de sociabilidade da cidade. Essas categorias foram sendo construídas ao longo de vários trabalhos etnográficos que privilegiaram práticas de lazer,

eletrônica durante toda a madrugada. No meu trabalho de conclusão de curso, incorporei a fala de peões e tratadores, que chamavam os freqüentadores desses espaços de “moderninhos”.

⁹ O Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo (USP) foi formado desde o ano de 1988. Desde então, reúne pesquisadores de iniciação científica, mestrado e doutorado para estudar as relações que se constituem em centros urbanos ou nas “sociedades complexas” e também para discutir metodologias ligadas à prática do trabalho de campo e escrita etnográfica.

locais de encontro e formas de sociabilidade de vários grupos que habitam a Paulicéia. Tais categorias - “pedaço”¹⁰, “trajeto”, “mancha” e “circuito”- já se tornaram referências para a composição de pesquisas em que o espaço urbano serve de cenário.

As feiras agropecuárias acontecem nas cidades e como os peões e fazendeiros gostam de afirmar “só nas cidades que elas podem acontecer”. Essa pesquisa poderia, como outros estudiosos já fizeram e eu mesma já fiz, relacionar a feira de pecuária com a cidade em que ela acontece, analisar em que medida as exposições tem importância afetiva, cultural e econômica para “londrinenses”, “campo-grandenses” ou “paulistanos”.

A minha escolha foi seguir um outro caminho. Foi a de privilegiar o trabalho, e de certa forma o lazer, de personagens que participam de várias exposições de pecuária. Poderia ter realizado observação participante em outras exposições porque no caso dessa pesquisa o “cenário” ou “o pano de fundo” não é a relação que esses personagens estabelecem com a cidade em que esta ou aquela feira acontece ou com as atividades que realizam em uma feira específica, mas sim um contexto maior: o grande roteiro do agronegócio.

Para dar conta da descrição desse universo, tomo emprestada a categoria circuito elaborada por José Guilherme Cantor Magnani (2002) :

“Há, por fim, a noção de circuito. Trata-se de uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contigüidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais: por exemplo, o circuito gay, o circuito dos cinemas de arte, o circuito neo-esotérico, dos salões de dança e shows black, do povo-de-santo, dos antiquários, dos clubblers e tantos outros”.

¹⁰ Magnani produziu vários textos que apresentam essas categorias. Considero essenciais três deles: “Quando o campo é a cidade: Fazendo Antropologia na Metrópole”, publicado no livro: “Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana”(2000), o livro “ Festa no pedaço”(1998) e o artigo “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”, publicado na Revista Brasileira de Ciências Sociais (2002).

Parto do princípio de que os atores que participam de várias feiras de pecuária e agricultura constituem uma rede e que o deslocamento desses sujeitos que trabalham ou participam desses eventos não é aleatório, é feito dentro de circuitos (dados pela vocação desses eventos, pelo trabalho que realizam).

O que tentarei discutir na presente dissertação é em que medida a noção de circuito (elaborada por Magnani) pode ser aplicada em contextos maiores (no caso dessa pesquisa, no contexto de feiras de agronegócio que acontecem em todo o Brasil). Tentarei descrever os circuitos que se organizam entre os eventos de agronegócio e de que maneira alguns dos personagens desse universo (peões de manejo, peões de rodeio e tratadores de gado) transitam pelas feiras e exposições.

Essa rede do agronegócio tem grandes dimensões e já que passa por todo o Brasil precisa de inúmeros atores para acontecer e tem proporções que não se restringem a uma determinada região ou “pedaço” da cidade. O agronegócio e a celebração dele são os fios condutores desse universo, os limites espaciais ou a unidade de análise (os circuitos) são dados pelos eventos que ocorrem nessas feiras e festas: rodeios, julgamentos, exposições e leilões de animais.

Seria bastante frutífero para essa pesquisa acompanhar um grupo de peões durante todo o ano pelas diversas feiras que participam. Mas as observações de campo já realizadas forneceram muitos dados para a apreensão desse “roteiro” e das atividades que esses atores exercem nas feiras de pecuária. As viagens e esse trânsito por várias exposições é temática recorrente nas conversas de tratadores, peões de manejo e peões de rodeio.

7. A Etnografia;

Nos últimos anos geógrafos, sociólogos, historiadores, estudiosos de marketing e cientistas políticos têm utilizado “o método etnográfico” como estratégia de apreensão do modo de vida de vários grupos. Se antes, a etnografia era um método exclusivo da Antropologia, hoje, é apropriado por outras áreas do conhecimento ¹¹.

¹¹ Duas das pesquisas que utilizo como referências fundamentais para a minha dissertação (o trabalho de João Marcos Além e o de Dulce Pamplona Guimarães) utilizam a etnografia como recurso metodológico. A tese de

Discutir os caminhos e descaminhos da construção do texto etnográfico e do trabalho de campo sempre foi preocupação dos antropólogos. O dia-a-dia de uma observação de campo é recheado de angústias, dificuldades, obstáculos e embates: De que maneira se aproximar de determinados atores? Como se portar? Usar ou não usar o gravador? Acompanhar de que forma as atividades realizadas pelos atores escolhidos como foco da pesquisa?

O trajeto da inserção no campo e as dificuldades de uma observação participante são dados importantes para pensar métodos para a Antropologia. No caso dessa pesquisa, e de tantas outras já realizadas, as estratégias de trabalho de campo e contato com os peões foram sendo repensados ao longo do desenvolvimento do estudo.

Lidar com um universo quase que exclusivamente masculino foi uma questão importante (e de certa maneira um impasse) para a presente pesquisa. Ser uma “pesquisadora” entre vaqueiros proporcionou abertura para certos temas e discussões, mas impediu que eu acompanhasse determinadas atividades com mais intensidade. Entre os peões, cotidianamente, tive que afirmar a importância desse estudo. Explicar do que se tratava minha pesquisa era tarefa recorrente a cada novo contato que estabelecia.

Foi interessante perceber como meus interlocutores reagiam e como construíam seus discursos quando descobriam que minha pesquisa era um trabalho antropológico. Aqueles que sabiam um pouco mais sobre os objetos da Antropologia, gostavam de ressaltar a importância social e econômica do agronegócio para o Brasil, as entrevistas desses interlocutores tinham sempre um tom mais erudito, mais “polido”, menos espontâneo.

Já os interlocutores que não conheciam a Antropologia, ficavam mais resabiados, intrigados e ao mesmo tempo curiosos em entender o porquê de estarem sendo estudados. Inúmeras vezes fui questionada sobre a importância da minha pesquisa, sempre me perguntavam como esse estudo poderia contribuir com a vida de peões de manejo, peões de rodeio e tratadores de gado.

Além “Caipira e Country: a nova ruralidade brasileira” foi defendida no ano de 1996 pelo Departamento de Sociologia da USP e a tese de Guimarães, “A celebração da modernidade – A Feira e Festa nas Exposições Agropecuárias do Nordeste Paulista”, também defendida no ano de 1996, foi apresentada como pré-requisito para obtenção de título de doutor em História pela Universidade de São Paulo (USP).

Pouco a pouco, consegui estabelecer bons vínculos com os peões, e se no começo da pesquisa utilizar o gravador era uma tarefa praticamente impossível, nos últimos dias de trabalho de campo, vários atores vieram até mim dispostos a contar como viviam e explicar como era o funcionamento de uma feira de pecuária.

No trabalho de campo realizado para minha monografia de conclusão de curso tinha um roteiro de perguntas a ser seguido. Como o enfoque daquela pesquisa era a festa, as mesmas questões deveriam ser respondidas pelos vários interlocutores que participavam da exposição. Nas observações de campo para o mestrado optei por não ter um roteiro fixo de perguntas, o que fiz foi gravar conversas. Essa estratégia mostrou-se muito mais frutífera, meus interlocutores ficaram mais à vontade e dispostos a responder minhas indagações com menos constrangimento.

O trabalho de campo suscitou novas questões e desconstruiu hipóteses que no início da pesquisa pareciam fundamentais. Outros eventos agropecuários (“agrishows”, festas de peão, festas temáticas) precisaram ser tipificados, a dicotomia campo X cidade saiu de cena e a idéia de agronegócio ganhou mais força e importância.

A questão espacial também ganhou um outro tom com a observação de campo. Não há um circuito de feiras agropecuárias e sim vários circuitos. As exposições não têm mais força no centro-sul, todos os estados brasileiros possuem exposições de agronegócio.

Apresento a etnografia dessa experiência nas próximas páginas. O trabalho de campo trouxe inúmeros dados; de modo geral, meus interlocutores foram bastante receptivos.

Essa dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo separo e tipifico os eventos de agronegócio em: festas temáticas, feiras de pecuárias, agrishows e rodeios com o auxílio de entrevistas, observação de campo e com trabalhos sobre feiras e festas agropecuárias realizados por outros estudiosos.

No segundo capítulo construo uma descrição etnográfica do dia-a-dia de peões em feiras de pecuária. Através da descrição de julgamentos, leilões, exposições de animais e rodeios apresento a dinâmica de funcionamento desses eventos e como o trabalho de tratadores de gado, peões de rodeio e peões de rodeio se faz fundamental para esse contexto.

Por fim, o terceiro capítulo tem o objetivo de elucidar de que maneira vaqueiros se deslocam por esses eventos. E de que maneira trocas, relações e circuitos são constituídos entre as feiras de pecuária que acontecem por todo o Brasil.

Capítulo 1

“Festas, feiras e exposições – A rede do agronegócio brasileiro”

Botas, cavalos, touros, peões, alta tecnologia genética, burburinho de uma multidão de visitantes... As feiras e exposições agropecuárias abrigam todos esses elementos e muitos mais! Durante todo ano milhares de eventos agropecuários celebram e comercializam a produção agrícola e pastoril em todo o Brasil.

No site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento estão oficialmente registrados¹² mil cento e cinquenta eventos. Somente feiras dos estados do Amapá, Pará, Paraíba e Roraima não possuem nenhum registro¹³. Em outra página da internet¹⁴ especializada em agropecuária estão cadastrados mais de cinco mil eventos. São feiras, palestras, exposições e festas que apresentam como protagonistas a produção de frutas ou vegetais, a pecuária, milionários rodeios, máquinas, implementos agrícolas e até mesmo o conhecimento da mais avançada tecnologia. Esses números ilustram a amplitude da rede do agronegócio brasileiro.

¹² Esse levantamento foi realizado no mês de Junho de 2008. No mesmo período do ano de 2007 a mesma pesquisa foi realizada e apontou o registro de oitocentos e cinquenta e seis eventos agropecuários.

¹³ O calendário oficial de feiras e exposições agropecuárias do Governo Federal contém dados fornecidos pelas associações de ruralistas ou sindicatos rurais que organizam esses eventos. Os dados dispostos são responsabilidade das instituições promotoras das feiras, exposições e festas que envolvem agricultura e pecuária. O estado de Goiás, por exemplo, apresenta somente sete eventos desse tipo (provavelmente realiza mais feiras, rodeios e exposições ao longo de um ano). O Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio também publica anualmente um livro com o calendário de várias feiras e exposições. Nessa publicação existem eventos que não são de agronegócio como feiras de artesanato, bijuterias e de construção civil. A publicação de 2007, por exemplo, apresentava somente vinte e sete eventos agropecuários.

¹⁴ A página da internet Agroagenda (<http://www.agroagenda.com.br>) é bastante completa. Apresenta eventos que vão desde palestras, cursos, reuniões de associações de ruralistas a rodeios e feiras de pecuária que acontecem por todo o país. Na agenda do mês de Junho de 2008 estavam registrados cento e quarenta e dois eventos. Esses números ilustram a quantidade de feiras e eventos agropecuários que acontecem anual e mensalmente no Brasil.

Conversas informais sobre a minha pesquisa foram bastante frutíferas para a apreensão da dimensão e importância das feiras/festas agropecuárias. Comumente ao tratar de meu tema, pessoas de variadas faixas etárias e classe sociais vieram a mim dizer: “*A minha cidade tem uma feira que você precisa estudar...*”. Ao que parece, não é um fato incomum, cidades de diversos tamanhos possuem um evento que celebra a produção econômica da pecuária ou agricultura.

Uma série de trabalhos acadêmicos tem se ocupado de apreender a dinâmica de feiras, festas e rodeios que ilustram a configuração que a noção de “rural” ganha na contemporaneidade. São etnografias, pesquisas na área de turismo de negócios, de cunho sociológico ou geográfico que analisam a dinâmica desses eventos e de que maneira as cidades se apropriam da produção oriunda do campo para se comemorar.

Esses trabalhos têm se preocupado com a descrição e apreensão da importância que esses eventos ganham como palcos de festividades e geração de emprego e renda para trabalhadores do campo e do entretenimento. É interessante notar, que a maioria desses trabalhos foram elaborados e publicados em meados da década de noventa (três deles, utilizados na presente pesquisa, são de 1996), coincidentemente numa época em que a música sertaneja e os rodeios ganhavam projeção nacional.

A presente pesquisa, como outras já fizeram, pretende também descrever e apreender a dinâmica de festas, feiras agropecuárias e rodeios. Com o auxílio dos trabalhos já realizados e com a observação participante feita em três feiras agropecuárias, pretende descrever, categorizar e acompanhar o trabalho de certos atores que viajam por várias feiras de pecuária que acontecem em todo Brasil.

Mas se os autores das pesquisas que envolvem essa temática deram foco na década de noventa à noção que o “rural” ganhava nas feiras e rodeios, hoje, me apropriro de um discurso utilizado por peões que ultrapassa a velha dicotomia campo/cidade, que valoriza aquilo que é “tecnológico”, “moderno”, que está conectado e associado não a uma territorialidade específica, mas a uma rede¹⁵ (de eventos, de relações econômicas, de sociabilidade).

¹⁵ A idéia de rede vem sendo bastante apropriada por vários estudiosos das ciências humanas: antropólogos, sociólogos, geógrafos e comunicólogos. Apesar de ser uma das discussões “da moda” no campo das ciências, a

1.1 Feiras, festas, rodeios e agronegócio;

Em sites especializados, no calendário oficial do governo federal e até mesmo nas concepções elaboradas pelo senso comum, todas as feiras, festas e rodeios que de certa maneira “celebram” a produção do campo são entendidas como eventos muito semelhantes, quando não são vistos como eventos de mesma natureza.

De fato todos esses eventos estão vinculados já que comemoram, ritualizam, vendem e apresentam a produção do campo. No entanto, para aqueles que conhecem, participam e trabalham nesses eventos, diferenciar a dinâmica de funcionamento e a finalidade de todas essas feiras e festas que envolvem o agronegócio é de importância incontestável tanto para a descrição do tipo de trabalho que esses atores realizam nessas festividades e exposições, como para especificar que tipos de atividades têm maior ou

noção de rede não surge com Latour ou Castells. Na Antropologia esse conceito se remete a Radcliffe – Brown. No artigo “On Social Structure” (1940) usou o termo rede para caracterizar a noção de estrutura social, para explicitar metaforicamente que “a estrutura social” era organizada a partir de redes de relações. Outros autores como Mayer, Barnes e Hannerz definiram o conceito de rede mais precisamente. Para Barnes, por exemplo, as redes eram campos sociais formados pelas relações entre pessoas, não eram campos sociais dados, mas construídos pelos atores que deles participam. As relações que organizam essas redes, para Barnes, poderiam ser definidas por critérios tais como amizade, vizinhança, relações de parentesco, conexões econômicas. No caso dessa pesquisa, uso o termo rede do agronegócio, para explicitar de que maneira os vários atores que trabalham, passeiam ou viajam por todos esses eventos – feiras de pecuária, “agrishows”, festas de peão e festas temáticas – mantém afinidades e relações (afetivas, econômicas, de trabalho). Todos esses eventos estão conectados não só pela força simbólica do agronegócio, pela “economia” do campo ou pelo estado e sociedades de classe que organizam esses eventos, mas sim pelas trocas realizadas por vários atores que participam deles. Os vários atores que viajam por esses vários eventos que ocorrem por todo Brasil, acabam por dividir os mesmos códigos e ser os grandes conhecedores desses contextos. Os peões que trabalham em feiras de pecuária, por exemplo, em sua grande maioria, não freqüentam “agrishows”, mas não deixam de saber como essas feiras funcionam e convivem com vários outros atores que participam desses eventos. Assim como vendedores que comercializam alimentos nesses eventos, apesar de não estarem lidando diretamente com a agricultura ou pecuária, se apropriam de um discurso que enfatiza a importância do agronegócio para o Brasil. Os encontros e trocas desses atores que participam desses eventos formam “a rede” que pretendo aqui descrever.

menor espaço em cada um desses eventos. Descrever e ordenar a dinâmica de funcionamento dessa ampla rede não é uma tarefa fácil.

Partindo do conhecimento do senso comum (achando que todos esses eventos que envolvem o agronegócio eram de mesma natureza), fui a campo imbuída de questões que para os freqüentadores e trabalhadores desse universo pareciam muito claras. Queria saber qual era a diferença na organização e desenvolvimento dessas feiras e festas. Na maioria das conversas que estabeleci, meus interlocutores faziam questão de diferenciar esses eventos e o papel dos atores que deles participam.

William¹⁶, dono de uma barraca de sanduíches instalada na exposição de Campo Grande no ano de 2007, descreveu a diferença entre essas feiras, festas e rodeios. É um grande conhecedor desses eventos, viaja por festas temáticas, festas de rodeio e feiras de pecuária comercializando lanches, salgados, coquetéis, sucos e refrigerantes. Como trabalha nesse setor há mais de vinte anos conhece muitas pessoas que como ele também viajam e tipifica de forma muito clara a diferença entre os eventos de agronegócio.

A feira de pecuária é uma feira de amostras pra negócio. Quando os criadores mostram o plantel, vêm pessoas que mexem com genética de animal, vem venda de sêmen, vem o trator, vem a caminhonete. Esse povo vem pra vender, é pros fazendeiros... envolve o dinheiro, a grana, o agronegócio. A festa de peão é um evento mais pobre! Ela não tem esse movimento financeiro, festa de peão é um evento de montaria de boi. Pra mim, pro meu comércio é interessante porque as pessoas vão lá se divertir, vão comer...

Eu também faço a Festa da Lingüiça aqui em Maracajú de 27, 28 e 29 de Abril. Aí daqui eu já fiz a Festa da Uva em Primavera, faço Festa da Soja em Rondonópolis...

No agrishow eles são mais reservados, é mais pra negócio. Não tem esse tipo de coisa, não tem “pé-sujo”, lanchonete, esse tipo de coisa eles não permitem... Lá é só restaurante. Porque o público que eu tenho aqui é o público que vem à noite, eles não, não vão lá pra ver nada, vão comprar, vender, vão almoçar...Os negócios são feitos

¹⁶ Ver parte da entrevista com William nos anexos dessa dissertação.

durante o dia, quando dá cinco, quatro horas da tarde não tem ninguém no parque.

Como o discurso de William aponta (e como muitos interlocutores afirmaram) apesar de todos esses eventos estarem relacionados, certas atividades e certos atores fazem parte de determinados tipos de festas ou feiras. Somente nas feiras de pecuária, por exemplo, tratadores de gado e peões de manejo realizam serviços. Não existem praças de alimentação e atrações de lazer (rodeios, parques de diversão) nos “agrishows”. Cada um desses eventos abriga e incorpora atores que realizam atividades específicas.

As categorias desde sempre foram um problema para os trabalhos antropológicos. Separar as relações, fatos, formas de sociabilidade, tipos humanos - no caso dessa pesquisa: eventos - que os antropólogos estudam em “categorias” requer que um “eixo comum” norteie e dê forma àquilo que separamos (em categorias) para melhor explicar um contexto específico.

Incorporando o discurso nativo sobre esses eventos com as minhas observações durante o trabalho de campo, separei essas feiras e festividades em quatro tipos: **feiras de pecuária, agrishows, festas temáticas e rodeios.**

João Marcos Além (1996), em seu doutorado, fez uma pesquisa cujo recorte se aproxima ao meu estudo. Analisou cerca de dezoito feiras e exposições agropecuárias dos estados de Minas Gerais e São Paulo. Partiu do princípio de que todos esses eventos que analisou eram espaços em que se podia verificar de que maneira “o rural” se configurava na contemporaneidade. Com o auxílio teórico de autores que estudaram campesinato, indústria cultural e relações campo- cidade verificou de que maneira “a ruralidade” ganhava força em exposições agropecuárias e rodeios:

“Formou-se uma verdadeira rede simbólica da ruralidade, reiterada, ainda, pelas grifes do vestuário, pelo consumo de objetos de arte e de peças do artesanato rural, pela decoração rústica dos mais diversos ambientes sociais como residências, lojas, restaurantes, boates, clubes, hotéis, pavilhões de eventos públicos e outros. A ruralidade não se situa mais unicamente no campo. A categoria rural expandiu-se para o que é socialmente impreciso, até tornar-se quase indefinida, graças à potência publicitária abrangente que lhe conferiram esses eventos, seus rituais e produtos” (Além:1996,1)

Ao tentar compreender o contexto da “nova ruralidade”, Além aponta que o Brasil da década de oitenta, altamente industrializado, com o mercado da indústria cultural crescente, consumo massificado e informatizado se viu surpreendido com a notoriedade que “o rural” ganhava. Segundo o autor *“jamais a ruralidade se projetou no imaginário social brasileiro com tamanha forma simbólica afirmativa”*(pg.24). O “caipira tradicional” de Antônio Cândido reapareceu em nova roupagem: o produtor rural é agora um homem de negócios do ramo do *agribusiness*, empresários investem no turismo em sítios e fazendas, rodeios e feiras agropecuárias entram no circuito dos maiores e mais prestigiados eventos do país, cowboys, cowgirls, peões, músicas neo-sertanejas invadem inúmeros espaços urbanos.

Além (1996) fez trabalho de campo em vários eventos: feiras de pecuária, em festas temáticas, em rodeios e em “agrishows”... Descreveu como essas feiras e festas são organizadas, mas não deu importância no desenvolvimento e na finalidade de cada um desses eventos para aqueles que trabalham e participam dessa rede. Tratou todas essas exposições e festividades como espaços de mesma natureza. A preocupação maior de Além, nesse trabalho, foi a de rever as idéias de “rural” e de “urbano” tomando as feiras e exposições como contextos que ilustram essa realidade.

Esse trabalho pretende avançar a discussão já apresentada por Além. Tomando a idéia de agronegócio como ponto de partida, pretende classificar esses eventos e separá-los conforme suas finalidades econômicas e/ou festivas.

O agronegócio ganha força nessa classificação porque conforme os discursos dos trabalhadores que realizam serviços nas feiras agropecuárias e como os documentos oficiais do governo apontam é o agronegócio que define e categoriza todos esses tipos de exposições e festas.

1.2 Agronegócio: O que é isso?

O termo agronegócio é incorporado, corriqueiramente, nos discursos de economistas, administradores de empresas, zootecnistas, veterinários, fazendeiros e peões, assim como em jornais, revistas e como não poderia deixar de estar, nas conversas de frequentadores e trabalhadores de exposições agropecuárias.

Para explicar a diferença entre todos esses eventos os conhecedores e trabalhadores desses universos se apropriam da idéia de agronegócio para categorizar os diferentes tipos de feiras, festas e exposições. Muitos interlocutores em suas entrevistas utilizavam a expressão “é de agronegócio” ou “não é de agronegócio” para explicitar as diferenças entre festas temáticas, feiras de pecuária, “agrishows” ou rodeios.

No caso desses eventos, “ser de agronegócio” é apresentar novas tecnologias, veicular conhecimentos e colocar à venda insumos agrícolas, animais, aditivos da genética. Os eventos de agronegócio, segundo meus interlocutores, são aqueles em que a comercialização ganha maior importância.

Procurando em jornais e revistas os suplementos que tratavam do campo ou do “agribusiness”¹⁷, em artigos científicos nas áreas de administração ou economia e com as informações obtidas durante o trabalho de campo, propus uma primeira aproximação a esse ramo de atividade. Trata-se de um conhecimento e uma prática que envolve vários elos da produção (tanto intelectual, como da produção pecuária e agrícola). No agronegócio estão envolvidos conhecimentos jurídicos, econômicos, genéticos, tecnológicos que juntos vão dar conta de aprimorar a produção agrícola e pastoril. Nas fazendas de agronegócio,

¹⁷ O termo agribusiness aparece pela primeira vez no ano de 1957 num texto publicado pelos professores John Davis e Ray Goldberg da Universidade de Harvard. O artigo “The Genesis and Evolution of Agribusiness” (1957) destaca que a produção agrícola e pastoril deveria ser entendida não só no contexto das propriedades rurais, mas sim de um modo mais sistêmico, englobando a soma de todas as operações e participantes envolvidos na produção, processamento, marketing, compra e venda dos produtos do campo, desde as fazendas até o consumidor final. A “visão sistêmica” da produção agrícola e pastoril ganha força no Brasil, sobretudo, a partir dos anos oitenta.

Os especialistas dessa área costumam utilizar as expressões “antes da porteira”, “pós - porteira” e “dentro da porteira” para cunhar todas as etapas que fazem parte das atividades do agronegócio. Os setores “antes da porteira” são os fornecedores de insumos e tecnologia para a produção do campo (implementos, máquinas, medicamentos, sementes, defensivos, conhecimentos da genética). O setor “dentro da porteira” opera com as atividades que ocorrem dentro das propriedades rurais (criação de animais, plantio) e os setores “pós porteira” lidam com a industrialização, distribuição, embalagem, marketing, armazenamento e consumo dos produtos. Essas expressões dão conta de explicitar de que maneira a especialização e o desenvolvimento tecnológico ganham espaço na “era do agronegócio”. Ver o trabalho de Marcos Fava Neves “Agribusiness: Conceitos, tendências e desafios” (1996)

contemporaneamente, trabalham engenheiros florestais, advogados, zootecnistas, farmacêuticos, veterinários e também vaqueiros, peões e “camaradas”.

Um de meus interlocutores, Sandro Rogério¹⁸, gerente de uma fazenda de pecuária, definiu o que ele entende por Agronegócio:

O agronegócio é o seguinte: é a parte que tá relacionada com o modo que eu vou produzir a carne, entendeu? A que preço vou produzir pra mim colocar no mercado... Então, são ferramentas que você vai adquirindo pra você melhorar o seu “agronegócio”. O agronegócio é carne, é cana-de-açúcar, é tudo que tá relacionado com a agricultura e pecuária, é tudo que vem do campo. E hoje, se o campo pára a cidade pára. Porque a gente produz carne, a gente produz cana pro álcool, a gente produz milho pra tratar carne, pra tratar as galinhas, pra tratar o porco, pra tratar tudo, entendeu? A soja que vai fazer o óleo e esse óleo vai pra cozinha da dona-de-casa, entendeu? Então o agronegócio é tudo isso, tudo que está relacionado com a agropecuária.

No agronegócio a dicotomia rural X urbano perde força. Para a produção agroindustrial dar certo é necessário que atividades sejam realizadas tanto no campo como nas cidades.

O agronegócio veicula a idéia de que o rural e o urbano estão num mesmo plano. E como engloba vários “elos” da produção agropastoril, ajuda a reforçar um discurso que valoriza as atividades realizadas por todos os trabalhadores envolvidos na produção agroindustrial.

Tal discurso coloca o trabalho dos vaqueiros que lidam com o gado nas exposições, por exemplo, no mesmo patamar de importância com o trabalho exercido pelos veterinários ou pesquisadores que estão por trás das misturas genéticas realizadas nos laboratórios para produzir novas raças de animais. A idéia do agronegócio, de entender as atividades “antes da porteira”, “dentro da porteira” e “pós porteira” como parte de um mesmo processo, produz um discurso político – especialmente apropriado por peões no contexto das exposições– que tenta desfazer algumas hierarquias, enfatizando a idéia de que

¹⁸ Ver a entrevista de Sandro Rogério nos anexos dessa dissertação.

o serviço realizado por todos os atores envolvidos – sejam eles mais ou menos estudados e melhor ou pior remunerados – são essenciais para que essa cadeia funcione e gere lucros.

Figura 1: Folder de uma fazenda que cria gado da raça *Caracu*

A atmosfera (comercial e festiva) das feiras agropecuárias reforça a importância do *agribusiness*. O agronegócio aparece nesses contextos como um conhecimento e uma prática “salvadora”, que une campo e cidade, que gera empregos, que produz divisas. Fazendeiros, organizadores das exposições e peões se apropriam dessa idéia que valoriza o “campo”, mas um “campo moderno”, tecnológico, ligado aos grandes mercados.

Chiquinho, tratador de gado e caminhoneiro¹⁹ foi um dos interlocutores com quem mais mantive contato. Ele mora na cidade de Brasília, trabalha para uma fazenda que

¹⁹ Os caminhoneiros trabalham junto com os tratadores de gado. Viajam com os peões pelas várias exposições transportando o gado que vai ser apresentado ou exposto. Alguns caminhoneiros são funcionários das fazendas que apresentam suas reses nas feiras de pecuária, mas grande parte deles trabalha como “free-lancer”, sendo contratados para realizar um trabalho específico, como por exemplo, transportar animais de uma fazenda para determinada exposição agropecuária.

comercializa gado da raça *Bhraman*, conhece várias exposições agropecuárias. Durante nossas conversas Chiquinho gostava bastante de enfatizar a importância das exposições como vitrines da produção do campo:

Acho que exposição é coisa da cidade, mas é coisa do campo também. Porque isso aqui melhora pro pessoal da cidade ver que o pessoal do campo... É as duas coisas junto, eles vão ver que o pessoal do campo tá trabalhando realmente pra que ele tenha o conforto da cidade, sem o campo não ia ter alimentação pro pessoal da cidade, não teria carne, não teria nenhum tipo de alimento...Então, quem deve ser valorizado, realmente no Brasil, é o trabalhador rural. Cê vê que o PIB brasileiro é mais pelo campo, né? Não é pela cidade, a cidade pouco produz pra ele. Então é uma importância muito grande o campo na cidade e a cidade no campo.

Para os conhecedores, freqüentadores e trabalhadores desse universo de feiras e exposições o agronegócio dá um sentido mais tecnológico, comercial, moderno a esses eventos. Quando meus interlocutores utilizavam a expressão “é de agronegócio”, queriam dizer que na feira ou festa em questão, a comercialização, apresentação de animais, insumos agrícolas ou produtos veterinários eram as atividades de maior importância. Conforme os dados de campo apontaram, as feiras de pecuária e os “agrishows” são eventos de agronegócio.

Nas minhas andanças por feiras e exposições agropecuárias encontrei uma “celebridade” do mundo do agronegócio. Rodrigo, o Cowboy, foi um dos ganhadores de uma das edições do “reality show” Big Brother. O Cowboy é garoto-propaganda de uma empresa de rações e insumos agrícolas. Viaja por várias exposições e rodeios que acontecem em todo o Brasil divulgando produtos que contribuem para o aprimoramento da produção agrícola e pastoril. As atividades que Rodrigo realiza nas exposições dão conta de ilustrar a dinâmica de funcionamento dessa grande rede e em que medida o agronegócio tem importância fundamental nesse contexto.

“Participo de muitas exposições, graças a Deus. Vamos pôr assim, festas countrys que a gente chama hoje, a gente vai em poucas, tá meio devagar...Mas em feiras agropecuárias a gente tá sendo muito mais cotado, usando a imagem junto com a “Ouro Fino” que leva a gente a várias exposições, onde a gente mostra o trabalho da gente, a interação, explicando o que é um produto, o que é outro... Uma firma que tá me ajudando demais e a gente tá tentando mostrar o trabalho da gente.

Hoje as feiras são muito importantes pro meio rural da gente, na qual a gente enxerga o agronegócio interagindo de uma forma crescente e como eu também sou do ramo, sempre fui e hoje mais ainda, eu procuro ter esse segmento e crescer junto com ele. Porque mais pra frente eu vou ser desse meio da parte mais particular, não mais na parte artística, então eu procuro ver esse segmento, abranger o máximo que eu posso desse meio rural e ajudar, né? Fazer o que eu posso... Tentar ajudar! Porque as exposições estão no Brasil todinho, a gente já foi de Norte a Nordeste, Leste, Sul... Câ vê uma coisa muito bonita, todos com um objetivo: agronegócio, com culturas diferentes. Cada um no seu estado, cada um na sua região. Eu vejo isso como uma interação, bonita, aonde devargazinho tá todo mundo pegando a cultura do outro, interagindo de uma forma bonita. Não é aquela briga como era antigamente, “eu não me misturo com o estado de São Paulo”, “Mato Grosso do Sul não se mistura com o Mato Grosso do Norte” e aquele rolo. Não! Hoje está todo mundo imbuído em um só objetivo: negociar e ter uma produção com qualidade e quantidade. O Brasil merece isso. Tá todo mundo enxergando de uma forma muito inteligente, tá aí as exportações da gente que tão só aumentando....

O trabalho de Rodrigo por exposições e rodeios ajuda a compreender a rede que envolve o agronegócio que pretendo aqui descrever. O “ex-big brother” viaja por rodeios, festas temáticas, agrishows e feiras de pecuária fazendo propaganda dos produtos da Ouro Fino. Essa empresa produz desde medicamentos de uso veterinário, rações a capins especiais. Cowboy vai a todos esses tipos de eventos (com menos ou mais intensidade)

porque essa empresa participa desse mercado (do agronegócio) de forma muito ativa, comercializando e divulgando vários produtos .

Figura 2: Rodrigo (Cowboy) com funcionário da Ouro Fino (Foto: Natacha Leal)

A idéia de agronegócio como atividade econômica fundamental para o Brasil está presente no discurso de Rodrigo. Além de mostrar de que maneira participa desses eventos, Cowboy (como outros interlocutores que conversei nas minhas observações de campo) reforça em sua entrevista que o agronegócio cresce em várias localidades do país com uma produção “de qualidade e de quantidade”.

Não é incomum encontrar artistas e famosos nas feiras agropecuárias e rodeios. Muitos trabalham como Rodrigo, divulgando os produtos de determinada empresa. Outros participam desses eventos como expositores²⁰ ou compradores de animais nos grandiosos leilões.

²⁰ Uma das celebridades mais famosas nas conversas de peões e tratadores de gado é a apresentadora Ana Maria Braga da Rede Globo. Ela é uma das maiores produtoras da raça *Brahman*. Não é incomum vê-la participando de feiras e exposições agropecuárias. As duplas sertanejas Zezé de Camargo & Luciano e Bruno & Marrone também são criadores de gado. Na Feicorte do ano de 2007, o ex-governador do estado de São

Como a entrevista de Rodrigo aponta essa empresa também expõe em festas de rodeio (festas *countries*, como ele disse), mas de forma mais tímida. Apesar de esses eventos terem um apelo popular bastante grande, nas feiras de pecuária ou agrishows que maiores negócios e comercialização podem acontecer. Os produtores e empresários rurais expõem e participam de agrishows e feiras de pecuária, enquanto que as festas de rodeios são competições de montaria, que atraem um público não necessariamente envolvido com a cadeia produtiva do agronegócio.

1.3 A difícil classificação;

As entrevistas e a observação de campo dessa pesquisa foram realizadas em feiras de pecuária. As feiras de pecuária foram os espaços escolhidos para a apreensão da dinâmica de deslocamento e movimento de certos atores (tratadores de gado, peões de rodeio e peões de manejo) por esses eventos de agronegócio.

Como já afirmei, no início do trabalho de campo, desconhecia essa vasta rede e para mim, foi uma grande descoberta entender como esses vários eventos funcionavam e de que maneira esses atores atuavam nesse circuito. Foi o trabalho de campo que suscitou a necessidade de classificar e tipificar todos esses eventos.

Os estudos sobre feiras de agronegócio e rodeios já realizados, quase sempre, seguem dois caminhos. Um deles é tomar uma gama de eventos agropecuários como palcos de demonstração de uma determinada realidade (o trabalho de Além, por exemplo, vê todos esses eventos como simulacros de uma nova ruralidade). Outro caminho é analisar um único evento, uma feira, um rodeio de uma localidade específica como festa, como palco de celebração e comemorações para uma cidade ou estado.

Esses dois tipos de análise deixam de lado questões fundamentais. Cada um desses eventos que envolvem agronegócio abriga diferentes tipos de atores e atividades. Outra questão é que as feiras têm importância não somente para uma cidade ou um estado

Paulo Orestes Quércia estava presente. A participação de pessoas públicas nesses eventos normalmente é anunciada nos altos falantes dos parques de exposição ou pelos locutores dos leilões. O comentarista esportivo Galvão Bueno da Rede Globo atua em algumas feiras como narrador de leilões.

específico, todos esses eventos estão articulados formando uma rede de comercialização, entretenimento e de uma certa competição²¹ (pelos maiores números de visitantes e maior geração de divisas).

O foco dessa pesquisa está nas atividades realizadas por certos atores nas feiras de pecuária. O trabalho dos peões de manejo, peões de rodeio e tratadores de gado está por trás da organização, desenvolvimento, compra, venda e lazer desses eventos. Esse trabalho, por privilegiar esses atores específicos atuando em feiras de pecuária, poderia deixar de lado a tipificação de todos os outros eventos que envolvem agronegócio.

No entanto, vejo uma necessidade na classificação dessas várias feiras e festas de agronegócio que acontecem por todo Brasil. Primeiramente pela quantidade desses eventos: cidades pequenas, médias e grandes realizam anualmente feiras agropecuárias ou rodeios. Depois porque as atividades realizadas pelos atores que analiso só podem ser apreendidas e descritas dentro de um contexto específico (que é a feira de pecuária).

Descrever os outros eventos de agronegócio contribui decisivamente para explicitar esse particular contexto em que tratadores de gado, peões de manejo, peões de rodeio realizam atividades. Ajuda também, a preencher uma lacuna nos trabalhos acadêmicos sobre essa área que acabam incorporando uma idéia do senso comum que entende todos esses eventos como festividades e feiras cujas finalidades e comemorações são as mesmas.

A minha escolha metodológica foi a de desterritorializar esse universo. Por razões relativas ao movimento dos atores que analiso e por meu próprio trânsito e deslocamento, optei por realizar observação participante em feiras de pecuária nas cidades de São Paulo, Londrina e Campo Grande, mas poderia ter feito trabalho de campo em outras feiras.

²¹ Guimarães (2006) analisa a competição existente entre as várias feiras. Um dos subtítulos de um dos capítulos da autora é “A nossa festa é a melhor”. De fato, as várias exposições e festas agropecuárias gostam de enfatizar que são melhores que outros eventos de mesma finalidade. O slogan da Expô Londrina 2007 era “A maior feira agropecuária da América Latina”, na Expogrande os organizadores diziam que Campo Grande é a capital da pecuária. Todas essas estratégias de marketing têm a finalidade de realçar a importância de cada um desses eventos e valorizá-los como eventos únicos, e é claro, mais lucrativos e populares que os demais.

Os autores de trabalhos que compartilham temáticas semelhantes com a minha tiveram outras opções teórico-metodológicas. Guimarães (1996) escolhe feiras agropecuárias do nordeste paulista para realizar trabalho de campo, Pimentel (1996) opta por etnografar uma festa de rodeio na fronteira dos estados de Minas Gerais e São Paulo, Avezum (2001) toma a feira agropecuária de Araçatuba para fazer um estudo sobre “turismo de negócios”, Além (1996) participa de dezoito festas de rodeio e feiras agropecuárias para analisar de que maneira “o rural” ganha força na contemporaneidade, Pires (2004) constrói uma etnografia da Festa da Uva da cidade de Vinhedo.

Com o apoio desses trabalhos e através das entrevistas e observação participante realizadas nas feiras agropecuárias de Londrina, São Paulo e Campo Grande, tentarei aqui explicitar as diferenças entre esses eventos. Deixo claro que nesse universo, existem pequenos circuitos dentro de um grande circuito. Por esse motivo, entender todos esses eventos como feiras e festividades de mesma natureza (como muitos estudiosos fizeram) não é uma escolha errônea. Como já pontuei, esses eventos estão relacionados – a idéia de agronegócio está presente em todos eles – e certos atores – como o ex-Big Brother Rodrigo – participam de forma ativa de todos esses tipos de eventos.

1. 4 Por que “Pecuárias”?

Os circuitos e a circulação de atores por essas várias feiras e comemorações não são tão fechados. Poderia dizer que existe “o circuito dos agrishows”, “o circuito das festas temáticas”, “o circuito das feiras de pecuária” e “o circuito de rodeios”, mas como tentei ilustrar (e como será descrito nas próximas páginas) certos atores se movem de forma ativa por todos (ou quase todos) esses eventos.

As “Pecuárias” (onde foram realizadas as observações de campo dessa pesquisa) agregam várias das atividades que ocorrem nos demais eventos de agronegócio. As feiras de pecuária apresentam exposições de máquinas como os agrishows, abrigam provas de montaria como as que ocorrem nas festas de peão, celebram a produção do campo como as festas temáticas.

Mesmo incorporando todas essas atividades, as feiras de pecuária não são festas de peão, tampouco agrishows. Por serem eventos mais amplos acabam recebendo

mais atores. Um produtor de soja participa da Expogrande para comprar uma colheitadeira, da mesma forma que vai até o agrishow de Ribeirão Preto para realizar a mesma atividade. Um peão de rodeio vai até a Exposição de Londrina para participar da prova de montaria assim como participa dos rodeios realizados na Festa de Peão de Barretos. Famílias vão ver como se dá a produção do campo na Festa da Uva de Vinhedo do mesmo modo que vão passear nos pavilhões de exposição de animais na Feira de Pecuária de Uberaba.

Mas as exposições de pecuária abrigam outras atividades. Somente nas “Pecuárias” são comercializados animais e células reprodutoras em grandiosos leilões, os julgamentos de bovinos e eqüinos só têm razão de acontecer em eventos (como as feiras de pecuária) em que a criação de animais ganha destaque.

Por serem feiras bastante amplas, as “Pecuárias”, acabam por receber diversas atividades e ilustrar os vários elos que envolvem a produção do agronegócio: o lado acadêmico com as palestras e conferências que acontecem nesses eventos, a apresentação, compra e venda de animais, a exposição de máquinas e novas tecnologias, a celebração e ritualização do *agribusiness* com as inúmeras atividades de lazer e entretenimento que atraem as populações. Descrever e analisar uma feira de pecuária ajuda a compreender parte das relações que envolvem todos esses eventos que comemoram (e negociam) a produção do campo.

As feiras de pecuária acontecem em vários estados brasileiros. Cidades pequenas, médias e grandes realizam anualmente “Pecuárias”. Durante todo o ano vários atores (tratadores de gado, peões de manejo, peões de rodeio, comerciantes de guloseimas e artesanato, produtores rurais, vendedores de rações e insumos agrícolas, funcionários de órgãos públicos como Embrapa e Ministério da Agricultura) viajam por todos esses eventos. Meus interlocutores costumavam dizer que existe um “roteiro de ouro” das feiras de pecuária, que abarca as exposições de Uberaba - MG, Londrina - PR, São Paulo - SP, Campo Grande - MS, Araçatuba - SP e Esteio - RS. Essas seis feiras de pecuária são consideradas as maiores do país.

Em cidades pequenas as “Pecuárias” têm também bastante destaque. Além das populações transformarem essas feiras em grandes festividades (com estatuto de festa da cidade), em eventos menores boas ofertas de compra e venda ganham espaço nos leilões realizados nas exposições de pecuária. Os grandes produtores rurais (e por consequência

vaqueiros e tratadores) participam do “roteiro de ouro”, mas também das pequenas feiras de pecuária que acontecem no interior do Brasil.

O foco dessa dissertação está nas feiras de pecuária e nas atividades que certos atores realizam nesses eventos. Os peões de rodeio, peões de manejo e tratadores de gado realizam serviços que estão por trás de grande parte dos acontecimentos das “Pecuárias”.

Os tratadores de gado zelam pelos animais expostos nas feiras e apresentam reses campeãs nos julgamentos. Os peões de manejo lidam com o gado que vai ser comercializado nos leilões. Os peões de rodeio participam das aclamadas provas de montaria.

Por abrigar inúmeros acontecimentos, as feiras de pecuária, acabam por receber diversos atores e atividades que acontecem em festas temáticas, agrishows e festas de peão.

Descrever a dinâmica de funcionamento desses outros eventos contribuirá para, além de diferenciar todas essas exposições e festas, explicitar de que modo essa grande rede do agronegócio se articula por todo o Brasil. Ajuda também a ilustrar de que modo os rodeios, exposições de máquinas, de animais e apresentação de frutas ou vegetais ganham maior ou menor importância em cada um desses tipos de feiras e comemorações.

1. 5 Segura peão: As festas de rodeio.

Festas de rodeios (ou festas de peão) são eventos distintos das feiras de pecuária. Nos rodeios, as provas de laço e de montaria são as atrações principais.

Em grande parte das feiras de pecuária acontecem rodeios. Os rodeios, nas “Pecuárias”, são mais uma das atividades de lazer desses eventos. Tem a mesma

importância (comemorativa e lúdica) de outros espaços e acontecimentos como os shows de música sertaneja, praças de alimentação²² ou parques de diversões.

Anualmente ocorrem rodeios em várias cidades brasileiras. Os rodeios que acontecem em todas essas festas de peão, juntos, ajudam a constituir um circuito. Em cada festa de rodeio acontece uma competição de montaria que confere aos peões que permaneceram mais tempo no lombo de cavalos ou touros títulos de campeão. Os peões mais prestigiados são aqueles que ganham mais títulos nas várias festas de peão que acontecem por todo o Brasil.

Certos rodeios têm mais prestígio que outros. Ganhar um título na festa de peão de Jaguariúna ou de Barretos confere mais prestígio ao peão, do que ganhar a prova de montaria em touros ou cavalos na exposição de Campo Grande, por exemplo. Em algumas feiras de pecuária, como a de Londrina, os rodeios são considerados mais competitivos e requerem mais habilidade e destreza dos cavaleiros e amazonas, mas as provas mais apreciadas são aquelas que acontecem nas festas de peão - eventos em que a montaria é atividade principal.

A dificuldade em descrever esse circuito de rodeios reside nesse ponto. Algumas feiras de pecuária possuem rodeios bastante apreciados que fazem parte do circuito das grandes e disputadas competições. Por esse motivo, mesmo não sendo “festas de peão”, algumas feiras de pecuária acabam por abrigar peões de rodeio e provas de montaria que fazem parte desse grandioso e apreciado circuito.

João Marcos Além (2004) aponta que montar no lombo de cavalos xucros, era uma prática corriqueira para a doma de animais “ariscos” nas sociedades agrárias brasileiras. Essas práticas foram se tornando mais conhecidas quando, no início do século XX, tornaram-se parte de espetáculos circenses.

Os circos-rodeios, como eram conhecidos, se apresentavam esporadicamente no interior do Brasil ou em zonas suburbanas de cidades médias ou pequenas. Essas apresentações tinham como objetivo mostrar a habilidade de vaqueiros e peões na doma e

²² É bastante comum serem instaladas nesses eventos praças de alimentação. Barraquinhas de doces, lanches e salgados são dispostas em grandes corredores. Muitos frequentadores de festa temáticas, feiras de pecuária e festas de peão se dirigem a esses eventos para degustar essas iguarias gastronômicas.

controle de cavalos. Seu Lécio, pequeno produtor de café da região de São José do Rio Preto- SP, cedeu- me uma entrevista relatando como funcionavam os circos-rodeios. Um primo de seu Lécio, Danilo, era proprietário de um circo-rodeio e viajava pelo oeste do estado de São Paulo testando a habilidade de cavaleiros:

Lécio: O Danilo tinha um cavalo que ficava pulando e montou um circo com umas tábua. Sabe aquelas de campo de futebol? Que parecem um escada... Aí você sentava nas tábua e ficava assistindo. Aí de vez em quando quebrava umas tábua. (Risos)

Natacha: Mas ele tinha só um cavalo bravo?

Lécio: Bravo? O cavalo pulava! Às vezes os fazendeiros davam um cavalo bravo, emprestavam pro circo. Mas era isso aí.

Natacha: Mas quem montava?

Lécio: Ué, tinha bastante gente. Funcionava que nem rodeio, tinha uns peão. Em rodeio não tem peão? Então, ele chegava nas cidades e tinha umas pessoas que queriam montar no cavalo dele.

Natacha: E ele viajava bastante, como é que era?

Lécio: Ele passava uns quinze, quatorze dias em cada cidadinha e depois ia embora, ia de cidadinha em cidadinha.

Natacha: Esse circo tinha nome?

Lécio: Ah! Eu num lembro...

Natacha: Ele ia em que cidade?

Lécio: Ali em Cedral, em Potirendaba...

Natacha: Na região de Rio Preto?

Lécio: De vez em quando ia no Paraná... Quanto mais ruim a cidade era, mais ia o circo! (Risos)

Natacha: (Risos)

Lécio: Ele ia parando, encostando na estrada e montando o circo. Você pagava o que tinha...

Natacha: Ele não cobrava entrada?

Lécio: Cobrava! Mas cê sabe, né? Quem não tinha não pagava, furava os pano, passava por de baixo das tábua e entrava.

A atmosfera de improviso dos circos-rodeios difere (e muito) da organização, desenvolvimento e geração de lucros das “festas de peão” da contemporaneidade. Hoje os

rodeios atraem milhares de pessoas. São festividades massivas, conhecidas e apreciadas por um grande público. São fontes de lucros e divisas para as prefeituras das cidades que abrigam essas comemorações, para as companhias organizadoras de rodeios e para os patrocinadores desses eventos (empresas de agronegócio, de refrigerantes e cervejas). Além²³ (1989) pontua que o conjunto das festas de peão que acontecem em todo Brasil tem público e lucratividade semelhantes com as do futebol e do carnaval.

Nesse cenário lucrativo e popular, prefeituras de diversas cidades brasileiras (principalmente dos estados de Goiás, Paraná, São Paulo, Mato Grosso, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul) têm criado estratégias para que seus municípios entrem no circuito das mais aclamadas festas de peão.

O antropólogo Sidney Pimentel (1996) defendeu uma tese de doutorado pela Universidade de Brasília acompanhando a criação (e invenção)²⁴ de uma festa de peão na cidade de Pirajuba, divisa dos estados de Minas Gerais e São Paulo. A prefeitura queria fazer uma reforma no estádio de futebol da cidade e com a ajuda dos lucros de outro esporte (o rodeio), organizou uma festa de peão.

Um ano antes da I Festa de Peão de Pirajuba, em 1984, um rodeio itinerante (nos moldes de um circo-rodeio) passou pela cidade. A maioria dos pirajubenses nunca tinha visto ou participado de touradas ou montarias. Um grupo da cidade, vendo a popularidade e o apreço que o rodeio ganhava, resolveu organizar a I Festa de Peão de Pirajuba no ano de 1985. Essa festa foi incorporada no calendário anual de comemorações da cidade e no circuito das pequenas festas de peão que acontecem por todo o Brasil.

²³ Ver Revista USP de dezembro, janeiro e fevereiro (2004 e 2005), n.64: Brasil Rural.

²⁴ A festa de peão de Pirajuba é um exemplo interessante para pensar de que maneira os eventos/ festas de agronegócio ganham força e estatuto de “comemoração tradicional” em muitas cidades do Brasil. Essa festa (Festa de Peão de Pirajuba) que surge com um objetivo prático – angariar fundos para a construção de uma obra na cidade – estabelece-se como principal comemoração local e perpetua-se ao longo do tempo em suas edições anuais. O historiador Eric Hobsbawm trata dessa temática no célebre livro “A invenção das tradições”, quando afirma que certas “tradições” inventadas, construídas, são formalmente institucionalizadas, aceitas. E mesmo que “criadas” recentemente (quando são coisas de poucos anos) estabelecem-se com grande força e rapidez.

As festas de peão se inspiram no modelo “Barretos”. A festa de Barretos é “a festa de peão” mais conhecida do Brasil. Apesar de sua criação datar 1956, foi somente a partir da década de setenta que essa festividade se espetacularizou e foi, aos poucos, ganhando as dimensões contemporâneas.

A pecuária desde sempre foi uma atividade econômica de grande importância para o município de Barretos. Estudiosos²⁵ dessa festa apontam que práticas e competições semelhantes com o rodeio já eram realizadas na região, antes da criação da primeira festa de peão da cidade.

Uma associação, chamada Os Independentes, congregava jovens solteiros moradores do município. Barretos era conhecida, na época, como “o faroeste paulista”. Grupos de vaqueiros chegavam a Barretos depois de longas jornadas transportando e comercializando gado e se dirigiam a um local chamado “Bico do Pavão” para gastar suas economias com bebida. Corriqueiramente, brigas e até mortes, aconteciam. “Os Independentes” surgiram com o propósito de deter hábitos violentos de muitos vaqueiros, organizando competições esportivas: montarias e rodeios.

Desde então Os Independentes organizam anualmente as Festas de Peão de Barretos. Num misto de celebração do vaqueiro brasileiro com o “cowboy” norte-americano, a festa de peão de Barretos (e as demais festas que seguem esse modelo) homenageia o “sertão” e a figura do peão, herói do universo rural.

Além (2004) no artigo “*Rodeios: a fabricação de uma identidade caipira-sertanejo-country no Brasil*”, pontua que a idéia das festas de peão como lugar das competições de montaria em animais e festejos em torno da figura de peões e vaqueiros, ganha força, sobretudo, a partir do sucesso e êxito do modelo Barretos.

Sidney Pimentel (1996) aponta que a formação dessa festa, desde suas primeiras edições, foi definida através de um comparativo: sertão brasileiro X oeste norte-americano. E que a atmosfera de comemoração das “tradições locais” (do vaqueiro e sertão brasileiros) é revestida de um “ethos” do “far-west” norte-americano:

A idéia de organizar-se uma festa que lembrasse o passado da região, bem como a tradição tanto da montaria quanto da lida com o gado, recaiu

²⁵ Ver os trabalhos de João Marcos Além (2004), Sidney Pimentel (1996) e Néia Nogueira (1989).

sobre o culto ao peão de boiada, metaforizado na disputa entre o homem e o animal indômito. No entanto, as categorias em que se assenta a idéia da Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos já foram definidas com anterioridade através do mecanismo comparativo entre o sertão brasileiro e o oeste norte-americano. Arquitetado a partir de clichês disseminados principalmente pela indústria cinematográfica, como os cowboys do far-west, os peões possuem fama de baderneiros; como lá, era nos saloons que os peões iam descarregar a tensão de vários dias de marcha e sofrimento na estrada; como lá, era preciso organizar disputas de modo que pudessem servir como ‘válvulas de escape’ para a violência e conturbação... Surgiu, assim, o modelo da festa de peão fundado na idéia de rodeio, quando então os peões de uns boiadeiros enfrentariam os cavalos de outros e vice-versa. Da idéia inicial até a organização do espetáculo conforme cada vez mais ao paradigma do far-west, existe uma diferença abissal. À medida que a festa foi se consolidando, mais atrações foram sendo incorporadas dos festivais de rodeios norte-americanos, outras concebidas a partir do que se imagina ter sido a idade de ouro do sertão. De modo que hoje, em virtude da incorporação de vários outros eventos com o objetivo de ampliar o interesse do público pela festa, sua duração foi alargada de dois para sete dias, isto é, uma semana.(Pimentel:1996,37,38)

As montarias que acontecem nas várias festas de peão brasileiras se inspiram nos rodeios norte-americanos. Não era prática comum os peões do centro-sul brasileiro montarem em bois ou touros, somente em cavalos. Nas festas de peão contemporâneas as montarias em touros são as mais apreciadas, essa prática, tem origem nos rodeios dos Estados Unidos.

As provas com touros começaram no Brasil somente a partir da década de setenta. No rodeio da exposição de Londrina, o locutor apresentou as regras e as diferenças entre as provas em touros e cavalos, e afirmou que a montaria em cavalos é a prova “legitimamente brasileira”.

Os rodeios foram adquirindo caráter de espetáculo, ao serem assistidos e apreciados por um grande público. Profissionais e animais especializados começaram a compor os cenários dessas competições, regras e técnicas esportivas entraram nas avaliações das provas de montaria, os rodeios ganharam um calendário regular. Todos esses fatores associados fizeram com que os rodeios e as festas de peão aparecessem com apelos simbólicos e uma roupagem própria.

Esse caráter espetacular (e “próprio”) das festas de rodeio junto com as contribuições da mídia (ao divulgar e tratar desses eventos em jornais, revistas e até

telenovelas²⁶) faz com que todos os outros eventos de agronegócio sejam confundidos com rodeios. No imaginário do senso comum, todas as feiras agropecuárias e festas temáticas abrigam montarias. Mais do que isso! A comercialização e apresentação de produtos agropecuários, animais ou vegetais aparece nesse imaginário (daqueles que desconhecem esse universo) como atividades secundárias diante da magnitude e apelo popular existente em torno dos rodeios.

Para a organização das festas de rodeios é necessária a participação de diversos atores. Existem nesse universo companhias de rodeios. As companhias de rodeio são organizações promotoras das provas de montaria que acontecem nas festas de peão. Muitas possuem todos os equipamentos para essas festividades: caixas de som, cercas de ferro para as arenas, palcos. São responsáveis por toda a produção desse espetáculo, incluindo desde a divulgação publicitária e patrocínio até a montagem das arenas, transporte e trato dos animais.

Para essas companhias trabalham locutores de rodeio, DJ's, trabalhadores que realizam atividades na montagem e desmontagem das arenas e das demais estruturas que compõem os rodeios, peões e também publicitários e *promoters*.

O rodeio da feira de pecuária da cidade de Londrina do ano de 2007 foi promovido pela companhia de rodeios Paulo Emílio. Conforme alguns interlocutores informaram, as montarias organizadas por esse grupo são bastante prestigiadas. Essa companhia de rodeio também é dona dos animais que participam dessas provas.

Na montaria da Expô Londrina as pessoas esperavam ansiosas pela aparição do touro “Bandido²⁷”. Esse animal ficou bastante conhecido após participações na novela

²⁶ A novela América exibida pela Rede Globo de Televisão no ano de 2005 tinha como protagonista um peão de rodeio que competia em provas de montaria que aconteciam no Brasil e nos Estados Unidos. Tal temática também foi tratada na década de noventa em telenovelas brasileiras. Em 1991, era exibida pela extinta TV Manchete, a novela Ana Raio e Zé Trovão cuja estória girava em torno de um romance vivido por uma amazona e um peão de rodeio.

²⁷ O Touro Bandido é um dos personagens mais famosos das “Festas de Peão”. Na internet, existe até um site dedicado a esse animal. Esse site contém fotos e vídeos dos rodeios em que “O Bandido” participa. Duzentos peões já tentaram permanecer oito segundos no lombo desse touro (nas provas de rodeios, os peões lutam para permanecer esse tempo sob bois ou cavalos), mas nenhum peão, até hoje, conseguiu ficar mais de quatro

América, da Rede Globo. Poucos peões conseguiram permanecer no lombo desse touro. As companhias de rodeio ganham prestígio não só por organizarem grandes espetáculos nas festas de peão, mas também por serem donas de animais indômitos, conhecidos e apreciados por um grande público.

Os tropeiros, como são chamados os donos dessas companhias de rodeio, somente a partir da década de noventa começaram a se preocupar com cruzamentos genéticos de raças de bovinos e eqüinos que dessem conta de aprimorar a *performance* desses animais nas arenas das provas de montaria. Além (1989) aponta que o trabalho dos tropeiros está mais próximo da indústria do entretenimento do que das atividades relativas à pecuária. O ganho desses empresários é obtido não através da compra e venda de animais, mas sim pela lucratividade das festas de peão que acontecem em todo país:

“Assim, a consolidação do rodeio tem pouco a ver com a produção de bovinos geneticamente melhorados ou com a expansão da indústria do cavalo de modalidades funcionais nobres, mas tem tudo a ver com a indústria de eventos do entretenimento popular. É nesse âmbito que se fundem indústria cultural e produção animal e que devem ser vistas as relações econômicas e de poder travadas em torno da produção de rodeios, bem como da construção da identidade caipira, sertaneja e country (Além:1989,101)

Essa questão apontada por Além, vai ao encontro das explicações utilizadas por muitos de meus interlocutores para descrever a dinâmica de funcionamento das festas de peão. Quando diziam que os rodeios “não eram de agronegócio”, queriam pontuar que a compra e venda de animais eram atividades de pouca importância nesses contextos. O entretenimento, a diversão e o espetáculo dão o tom das festas de peão.

Durante a observação de campo na Feicorte (feira agropecuária que acontece na cidade de São Paulo) encontrei vários estudantes de escolas técnicas de agricultura. Os alunos dessas instituições de ensino visitam muitas feiras e exposições para ver de perto o

segundos em cima do “Bandido”. Clones do “Bandido” já foram criados, no Brasil existem seis animais com o mesmo código genético desse touro. Ver página da internet: (<http://tourobandido.globo.com/principal.asp>)

trabalho de peões, tratadores, zootecnistas e veterinários, conhecer as modernas técnicas de pecuária e agricultura e passear pelos estandes de produtos veterinários e de insumos agrícolas. Tanto na feira de pecuária de Londrina, como na de Campo Grande, foi comum encontrar grupos de alunos dessas escolas técnicas.

Diana, aluna da Escola Agrotécnica Federal de Inconfidentes – MG, disse que no ano de 2007 participou de alguns eventos de agronegócio. Além de estar na Feicorte, participou da Agrishow de Ribeirão Preto – SP e de uma Festa do Café de uma cidade do sul de Minas Gerais. Apesar de estandes de insumos agrícolas e de produtos para o advento da pecuária serem instalados nas festas de peão, não faz parte das atividades formais de escolas técnicas a visitação nesses eventos. O caráter festivo e lúdico das festas de peão ganha mais força do que a comercialização e apresentação de animais e de técnicas para o aprimoramento da produção do campo.

Eusana e Diana, alunas da escola agrotécnica de Inconfidentes, me contaram de suas experiências nas excursões da escola a exposições e feiras agropecuárias. Também me relataram as diferenças entre as festas de peão e os demais eventos que envolvem agronegócio. As diferentes vocações desses eventos ficam bastante claras no discurso dessas estudantes. Elas participam das festas de rodeio com seus amigos para “festar”, se divertir. Os outros eventos de agronegócio (como as festas temáticas, agrishows e feiras de pecuária) são encarados por essas meninas como trabalho, como espaço de aprendizado.

Eusana: O rodeio tem a apresentação²⁸ que é muito bonita. Daí começam as provas, depende do rodeio, mas é no mínimo quatro dias pra ter o resultado. Depois dos rodeios tem show, baile. Eu fui em Jaguariúna, muito bom!

Natacha: E junta muita gente?

²⁸ A abertura dos rodeios é um dos momentos mais apreciados. É um ritual de apresentação dos personagens que fazem parte desse universo. Normalmente a abertura é iniciada com uma grande queima de fogos que anuncia que o rodeio vai começar. Músicas *countries* e de *dance music* são colocadas em volumes altíssimos para chamar a atenção da platéia. No próximo capítulo, me ocuparei com a descrição das atividades das feiras de pecuária que fiz observação participante. Como os rodeios fazem parte desses eventos, descreverei melhor as provas de montaria.

Eusana: Muita! Chega a ser quase igual Barretos. Mas Barretos ainda é maior.

Natacha: Mas é parecido com feira agropecuária? Lá em Campo Grande e em Londrina têm áreas só de lazer, com bailes, shows...

Eusana: Então, tem essa parte de lazer. Tem um salão com baile e uma dupla sertaneja tocando...Tem mais é barraca de comida, de bebida! É festa!

Natacha: E quem participa dessas festas?

Eusana: Eu acho que é mais assim estudante de Veterinária, de Agropecuária e tem também umas pessoas mais velhas que vão. Fui com uns amigos da escola, mas eu fui num dia e voltei no outro. Festei e voltei!

Diferentemente dos outros eventos que apresentam e comercializam a produção do campo (festas temáticas, feiras de pecuária e agrishows), as festas de peão – como o nome já diz - são festas, celebrações. Os atores mais cultuados nessas festividades são os peões e demais sujeitos que trabalham com os rodeios: locutores, palhaços salvavidas e os próprios animais (touros e cavalos ariscos).

Apesar de muitas famílias se fazerem presentes nessas festividades, o público maior é composto de jovens e de universitários, que além de assistirem às provas de montaria, participam dos inúmeros bailes e shows de música sertaneja que acontecem nessas festas de peão.

Empresários e produtores rurais vão a esses eventos para assistir às provas de rodeios e participar dessas festas da mesma maneira que os demais frequentadores e espectadores das montarias. As festas de peão não são espaços de comercialização e realização de negócios, nessas festividades não acontecem leilões, julgamentos de animais ou apresentação de novas tecnologias.

O público que participa desses eventos tem o objetivo de “festar”, comemorar, se divertir com as perigosas provas de montaria, beber nos inúmeros bares e restaurantes, e dançar ao som de música country e sertaneja.

1.6 Agrishows: Feiras que não são festas.

Muitos dos estudiosos de feiras agropecuárias e rodeios privilegiam o aspecto “festivo” desses eventos em detrimento do lado comercial, de negócios. É muito difícil encontrar trabalhos que dêem conta de analisar e descrever como as relações de compra, venda e apresentação ocorrem nas feiras e festas de agronegócio.

A historiadora Dulce Pamplona Guimarães (1996), em sua tese de doutorado, constrói pequenas historiografias das feiras agropecuárias que pesquisou (Festa do Leite de Batatais, Expoagro da cidade de Franca e FEAPAM da cidade de Ribeirão Preto) relatando de que maneira essas exposições se transformaram em festas. Uma das preocupações dessa pesquisadora foi a de perceber como os participantes desses eventos viam as exposições agropecuárias: mais como feiras ou mais como festas. No meu trabalho de conclusão de curso de graduação também segui essa linha. Um dos meus objetivos era o de analisar de que maneira os frequentadores da Expogrande criaram vínculos afetivos com feira agropecuária e porque se dirigiam a um evento de negócios para comemorar e se divertir.

Os organizadores e frequentadores de feiras de pecuária dividem opiniões acerca da presença de atividades de lazer e entretenimento (shows, bailes, festas, bares, restaurantes, lanchonetes e parque de diversões) em exposições de *agribusiness*. Para alguns as feiras de pecuária são espaços para realização de negócios e devem abrigar atividades que estejam exclusivamente voltadas para a apresentação, compra e venda de animais ou produtos agropecuários. Para outros, as exposições também são festas e devem oferecer as mais diversas atrações de lazer.

Telu, produtora rural de Mato Grosso do Sul, contribui bastante com a organização da feira de pecuária de Campo Grande. Junto com outras mulheres produtoras rurais, zela pelos documentos e pela história da Expogrande. Nas conversas que estabelecemos durante o trabalho de campo realizado na Expogrande de 2004, me disse que no início da década de noventa, um presidente da associação que organiza a feira decidiu não incorporar à exposição atividades de lazer. Tal iniciativa não teve sucesso, muitos frequentadores da feira e até mesmo produtores rurais exigiram que tais atividades voltassem a fazer parte da programação das exposições dos anos seguintes.

Para Telu as exposições são “festas que privilegiam a produção pastoril”, segundo ela, esses eventos devem abrigar atividades de lazer que atraiam pessoas de variadas classes sociais. Mesmo afirmando que as feiras de pecuária são espaços para a realização de negócios, Telu, pontua que pessoas que não têm vínculo com a cadeia produtiva do agronegócio, devem participar dessas festividades para ver de perto a produção do campo e conhecer um pouco mais dos modos de ser dos fazendeiros e empresários rurais:

“O fazendeiro, sobretudo num estado feito Mato Grosso, e pela própria natureza de sua profissão, é uma cara meio apartado. Ele vive solitário na sua fazenda, ele é meio dono do nariz dele, vive na saga do trabalho dele na fazenda... É um sujeito meio intimista. A exposição é pra mostrar pro povo que o fazendeiro não é nada disso, o fazendeiro é solícito, gosta de receber, trata todo mundo bem, cê vai na casa dele tem comida....

Claro que pra tudo tem exceções... Mas o grosso, todo mundo gosta que venha gente, mostrar coisas de sua fazenda, se tem amigos você vai lá mostrar o gado que melhorou, essa coisa aqui, aquela outra. Sabe? E o fazendeiro, ele é preocupado, porque se não produz comida na fazenda, como é que o povo da cidade come? Todo mundo pensa que fazendeiro é alienado, mas não é não...Isso também é uma coisa boa da exposição porque mostra que a índole do fazendeiro não é solitária, ela é participativa.

E exposição pra mim é isso, né? É a alegria dessa molecada que dá trabalho à beça, que apronta nessa portaria e depois no show. Mas é uma festa que tem que ser assim, aqui é uma cidade rural e tem que mostrar que a gente também tem cultura, gosta de se divertir, gosta de show e de música boa...”

Outros interlocutores pontuaram que as atividades de lazer que acontecem nesses eventos são pouco frutíferas. Segundo alguns, as multidões que se dirigem aos parques de exposições para assistir aos shows e rodeios, não têm interesse em conhecer como se dá a produção agropecuária e que acabam muitas vezes atrapalhando aqueles que desejam realizar negócios e apresentar seus animais nas exposições. Sandro Rogério, gerente de uma fazenda que cria gado *Canchim*, afirma que as exposições deveriam ser

espaços exclusivos para a apresentação, compra e venda de animais, que não deveriam abrigar festas e comemorações:

“Não acho bom essas festas! Não acho bom porque as feiras tão perdendo o caráter delas de apresentar... Uma feira agropecuária seria assim, eu mostrar o que eu tenho de melhor e você trazer o que tem de melhor na parte de “agropecuária”. Ela tá perdendo, ela tá virando um negócio muito popular, um negócio festivo, entendeu? Não é uma feira comercial mais. Então, eu vou lá procurar um campeão pra eu levar pra minha fazenda... Ela perdeu, a feira virou muito “fast-food” e show! A gente queria mesmo era vender animais, tirar o melhor macho da exposição, poder comercializar esse grande campeão aonde a gente vai, posteriormente comercializar esse sêmen dele. Era isso que a gente queria.

O pessoal que vem assim na feira só pra se divertir não passa nos pavilhões pra ver os animais. Eles vão ver show, parque de diversão, barraca de batida, é comer alguma coisa, entendeu? Então a parte do gado praticamente fica a esmo, o pessoal não passa nos pavilhões... Não chega a atrapalhar por esse lado. Mas a gente queria mais o negócio comercial, trabalhar mais no comércio.

Tem uma feira muito boa que é a Feicorte em São Paulo que é uma feira que não tem show. Então lá tem mostra de várias novidades, de várias coisas que estão relacionados com o setor agropecuário e é uma feira que onze meia, meia noite ela acabou. Fecham os portões e pronto. Então, todo mundo que vai lá, de certo modo, tá interessado em alguma técnica nova pra melhorar seu manejo, pra melhorar seu custo benefício... O pessoal tá interessado naquilo, em comercializar um animal, aquilo é uma “feira agropecuária”. Hoje eu acho que a Feicorte é uma das melhores feiras do país pra fechar negócio, em termos de aprender mais”.

A Feicorte é uma feira de pecuária especial. Apesar de seu foco estar na comercialização de animais como as demais “Pecuárias” que acontecem em todo o Brasil, não abriga nenhuma atividade de lazer e atrai somente produtores e empresários rurais. A

atmosfera da Feicorte se assemelha com a organização e desenvolvimento dos agrishows: feiras que comercializam técnicas e máquinas agrícolas.

Os “agrishows”²⁹ são freqüentados majoritariamente por pessoas que têm vínculo com a agricultura. Não acontecem festas ou provas de montaria nessas exposições, como uma feira de automóvel ou uma feira de tecnologia, congrega pessoas interessadas na compra , venda e apresentação de modernas técnicas e produtos.

Figura 3: Fazendinha. Na feira de Londrina havia uma maquete expondo como funciona a cadeia produtiva do Agronegócio (Foto: Natacha Leal)

Grandes produtores de soja, cana, laranja vão a esses eventos para comprar máquinas (colheitadeiras, tratores) e para assistir às palestras e conferências ministradas

²⁹ O “agrishow” de Ribeirão Preto é considerado o maior do país. Outras cidades têm começado a organizar eventos , como os “agrishows”, em que a compra e venda de máquinas agrícolas ganha destaque. Londrina, além de ter uma grande feira de pecuária, começou a promover recentemente um “agrishow”. A exposição de Dourados- MS também é um “agrishow”, nessa feira a apresentação de máquinas agrícolas tem bastante destaque.

nessas feiras. Segundo meus interlocutores os agrishows são “mais de agronegócio” do que até mesmo as feiras de pecuária, já que as técnicas e modos de produzir são os protagonistas exclusivos desses eventos.

A “agrishow” de Ribeirão Preto³⁰ do ano de 2007 teve a movimentação global (venda e compra de máquinas agrícolas) de setecentos e dez milhões de reais e recebeu a visitação de cento e quarenta mil pessoas. É interessante comparar esses números com o balanço oficial de uma feira de pecuária de grande porte. Apesar de receber um número muito maior de visitantes, cerca de quatrocentos mil, a Expô Londrina, no ano de 2007, com bastante sucesso e êxito, teve a movimentação global de cento e sessenta e seis milhões de reais em negócios, menos de um quarto dos lucros obtidos na “agrishow” de Ribeirão Preto.

Meus interlocutores pontuaram que peões e vaqueiros não participam de “agrishows”. Normalmente esses espaços abrigam, além dos fazendeiros e produtores rurais, estudantes de Zootecnia, Veterinária e Agronomia, vendedores e representantes comerciais que apresentam as máquinas e tecnologias nos estandes instalados nesses eventos e funcionários de órgãos oficiais (como Embrapa, Secretarias de Estado e Ministério da Agricultura).

Nas feiras de pecuária acontecem “mini-agrishows”, alguns estandes de máquinas agrícolas são instalados nos parques de exposições. As novas necessidades da agricultura para produzir mais (e melhor) suscitaram a criação dos agrishows, palcos de apresentação das mais modernas (e milionárias) tecnologias:

“Hoje em dia você não faz mais a pecuária e agricultura como você fazia antigamente, você precisa de muita tecnologia. Tá crescendo de uma maneira brutal essa parte que eles falam “agrishow”. Essa parte de máquinas, que tem um evento especial em Ribeirão Preto pra isso...Em Dourados também. E aqui, tem uma “pequena

³⁰ Esses dados foram obtidos nos sites desses eventos. Para maiores informações ver o site da Sociedade Rural do Paraná (<http://www.srp.com.br/expo2007/>) e o site do “agrishow” de Ribeirão Preto: (<http://www.agrishow.com.br/ribeirao/index.asp>).

agrishow”, cê vê a parte de máquinas aqui é uma coisa muito grande. Esse ano nós ficamos com a barraca do sindicato ali perto e tem tanta máquina aí que você fica de boca aberta! Outro dia, o Toninho tava me falando que tava negociando uma plantadeira que uma “baratinha” custava quatrocentos e trinta mil reais... E essa não servia. Olha onde que nós tamos? E isso tudo você faz pra plantar capim, né?” (Telu)

1.7 Festa da Uva, Festa do Milho, Festa da Soja, Festa do Morango: Feiras que são festas!

Durante o trabalho de campo foi comum ouvir de vários interlocutores que as exposições do passado eram melhores. Que nelas a apresentação da produção agropecuária tinha mais espaço, que hoje as exposições se tornaram grandes festas e que os rodeios, shows e bailes ganharam dimensões muito maiores que as da produção agrícola ou pastoril.

Todos os anos na exposição agropecuária de Campo Grande, um restaurante é instalado no parque de exposições. O restaurante Asilo dos Velhos é uma das atrações anuais da feira. Durante o trabalho de campo de 2004, conversei com um dos organizadores do restaurante que é um velho freqüentador da Expogrande. Na sua entrevista, passou boa parte do tempo comparando as exposições contemporâneas com as exposições do passado:

“Antigamente se dizia assim – feira de amostra agropecuária. O que era a feira de amostra agropecuária? Era a feira que o produtor trazia pra mostrar os seus produtos, há anos atrás ,por exemplo, o produtor tinha aí um pé de cana bem grossona, tinha um pé de mandioca bem grande, uma abóbora...Digamos assim, nesse sentido, eram produtos agrícolas. Então trazia pra feira de amostra agropecuária. Isso foi se acabando. Aí se tornou feira agropecuária, hoje, eu considero mais isso daqui feira de comércio e indústria e o objetivo se visa mais dinheiro que a mostra de agropecuária.

Como festa é uma festa tradicional. Que marca a presença do povo, o povo vem porque espera o ano inteiro. Então como festa, realmente, vai continuar sendo cada vez maior e vai se tornar cada vez mais festa. Mas o objetivo mesmo dela, que é a feira agropecuária, vai cada dia

cair mais. Principalmente, porque ela se tornando festa, ela vai com o objetivo de mais dinheiro. O que tá acontecendo? Vai se terceirizando mais, é shows e shows... Hoje por exemplo, esse ingresso que é cobrado aqui, isso aí deu uma caída muito grande pra aquele público que gostava de ver a feira agropecuária, então, o público que hoje vem, vem porque trazem artistas aí que dificilmente tem oportunidade, põe um preço pra ver o artista. Por exemplo, vamos simplificar, se fosse pra ver um show do nível desses que vem aqui, custaria em média vinte e cinco reais se fosse um evento lá fora. Então aqui, eles usam a feira, põem dez reais que pra quem gosta não é caro, agora pro público que não quer ver show, quer ver a feira, tornou inviável, difícil. Uma família, por exemplo, de cinco, seis pessoas que quer vir aqui, que quer contribuir, que quer jantar num restaurante, que quer ver os animais, que quer participar, já tá difícil...”

As festas do Milho, da Uva, do Morango, da Soja que eu classifico como “festas temáticas” compartilham dessa atmosfera das “feiras de amostra agropecuária” que José descreve em sua entrevista. São espaços de apresentação das melhores frutas ou vegetais, que atraem produtores rurais, políticos, autoridades e também famílias que passeiam e conhecem um pouco mais de perto os modos de plantar, comercializar e apresentar frutas ou vegetais.

São feiras/festas em que a produção agrícola e industrial de um único produto é protagonista. Essas festas atraem sitiantes e fazendeiros com o objetivo de apresentar os melhores frutos, as mais belas árvores e as mais rentáveis e rápidas técnicas de produção.

O município de Vinhedo, no estado de São Paulo, é um exemplo de localidade que exacerba sua maior produção agrícola (a uva) numa comemoração que tem ganhado proporções cada vez maiores. A Festa da Uva de Vinhedo foi o espaço escolhido pelo antropólogo André Pires (2004) para realização de uma etnografia.

Criada em 1950, coincidentemente na época em que Vinhedo ganhava autonomia política e econômica³¹, “a festa da uva,” recebe um grande número de turistas em suas edições anuais e é um evento bastante apreciado pelos habitantes da região.

³¹ Vinhedo era um distrito da cidade de Campinas. A primeira festa da Uva da cidade data 1950, um ano após sua emancipação política e administrativa. Pires (2004) pontua que a criação dessa festa coincide com o

Conforme o trabalho de Pires (2004) aponta, todos os anos, vinhedenses e turistas vindos de várias partes do estado de São Paulo, participam das atividades da Festa da Uva³². Milhares de visitantes se dirigem a essa festividade para degustar as inúmeras iguarias vendidas numa espécie de “praça de alimentação” instalada no parque de exposições, para se divertir nos brinquedos do parque de diversões e para acompanhar as disputas e leilões dos mais belos e mais bem cuidados cachos de uva. A Festa da Uva de Vinhedo é o grande “acontecimento³³” da cidade.

O concurso das frutas é um dos mais aclamados eventos da Festa da Uva de Vinhedo. No decorrer da festa são organizadas competições em que frutos são julgados conforme sua apresentação e embalagem. Os produtores de uvas locais concorrem entre si. Ganhar um concurso como esse é conseguir reconhecimento e prestígio entre os habitantes da cidade e demais agricultores.

Não é só na festa de Vinhedo que concursos com esse acontecem, essas competições são os eventos de maior importância das festas temáticas. Esses concursos podem ser comparados com a importância dada aos rodeios nas festas de peão ou aos leilões de animais nas feiras de pecuária. Os concursos de frutas ou vegetais dão conta de apresentar, além de belos exemplares de parreiras de uvas, pés de soja ou de café, as melhores técnicas para a produção agrícola.

processo de afirmação da cidade (no âmbito político, administrativo, econômico e cultural). Antes da criação da Festa de Vinhedo, agricultores locais participam das comemorações da Festa da Uva de Jundiá.

³² Como tentei pontuar, existem determinados eventos de agronegócio que são reconhecidos como os “maiores”, “os melhores”. Meus interlocutores usaram até a expressão “roteiro de ouro” para falar das exposições de pecuária de Esteio, Araçatuba, São Paulo, Campo Grande, Londrina e Uberaba. É consensual também, dizer que as Festas de Peão de Barretos e Jaguariúna sejam as mais aclamadas do Brasil. O “agrishow” de Ribeirão Preto é considerado o maior do país. Mas dizer quais são as grandes “festas temáticas” do Brasil é uma tarefa, no mínimo, complicada. As festas temáticas ganham importância para um estado ou uma região específica. São eventos mais locais, que atraem produtores e frequentadores da cidade em que a festa acontece.

³³ Um dos subtítulos da tese de André Pires sobre a Festa de Vinhedo é “O Acontecimento máximo de Vinhedo”. Como em outras feiras e festas agropecuárias que ocorrem no Brasil, a festa da uva de Vinhedo, tornou-se a maior comemoração da cidade. Creio que as “festas temáticas” sejam os eventos de agronegócio que mais incorporam essa idéia de festa da cidade.

Mas não são só frutas, legumes e verduras que são protagonistas dessas festividades. Os produtos derivados das frutas e vegetais celebrados têm bastante espaço nesses eventos. Numa festa do morango, por exemplo, são comercializados e apresentados tortas, bolos, sucos, chás, doces, geléias e compotas feitos com morango.

A etnografia de Pires (2004) descreve uma cerimônia bastante apreciada na Festa da Uva de Vinhedo: o ritual de pisar em uvas. Além de ser um mecanismo de celebração da presença de imigrantes e de uma certa “cultura italiana” na localidade, revela o modo tradicional de fazer o vinho, bebida que utiliza a uva (fruta celebrada na festividade de Vinhedo) como principal matéria-prima.

Outros produtos têm ganhado espaço em comemorações de agronegócio. Anualmente, na cidade de Maracajú – MS, é organizada “A festa da lingüiça”. A lingüiça de Maracajú³⁴ é uma iguaria muito apreciada no estado de Mato Grosso do Sul (inclusive, bastante comercializada nos restaurantes instalados nas exposições agropecuárias sul-mato-grossenses).

Essa festa, que acontece no parque de exposições da cidade nos moldes de uma festa temática (como uma festa do milho ou da uva), atrai milhares de visitantes para acompanhar os concursos gastronômicos que julgam quais são os melhores produtores e “comedores” de lingüiça.

A antropóloga Rita Amaral (2001) analisou festas nas cinco regiões brasileiras: Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste, Norte e Sul. Descreveu a organização e o desenvolvimento desses eventos e os “sentidos de festejar” e comemorar em cada uma dessas celebrações.

Uma das festas que estudou foi a Oktoberfest da cidade de Blumenau. Apesar dessa festa não “ser de agronegócio”, possui características que muito se assemelham com as celebrações de festas temáticas. Tanto a Oktoberfest como as demais festas temáticas que acontecem por todo o Brasil (Festas do Morango, Festas da Soja, Festas do Milho),

³⁴ A lingüiça de Maracajú é uma das iguarias mais apreciadas em Mato Grosso do Sul. É uma lingüiça feita com pedaços grandes de carnes de porco e vaca que são temperadas com limão, pimenta e ervas especiais. Nos livros de culinária local é bastante comum encontrar receitas de que como essa lingüiça deve ser preparada.

celebram e ritualizam um único produto. No caso da Oktoberfest, o chopp é produto celebrado, já na festa de Vinhedo, a uva é a atração principal.

O exemplo da Oktoberfest é interessante para ilustrar uma outra questão. Nem toda festa temática é um evento de agronegócio. As festas temáticas se caracterizam por serem celebrações em que um único produto ganha destaque. Certos elementos presentes em uma comemoração desse tipo fazem com que uma festa temática ganhe “o tom” de um evento de agronegócio. A participação de produtores rurais, as mostras dos modos de plantar e produzir um determinado produto e até mesmo a forma como os participantes dessas festividades encaram esses eventos, ajudam a constituir o caráter de agronegócio.

A Festa da Lingüiça de Maracajú é uma festa temática e um evento de agronegócio também. A cidade localiza-se num estado que é grande produtor de carne. Ao celebrar a “lingüiça”, os habitantes da região estão também celebrando a pecuária. Na Oktoberfest, diferentemente, a celebração do chopp ou da cerveja está pouco vinculada com o modo que os habitantes produzem ou utilizam a cevada. A festa é uma comemoração que tem como pano de fundo a celebração da presença de imigrantes alemães na região.

Na maioria das feiras de pecuária, nas festas temáticas e nos rodeios, famílias de classe média, jovens e crianças participam desses eventos para realizar atividades muito semelhantes: comer lanches e doces nas barraquinhas instaladas nos parques de exposições ou arenas de rodeio e brincar nos parques de diversões.

A comida é um dos maiores atrativos dessas festividades. André Pires (2004), em sua tese de doutorado, descreve como se organiza a “rua da alimentação” na Festa da Uva de Vinhedo. A descrição do estudioso, muito se assemelha com as praças de alimentação das exposições de Londrina e Campo Grande, onde realizei observação participante:

“A rua da alimentação oferece um leque bastante variado de produtos para o visitante da festa. Trafegar nessa rua faz o visitante se sentir numa espécie de festa das nações: barraca de krep’s suíço ao lado da barraca dos doces portugueses, de acarajé bahiano, locais vendendo frango com polenta...”(Pires:2004,160)

Durante o trabalho de campo na Expogrande passei bastante tempo conversando com uma vendedora de acarajé. Como muitos trabalhadores desse universo, conhece várias exposições agropecuárias e rodeios. Ela vem todos os anos de Salvador para vender quitutes da culinária bahiana na exposição de Campo Grande. Passa boa parte do ano viajando entre todos esses eventos.

Na feira de Londrina, numa lanchonete, trabalhava uma senhora chamada Olga. Atuava como garçonne naquela feira, mas viaja por exposições e rodeios há mais de vinte anos. Já foi dona de uma barraca de churrasquinhos, mas hoje é funcionária de lanchonetes que transitam por essas feiras.

Os atores que viajam por todos esses eventos trabalhando com o mercado gastronômico³⁵ ou na montagem ou desmontagem de estandes, como marceneiros, chapas, serralheiros, bilheteiros dos parques de diversões, vendedores de artesanato têm a alcunha de “trecheiros³⁶” ou peões de trecho.

³⁵ Na Feicorte, feira da cidade de São Paulo, também havia uma praça de alimentação. Mas os restaurantes e lanchonetes instalados nessa feira eram bastante distintos daqueles que são instalados em outras feiras de pecuária ou festas temáticas. O almoço em um dos restaurantes da Feicorte custava oitenta reais por pessoa, no cardápio havia cortes nobres de carnes orgânicas e ainda eram comercializados vinhos chilenos, franceses e argentinos. Franquias de lanchonetes e cafés foram instalados no Centro de Exposições Imigrantes durante os dias da Feicorte. Um famoso restaurante de São Paulo, o Viena, vendia guloseimas no evento. Assim como uma grande franquía de salgados e sucos, a Casa do Pão de Queijo, também tinha um estande comercializando iguarias na feira. A praça de alimentação da Feicorte se assemelhava muito mais com as praças de alimentação de shoppings centers, do que com as lanchonetes e barraquinhas de lanches e churrasquinhos instaladas na maioria das festas temáticas, rodeios ou feiras de pecuária.

³⁶ Os interlocutores com quem conversei durante meu trabalho de campo disseram-me que têm essa alcunha de “trecheiros” por estarem constantemente no “trecho”, viajando por várias exposições. Outros antropólogos também estudaram “trecheiros”, só que diferentemente desses que trabalham em feiras de pecuária, estudaram andarilhos, que se deslocam constantemente por várias cidades. Se os trecheiros que trabalham em feiras de pecuária têm seu trajeto delimitado pela ocorrência de exposições ou rodeios, os trecheiros/ andarilhos não tem o “trabalho” ou “a geração de renda” como critério fundamental que determina suas escolhas de viagem, o “deslocar-se” determina o trajeto e o trajeto aponta pequenos serviços que promovem a subsistência desses atores. Ver o trabalho de Felipe Brognoli (1999).

Apesar do trabalho dos trecheiros estar pouco vinculado com o “agronegócio”³⁷ (no sentido da produção e advento de técnicas para o melhoramento do mercado agropastoril), as feiras e exposições agropecuárias são os eventos que mais contribuem para a geração de renda e de empregos (mesmo que sejam informais) para esses sujeitos do “trecho”. As milhares de feiras de pecuária, festas temáticas e rodeios que acontecem por todo Brasil, criam espaços para que esses atores trabalhem como garçons, chapeiros, montadores dos parques de diversões ou vendedores de cerveja.

Lanches	
	R\$
X-SALADA	5,50
X-BACON	6,50
X-FRANGO	6,50
X-ALCATRA	6,50
X-PERNIL	6,50
X-CALABRESA	6,50
X-EGG	6,50
X-BURGUER	5,00
ESPETINHOS	
CACH. QUENTE	
PREÇO DE BALCÃO	

Figura 4: Cardápio de uma lanchonete que viaja por feiras de pecuária, festas temáticas e festas de peão - Expô Londrina 2007 (Foto: Natacha Leal)

³⁷ No ano de 2005, uma grande epidemia de Febre Aftosa alastrou-se por vários estados do Brasil. Mato Grosso do Sul foi um dos estados mais afetados. Por conta disso, a exposição agropecuária de Campo Grande desse ano (2005), teve números (de compra e venda, de visitantes na feira) baixíssimos se comparados com os resultados dos anos anteriores. O trabalho dos trecheiros também foi afetado pelo insucesso da feira, muitos visitantes (mesmo que pouco vinculados com a cadeia produtiva do agronegócio) deixaram de passear na exposição, e logo, de consumir as comidas e bebidas comercializadas por esses atores.

O trabalho dos trecheiros é interessante para elucidar de que maneira diversas pessoas transitam pelas várias feiras de agronegócio. Não só peões de rodeio, tratadores de gado e peões de manejo se deslocam por esses eventos, outros atores como funcionários públicos, representantes comerciais, produtores rurais, jornalistas³⁸ viajam por muitas feiras e exposições agropecuárias. O “trecho” é uma constante na vida de muitos desses profissionais mesmo não se auto-nomeando peões de trecho ou trecheiros.

Mais interessante ainda é pensar que o movimento desses atores por esses eventos não é aleatório. As vocações dos eventos de agronegócio (festas temáticas, feiras de pecuária, festas de rodeio ou agrishows) e o trabalho que cada um desses atores realiza nesses contextos acabam por determinar o trajeto, a escolha ou a necessidade de participar desta ou daquela feira.

Marcos, um dos interlocutores com quem conversei na exposição de pecuária de Campo Grande, é funcionário de um parque de exposições itinerante. Trabalha em uma das lanchonetes do parque de diversões. Sua cidade natal é Londrina, mas conhece boa parte do país.

Nas conversas que estabelecemos, Marcos enfatizava que as atividades que realizava na lanchonete tinham pouco ou nada a ver com o agronegócio, mas que nas feiras de pecuária, rodeios e festas temáticas conseguia obter maiores lucros e remunerações. Primeiramente porque esses eventos acontecem com grande intensidade em várias cidades do país, depois porque como viajava há bastante tempo, sabia quais eram as feiras e festas que atraíam um público que consumia os produtos que o parque oferecia (diversão e comida).

³⁸ Na Feicorte conversei bastante tempo com um jornalista e com um câmera de uma empresa que transmite leilões pela televisão e internet. Esses rapazes, como os trecheiros e peões, também viajavam durante todo o ano por várias feiras de pecuária. Como outros trabalhadores da rede do agronegócio passam mais tempo viajando por feiras de pecuária do que em suas residências. Apesar de realizarem tarefas bastante especializadas e de não acamparem nos pavilhões de exposição, conhecem outros trabalhadores que como eles, também levam a vida nas constantes idas-e-vinda entre suas cidades e feiras de pecuária.

A gente faz exposição porque as festas do Brasil giram mais em torno das feiras agropecuárias. Com certeza! As maiores festas do Brasil envolvem agronegócio que é agropecuária... Como Londrina, Maringá, Campo Grande. Cê vê aqui, o forte de Campo Grande é a agropecuária...

Geralmente a gente faz mais ou menos assim: Ponta Porã, Campo Grande, Osasco, Goiânia, faz Jacaré, faz Tremembé... Geralmente a gente tem o itinerário certo, não é aquela coisa meio aventureira, entendeu? Tipo hoje faz aqui, amanhã aparece um lá. A gente tem aquele roteiro quase certo!

Figura 5: Chapeiros preparando lanches na feira de Londrina de 2007. Olga e Alessandro viajam por várias feiras de pecuária trabalhando no ramo de alimentação (Foto: Natacha Leal)

Esse “roteiro quase certo” que Marcos pontua, ilustra a dinâmica de funcionamento desse circuito de festas temáticas, rodeios, feiras de pecuária e agrishows que descrevi e tipifiquei. Os funcionários do parque de diversões em que Marcos trabalha normalmente participam das mesmas festas temáticas, rodeios e feiras de pecuária. Esse circuito (do qual a trupe desse parque de diversões participa) é dado em virtude das

atividades que cada um desses eventos – feiras de pecuária, festas de rodeio ou festas temáticas – disponibilizam aos seus frequentadores.

Por esse universo ser bastante vasto, por acontecerem diversos eventos agropecuários por todo Brasil e por essas festividades abrigarem vários espaços de lazer e negócios, a escolha por participar dessa ou daquela feira, está intimamente relacionada com a vocação de cada uma dessas festas e com o tipo de atividade que cada ator realiza nesses eventos.

Um produtor de uva da cidade de Vinhedo pode participar e apresentar sua produção na Festa da Uva de Jundiaí, por exemplo. Mas para ele não é interessante ir até a feira de pecuária de Uberaba, já que a criação de bovinos é o que dá o tom dessa exposição.

Difícilmente um peão de rodeio participará de um agrishow, ao menos que num evento como esse ocorram provas de montaria ou de laço. Para famílias que participam desses eventos para passear no parque de exposições ou degustar quitutes nas praças de alimentação, tanto faz participar de uma festa do morango ou de uma festa de peão. As atividades que realizam estão ligadas ao entretenimento, à diversão.

Se tomarmos como ponto de partida os documentos oficiais entenderemos que todos esses eventos (festas temáticas, rodeios, feiras de pecuária e agrishows) fazem parte de um mesmo circuito de feiras e festas. Olhando mais cautelosamente (no caso dessa pesquisa, etnograficamente), nota-se que certas atividades são exclusivas de determinados eventos. Só nas festas temáticas, por exemplo, acontecem disputas e competições das melhores e mais bonitas frutas. Somente em feiras de pecuária, leilões de reses milionárias têm razão de acontecer.

O agronegócio e a força simbólica dele têm mais ou menos espaço em cada uma dessas feiras e festas. Nas próximas páginas darei foco em parte das relações presentes em feiras de pecuária. Tentarei apreender como esses eventos acontecem a partir da descrição de atividades que fazem parte do cotidiano de peões de manejo, peões de rodeio e tratadores de gado: leilões, julgamentos, exposição de animais e rodeios.

Capítulo 2: Trabalha peão!

“Eles estão sempre falando de seus animais. Algumas vezes eu me desesperava porque jamais discutia qualquer outra coisa com os jovens que não fosse gado e moças, e mesmo o assunto moças levava inevitavelmente ao assunto gado. Qualquer assunto que começasse, e de qualquer ângulo que o abordasse, logo estaríamos falando de vacas, bois, vitelas e novinhos, carneiros e ovelhas, bodes e cabras, bezerros e cabritos...” (Evans-Pritchard:1999,27)

Esse trecho de Os Nuer de Evans- Pritchard é bastante evocativo para descrever os primeiros contatos que estabeleci com os vaqueiros que trabalham em feiras de pecuária. Como os Nuer, peões de manejo, tratadores de gado e peões de rodeio têm muito vínculo com os animais. As suas conversas, preocupações, planos e até mesmo anedotas, envolvem vacas, touros e bois. Não poderia ser diferente, esses atores lidam diariamente com animais e trabalham em contextos que a pecuária é atividade de grande importância.

Entrar em contato com esses vaqueiros não foi uma tarefa fácil. Apesar de nas feiras de pecuária circularem cotidianamente inúmeras pessoas (veterinários, zootecnistas, jornalistas, vendedores, funcionários de órgãos do governo, compradores de animais, produtores rurais, estudantes), os peões costumam passar boa parte do tempo com seus iguais: peões conversam, se divertem, trabalham, enfim, se relacionam mais intensamente com outros peões.

A própria organização espacial dos parques de exposição (locais onde ocorrem a maioria das feiras agropecuárias) permite que a troca entre profissionais das distintas áreas que participam de uma “Pecuária” seja mais limitada. Os promotores desses eventos organizam os parques de exposição em setores especializados: existe um espaço destinado ao lazer – parque de diversões, arenas de rodeio, praças de alimentação -, outro espaço destinado à exposição de animais, há ainda locais onde estandes de órgãos oficiais e

insumos agropecuários são expostos, recintos onde acontecem leilões e outros espaços onde ocorrem os julgamentos.

Figura 6: Nesse mapa do Parque de Exposições Laucídio Coelho em Campo Grande, fica bastante claro a maneira em que os visitantes e trabalhadores ocupam os espaços de uma feira de pecuária. Uma das metades do parque é quase toda ocupada por atividades de negócio - leilões, julgamentos e exposição de animais - nesses espaços fiz mais observações de campo. Na outra metade se concentram as atividades de lazer, muitos freqüentadores - que participam da feira para "festar" - não freqüentam a metade dos negócios. (Mapa da Acrissul acrescido de algumas modificações pessoais)

Como os parques de exposições são quase sempre bastante grandes, os profissionais e visitantes que participam de um evento como esse acabam por circular e passar mais tempo nas proximidades dos locais onde trabalham ou se divertem.

Por esse motivo, encontrar peões em um parque de exposições não é uma tarefa complicada. Difícil mesmo é estabelecer vínculos, conversar, realizar entrevistas. Sendo mulher, essa tarefa foi para mim ainda mais árdua. Nos dias que antecederam meu trabalho de campo, passei bastante tempo pensando sobre minha abordagem e até mesmo que tipo de roupa usaria. Travestir-me com chapéus, botas, largas fivelas (roupas

usualmente utilizadas por freqüentadores e trabalhadores de feiras de pecuária) seria uma saída? Incorporar o vestuário “estudante” (calça, sandália e camiseta) seria interessante?

Tinha a experiência do trabalho de campo anterior, realizado para a monografia de conclusão de curso da graduação. Conhecia alguns vaqueiros que trabalharam na exposição de pecuária de Campo Grande do ano de 2004, mas aquela pesquisa tinha outro objetivo. Os peões eram mais um dos atores que faziam parte da pesquisa, tinham a mesma importância (para o contexto daquele estudo) que outros personagens como os fazendeiros, organizadores e freqüentadores do evento.

A figura de uma mulher, jovem e solteira na companhia de peões não é uma imagem muito bem vista por freqüentadores e trabalhadores de feiras de pecuária. Os peões têm fama de mulherengos, paqueradores, namoradeiros (E gostam de realçar isso!). Entre eles, inclusive, é conversa recorrente contar “causos” sobre exposições anteriores, relatando de que maneira arrumaram namoradas e paqueras.

Para evitar possíveis confusões ou mal entendidos optei por usar uma aliança de noivado. Essa estratégia mostrou-se bastante frutífera, ser comprometida ajudou a construir uma relação de companheirismo e cumplicidade com os peões, como eles, eu estava trabalhando nas exposições.

Comecei a realizar observação de campo para o mestrado na feira de pecuária de Campo Grande (Expogrande) e de Londrina (Expô Londrina)³⁹ do ano de 2007, antes de suas inaugurações oficiais. As feiras começam a ser montadas cerca de uma semana antes do início de suas atividades e muitos peões (e animais) chegam também, antes de a exposição começar.

Foi interessante perceber de que maneira cada categoria de peão (tratadores de gado, peões de manejo e peões de rodeio) se relacionou comigo e com a minha pesquisa. As atividades que cada um desses atores realiza em uma feira de pecuária permitiu uma maior ou menor aproximação e esse dado é importante para pensar a dinâmica de funcionamento de uma feira de pecuária e de que maneira cada uma dessas categorias de

³⁹ No trabalho de campo na Feicorte, em São Paulo, comecei minhas observações no dia da inauguração oficial. A dinâmica da Feicorte é um pouco distinta, como acontece num espaço para eventos (Centro de exposições Imigrantes – Zona Sul da cidade de São Paulo) parte da estrutura que compõe a feira já fica previamente montada.

peões – tratadores, peões de manejo e peões de rodeio- se relacionam com o circuito brasileiro de exposições e com a lógica do agronegócio.

Durante meu trabalho de campo tive mais dificuldade em me relacionar com os peões de manejo. Esses atores realizam atividades bastante árduas. Passam boa parte do dia em grandes currais localizados atrás dos recintos onde acontecem leilões recebendo, apartando e separando o gado que vai ser comercializado. Acordam bastante cedo e descansam tarde. Enquanto estiverem acontecendo leilões em uma feira de pecuária esses atores permanecem trabalhando.

Para realizar entrevistas com “a turma do manejo” tive que permanecer nesses currais atrás dos recintos onde ocorrem os leilões, as nossas conversas eram a todo momento interrompidas por esses atores estarem sempre em alerta com o gado. Nas gravações, além das vozes desses peões, pode-se ouvir também o mugido dos animais que ao serem separados nesses cercados para serem comercializados, muitas vezes, tropeçam ou trombam com outras reses ou com as cercas que os separam.

Acrescente-se ainda, que esses peões são trabalhadores informais, “freelancers” de empresas leiloeiras que realizam serviços durante o período em que acontece uma exposição. Por esse motivo, entre os peões de manejo, é comum encontrar vaqueiros que nunca trabalharam juntos. Muitos peões ficavam ressabiados em relatar suas trajetórias nas exposições na frente de colegas que pouco conhecem ou que acabaram de conhecer com medo de serem mal interpretados ou alvo de chacotas.

Além disso, um grupo de peões de manejo, muitas vezes é composto por indivíduos com histórias pessoais bastantes distintas. A maioria tem vínculo com fazendas, são filhos, netos de trabalhadores rurais, mas outros realizam as tarefas do manejo como “bico”. Entre os peões de manejo que conheci, por exemplo, havia um que era motoboy na sua cidade, outro era jardineiro, ainda havia um vaqueiro que era peão de rodeio. Como o serviço nas exposições é temporário, muitos peões que trabalham para as empresas leiloeiras no curto período de uma feira de pecuária, estão desempregados e encaram essa atividade

como secundária diante de um emprego formal como tratador de gado ou vaqueiro de campo⁴⁰ numa fazenda.

As conversas com os tratadores de gado, de maneira geral, fluíam melhor que as conversas realizadas com os peões de manejo. Os tratadores são funcionários de fazendas que apresentam animais em várias exposições do país. Esses atores estão sempre em contato com possíveis compradores, produtores rurais, veterinários e estudantes que participam de uma feira de pecuária.

Os tratadores conhecem bastante a dinâmica de funcionamento e lógica de compra e venda presentes em feiras de pecuária. Muitos contribuem com o trabalho de médicos veterinários, realizando inseminações artificiais e tratando enfermidades dos animais.

Esses atores, além de zelar e tratar dos animais, têm a responsabilidade de apresentar as melhores reses para possíveis compradores. Durante uma feira de pecuária, lidam cotidianamente com pessoas, conversam com o público que frequenta esses espaços.

Já os peões de rodeio estão acostumados a darem entrevistas e serem abordados em festas de peão ou em feiras de pecuária. Se com os peões de manejo tinha dificuldade em obter informações, com os peões de rodeio difícil era obter entrevistas que já não estivessem previamente elaboradas.

Os peões de rodeio são os personagens mais conhecidos e de certa maneira mais reverenciados no contexto das exposições e festas de peão. Apesar de as atividades que realizam não estarem diretamente ligadas aos leilões, julgamentos e exposições de animais – que são os mais importantes eventos de uma feira de pecuária –, os peões de rodeio são bastante orgulhosos das tarefas que realizam. Gostam de enfatizar o quão difícil e glamoroso é tentar permanecer oito segundos no lombo de touros ferozes.

Acostumados a darem entrevistas à imprensa, o contato com os peões de rodeio era sempre mais descomplicado. Alguns me perguntavam se eu usaria câmera e

⁴⁰ Nem toda fazenda exibe seus animais em exposições, nessas propriedades trabalham atores que atuam como vaqueiro de campo. Esses peões têm que saber lidar com animais nas propriedades rurais. Mesmo aquelas fazendas que apresentam animais em exposições, contratam esses outros funcionários. Os vaqueiros de campo são responsáveis por alimentar, tratar enfermidades, apartar, separar, transportar o gado dentro das propriedades rurais, tem papel fundamental nas fazendas.

nunca tive problemas ao usar o gravador. Os peões de rodeio quase sempre achavam que eu era jornalista, e às vezes ficavam decepcionados ao saber que a entrevista que eu estava realizando não apareceria em nenhuma revista ou jornal.

Outra questão interessante da minha aproximação com os peões, que revela de que maneira uma feira de pecuária se desenvolve, foi o horário em que conseguia conversar ou realizar entrevistas. Como a maioria dos rodeios acontece no período da noite, os peões de rodeio costumam acordar mais tarde. A maioria das conversas que estabeleci com esses interlocutores aconteciam no fim do dia, período em que estão se preparando para as apresentações nas provas de laço ou montaria.

Os peões de manejo estão sempre se movimentando e trabalhando arduamente para o funcionamento dos leilões. Vários leilões são realizados por dia numa feira de pecuária, normalmente começam a acontecer a partir da hora do almoço e se estendem até a madrugada. Alguns leilões ocorrem simultaneamente numa feira de pecuária. A conversa com os peões de manejo acontecia nos momentos que antecedia o início dos leilões, durante a hora do almoço, tarde ou começo da noite.

Já com os tratadores de gado, pude trocar impressões sobre as feiras durante quase todo o tempo, esses atores realizam atividades nas proximidades dos pavilhões de exposições e lá permanecem quase o dia inteiro, zelando pelo gado e conversando com colegas de trabalho.

Conversar com peões (sejam peões de manejo, tratadores de gado ou peões de rodeio) durante o período da noite foi uma tarefa praticamente impossível de ser realizada. Se durante o dia eu era tratada com uma “trabalhadora” das feiras de pecuária, à noite, eu era vista como uma “freqüentadora”, que estava ali para beber e me divertir nos bailes e shows de música sertaneja. O cair da noite dá às feiras de pecuária uma outra atmosfera, os negócios realizados durante o dia dão lugar às festas, às comemorações, às bebericagens. Mesmo trabalhando, os peões arrumam espaço para o lazer, como outros freqüentadores participam dos shows e rodeios.

Fazer observação de campo em um evento que tem dia para começar e para acabar não é tarefa fácil nem para o mais experiente etnógrafo. As atividades que acontecem num evento como esse devem ser acompanhadas a todo momento e a aproximação com os

interlocutores deve ser realizada no curto período em que a feira ou festa ocorre. Por esse motivo, durante meu trabalho de campo, passei boa parte do dia na companhia dos peões.

A conquista de credibilidade e de momentos de verdadeira “interlocução” foi paulatinamente ganhando força no decorrer das exposições que participei. No princípio, os vaqueiros com quem mais mantive contato, ficavam surpresos ao me ver retornar todos os dias ao acampamento em que estavam alojados ou ao local onde trabalhavam. Para eles era inusitada a permanência de uma estudante acompanhando as atividades que realizam durante o período de uma exposição.

Em capítulo anterior pontuei que os quatro tipos de eventos de agronegócio (festas temáticas, feiras de pecuária, “agrishows” e festas de peão) possuem vocações, atividades que acontecem com mais intensidade e têm maior importância econômica ou festiva. Nas “Pecuárias” os julgamentos, leilões, exposições de animais e rodeios são atividades de bastante prestígio. Os primeiros por envolverem os negócios presentes nesses eventos e os rodeios por atraírem diversos espectadores.

Através da descrição desses eventos – julgamentos, exposições de animais, leilões e montarias – apresentarei o cotidiano de tratadores de gado, peões de manejo e peões de rodeio. Por trás de cada uma dessas atividades está o imprescindível trabalho desses atores.

2.1 Pavilhões de exposição;

Os pavilhões de exposição são grandes galpões onde o gado é exposto para possíveis compradores e para visitantes das feiras de pecuária. Cada animal permanece preso a uma argola⁴¹ – cada vaca ou touro possui um lugar previamente marcado no

⁴¹ Para que produtores rurais apresentem seus animais em feiras de pecuária, é necessário locar argolas. Cada animal apresentado em um pavilhão exposições fica preso a uma argola. Se um produtor rural levar sete animais para uma feira, por exemplo, terá que locar sete argolas. Uma argola refere-se ao espaço necessário para a permanência de um animal no pavilhão de exposições durante uma feira de pecuária. As argolas são alugadas pelos organizadores das exposições (que geralmente são associações de ruralistas ou sindicatos rurais). O aluguel de uma argola na Expogrande de 2007 custava cem reais. Muitos peões achavam absurdo o preço das argolas já que a alimentação dos animais e limpeza dos pavilhões de exposições é de responsabilidade da fazenda que apresenta reses nas feiras.

pavilhão de exposições em que permanecerá durante todo o período da feira. Junto com os animais expostos há sempre uma ficha com os dados de cada rês, que apresenta a filiação (pai e mãe) e o nome do proprietário do animal.

Os tratadores de gado costumam passar a maioria do tempo nas proximidades dos pavilhões de exposição. Esses peões preferem ficar nesses locais para estar sempre perto dos animais que zelam e tratam. Tratadores dormem em redes penduradas nos pavilhões de exposição ou montam barracas. Geralmente montam acampamento nas proximidades dos locais onde o gado da fazenda em que trabalham está. Além de levarem para as exposições seus objetos pessoais, carregam um grande baú (chamado de malão) com as tralhas necessárias para realizarem tarefas com os animais: cabresto, pás, remédios, ração.

Os animais são separados em pavilhões conforme a raça. Um pavilhão de exposições de uma feira de pecuária, por exemplo, só recebe a raça *Brahman*, outro só a raça *Nelore*. Por esse motivo, os tratadores de gado que trabalham com animais de mesma raça, acabam por se relacionar mais intensamente.

Figura 7: Estudantes visitando um pavilhão de exposições na edição de 2007 da Expô Londrina (Foto: Natacha Leal)

No entorno dos pavilhões de exposição, há sempre uma grande quantidade de pessoas: tratadores de gado, vendedores ambulantes, produtores rurais, estudantes, compradores. Uma rede de relações se constrói nesses espaços. Os tratadores que se

conhecem de outras feiras se encontram nos pavilhões, vendedores ambulantes comercializam guloseimas ou bebidas, freqüentadores da feira passeiam por esses espaços para ver de perto os animais, peões desempregados⁴² vão até os pavilhões em busca de trabalho. Até mesmo lavadeiras⁴³ circulam pelos pavilhões, oferecendo serviços aos peões acampados.

Figura 8: Planta de um pavilhão de exposições e como se dispõem os acampamentos improvisados dos tratadores de gado

⁴² Os peões desempregados que já trabalharam em muitas fazendas ou feiras de pecuária recebem a alcunha de “peão rodado”. A experiência desses peões, no entanto, não os torna melhores ou mais aptos a lidar com o gado. Tal termo (peão rodado) é depreciativo, utilizado para falar de sujeitos que não arrumam trabalho por serem encrencreiros, “ruins de serviço” ou mentirosos. Alguns “peões rodados” apareceram nos parques de exposição de Campo Grande e Londrina enquanto eu realizava observações de campo em busca de trabalho.

⁴³ A presença de lavadeiras não é incomum nas feiras de pecuária. Elas vão aos parques de exposições de bicicleta ou mesmo à pé para oferecer serviços aos peões e a outros trabalhadores acampados. Essas moças cobram por peça lavada (a lavagem de uma calça custa R\$ 2,50, de uma camisa R\$ 2,00) ou pela dúzia de roupas (R\$ 15,00). As exposições geram renda não só para pessoas ligadas ao agronegócio, lavadeiras, vendedores ambulantes, cuidadores de carros e flanelinhas também lucram com esses eventos.

Para os freqüentadores de feiras de pecuária que não são proprietários rurais ou vaqueiros, os pavilhões de exposição são os únicos espaços abertos em que se pode ver o gado e conhecer um pouco mais sobre a pecuária. Os leilões são eventos particulares e os julgamentos de animais possuem regras que leigos em pecuária só conseguem entender depois de um certo tempo acompanhando tais atividades.

Os animais ficam expostos durante o dia todo, nesse período não é incomum ver a presença de estudantes ou de visitantes da feira nos pavilhões. Esses animais expostos são constantemente acariciados pelos visitantes. Essa prática, inclusive, é bastante estimulada pelos tratadores. Por essas reses estarem constantemente viajando por esses eventos normalmente são mansas e acostumadas com o público que freqüenta feiras de pecuária.

As reses ficam expostas nos pavilhões nos dias que antecedem os julgamentos ou leilões de que participarão. A exposição desses animais serve para dar prestígio ao criador dono do plantel e para que pretensos compradores vejam as reses antes dos leilões.

Mas nem todos os animais expostos nos pavilhões estão à venda, muitas vezes estão lá para mostrar sua “genética”, para demonstrar de que maneira seus descendentes se desenvolverão. Por essa razão, não é incomum encontrar bezerros e seus pais expostos no mesmo pavilhão. Na maioria das vezes as vacas e touros adultos não serão comercializados nos leilões e sim seus filhotes.

Para os animais estarem sempre bem apresentáveis nos pavilhões, os tratadores de gado trabalham muito. Acordam bastante cedo para banhar e alimentar as reses e sempre estão preocupados com a limpeza do pavilhão. Como lidam com os mesmos animais na fazenda e nas exposições que participam, zelam dos animais como se fossem seus. Se preocupam com a perda de peso e com o *stress* das reses e ficam bastante satisfeitos quando o gado que tratam é elogiado pelas pessoas que passeiam pelos pavilhões de exposição.

As feiras de pecuária são para os tratadores de gado, além de trabalho, espaço para confraternização. Em volta dos pavilhões de exposição e dos acampamentos improvisados tratadores narram suas trajetórias, contam causos de outras exposições, caçoam de seus colegas.

Optei por iniciar meu trabalho de campo na Expogrande do ano de 2007 conversando com tratadores de gado. Na primeira tarde que comecei a realizar minha pesquisa fui até as proximidades de um dos pavilhões de exposição do Parque Laucídio Coelho⁴⁴ tentar me aproximar de alguns vaqueiros. Como as atividades oficiais da feira de pecuária ainda não tinham começado, havia grande circulação dos organizadores do evento, que distribuíam credenciais e verificavam a chegada de trabalhadores e de animais.

Aproximei-me de um dos funcionários da Acrissul⁴⁵ que distribuía credenciais a um grupo de vaqueiros de Goiás para puxar conversa. A recepção não foi muito calorosa. Apenas um dos peões (“Acerola”) se dispôs a conversar comigo. Os outros moços permaneceram distantes, escutando de longe o que dizíamos. Formalmente me apresentei como pesquisadora da Universidade de São Paulo e contei quais eram os objetivos do meu estudo.

Acerola ficou um pouco encabulado quando soube que eu era pesquisadora e imediatamente chamou seu companheiro de estrada (Chiquinho) para escutar o que eu tinha a dizer. Depois de algumas explicações acerca da minha pesquisa, a conversa ficou mais solta e outros peões se aproximaram para trocar impressões sobre a feira.

Chiquinho e Acerola acabaram se tornando meus “informantes privilegiados”. Acompanhei os julgamentos, leilões e apresentação de animais que a fazenda desses peões participou na exposição de Campo Grande. Durante as tardes da exposição, permanecia no acampamento improvisado desses vaqueiros ouvindo suas histórias e

⁴⁴ O parque de exposições da cidade de Campo Grande tem o nome de Laucídio Coelho. As terras onde hoje se localiza o parque foram adquiridas pela Associação de Criadores do Sul de Mato Grosso no ano de 1945. Desde então, diversos espaços foram sendo construídos e o parque foi ganhando a estrutura e forma dos dias atuais.

⁴⁵ A ACRISSUL (Associação de criadores de Mato Grosso do Sul) é a entidade que organiza todos os anos a feira agropecuária de Campo Grande – Expogrande, como a maioria das associações de ruralistas, é a grande promotora da maioria dos eventos que acontecem na exposição. Em Londrina, a entidade responsável por organizar a feira de pecuária é a Sociedade Rural do Paraná. Essas entidades são associações de classe dirigidas por ruralistas locais, além de realizarem esses eventos, são organismos que contribuem para fortalecer a pecuária nessas localidades e estar na frente para a defesa das prioridades econômicas e políticas de produtores rurais.

conversando com outros peões que se aproximavam dali para tomar tereré⁴⁶ e assistir televisão (Acerola e Chiquinho levam uma televisão e um vídeo cassete para as exposições que participam).

Esses dois peões são funcionários de uma fazenda que produz gado da raça *Brahman*. Conhecem várias feiras de pecuária de todo o Brasil. Só nos primeiros meses de 2007 já tinham ido a três exposições (Petrópolis – RJ, Avaré –MG e Campo Grande – MS). A fazenda em que trabalham é uma das maiores produtoras dessa raça, participa de várias exposições, organiza leilões e aprimora geneticamente diversos animais.

Acerola é tratador de gado, tem 22 anos e é solteiro. Chiquinho, 30 anos, casado, é motorista de caminhão. Esses dois rapazes costumam viajar juntos para as feiras de pecuária que a fazenda em que trabalham participa, mas exercem funções diferentes no contexto desses eventos.

Chiquinho, além de transportar animais para exposições de pecuária, trabalha com outros tipos de transportes. O patrão de Chiquinho e Acerola, além de lidar com agronegócio, tem outros empreendimentos. Chiquinho não mora em uma fazenda como a maioria dos tratadores de gado, mora em uma cidade satélite de Brasília, Ceilândia, e trabalha no escritório do patrão, é um “faz-tudo”. Nas feiras, além de trabalhar com o transporte de animais⁴⁷, contribuí com o trabalho de tratadores de gado.

Já Acerola, mora na fazenda em São Miguel do Passa Quatro - Goiás. Entre os trabalhos de uma e outra exposição retorna à fazenda para realizar tarefas de campo: trato e zelo dos animais na propriedade rural. É funcionário fixo dessa fazenda. Como a maioria dos tratadores de gado, leva a vida nas constantes idas e vindas entre a fazenda e exposições de pecuária.

⁴⁶ O tereré é uma bebida feita à base de mate bastante apreciada nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. É uma bebida parecida com o chimarrão, só que diferente desse que é tomado com água bastante quente, o tereré é consumido com água gelada. Em sua expedição pelo Brasil, Lévi-Strauss descreve o consumo dessa bebida no então Mato Grosso.

⁴⁷ Os motoristas de caminhão que não atuam como tratadores de gado nas exposições de pecuária são conhecidos como “fretados”. Os fretados trabalham também com o transporte de gado entre fazendas e para leilões. Esse atores também acampam junto com os peões, mas não lidam com o gado, apenas fazem o frete dos animais.

Nem toda a fazenda possui um motorista de caminhão para transportar animais entre uma e outra feira de pecuária. Muitas vezes os proprietários rurais fretam um caminhão e o motorista que realiza este serviço não atua como tratador de gado. Chiquinho, diferentemente de motoristas que trabalham com frete, acaba realizando as duas funções: transportar e tratar dos animais.

Não só Chiquinho e Acerola vieram para a exposição de Campo Grande de 2007. Outros funcionários da fazenda e o próprio patrão⁴⁸ vieram participar das atividades da Expogrande. O dono da fazenda e outros funcionários (como o veterinário, motorista pessoal do proprietário da fazenda, secretária, cozinheira) acamparam em um luxuoso trailer nas proximidades do pavilhão onde o gado estava exposto. Esse trailer chamava bastante atenção e como estava estacionado ao lado do acampamento improvisado de Acerola e Chiquinho, uma grande quantidade de pessoas circulava por ali.

Passei a maior parte do tempo do meu trabalho de campo na exposição de Campo Grande nas proximidades desse trailer e do pavilhão exposições em que trabalhavam Acerola e Chiquinho. Nesse espaço, conheci outros tratadores de gado, ouvi histórias de exposições, estreitei relações com produtores rurais, compreendi a lógica dos negócios presente em uma feira de pecuária. .

Durante a entrevista com Chiquinho e Acerola, os dois fizeram questão de relatar que conhecem muitas feiras de pecuária e que a fazenda em que trabalham (Rancho Estrela) produz animais muito apreciados nas exposições. Segundo os dois, chegam a viajar quase trinta vezes por ano. As viagens são previamente decididas pelo dono da fazenda, mas

⁴⁸ O patrão de Acerola e Chiquinho, vendo que eu passava o dia na companhia de seus funcionários, conversou bastante comigo. É um dos maiores produtores brasileiros da raça *Brahman*. Emprega em sua fazenda dois veterinários, seis tratadores de gado, quatro vaqueiros de campo, uma secretária para dar conta dos problemas internos da fazenda, uma secretária para articular viagens e apresentação em feiras de pecuária, um zelador, dois motoristas e um tratorista. Possui um laboratório em sua fazenda e ainda terceiriza as instalações de outro laboratório (para os serviços desse laboratório terceirizado, conta com o apoio de mais dois veterinários). É dono de um luxuoso trailer utilizado para viajar e acampar nas exposições. Mesmo com a comodidade desse trailer (que tem dois quartos, cozinha, banheiro, varanda) veio até a exposição de Campo Grande com seu próprio avião.

como as exposições ocorrem na mesma época todos os anos, eles têm idéia do trajeto que irão percorrer.

Para os dois viajar é bom porque estão sempre conhecendo “gente diferente” e novos lugares, o difícil para eles é ficar longe da família. Esse argumento foi uma constante nas conversas que estabeleci com outros peões. Ainda que a vida nas exposições seja compensadora, a saudade que os tratadores sentem dos filhos e da mulher é sempre motivo de reclamação.

Segue trecho da entrevista com os tratadores da fazenda Rancho Estrela. Acerola – tratador de gado, solteiro – gostava de provocar Chiquinho – tratador de gado e motorista casado – dizendo frases que insinuavam a saudade que estava sentindo da esposa e filhos:

Natacha: Me fala da sua relação com a sua mulher. Isso é uma coisa importante...

Chiquinho: Não, não vou contra estórias da minha vida não. É meio sem graça, né?

Acerola: Quanto mais saudade, mais valente fica... (risos)

Chiquinho: Que nada! Eu chego mais tranqüilo. Chega mansinho... (risos)

Natacha: Você falou pra mim que a sua mulher reclama um pouco..

Chiquinho: Oh! Reclama...Ela fala que sente minha falta e que minhas criança tão crescendo e que não tão tendo a imagem do pai dentro de casa. Deve ser ,né? Ela reclama mais é disso.

Os tratadores de gado costumam reclamar também do preço da alimentação nos parques de exposição. Apesar de receberem dos patrões um dinheiro extra para dar conta das despesas com alimentação durante as exposições, os restaurantes que oferecem refeições nesses eventos (churrascarias “self-services”) costumam cobrar de oito a dez reais por refeição, que é para esses atores muito caro.

Chiquinho, Acerola e vários outros tratadores de gado com quem conversei reclamaram das condições do local onde costumam acampar nos parques de exposição. Segundo Acerola: “*A gente fica acampado em barraca, né? Fica pior que o boi...*”

Figura 9: Acampamento improvisado de tratadores da raça Brahman na Expogrande de 2007
(Foto: Natacha Leal)

Mas o mesmo desconforto vivido por esses tratadores nas feiras de pecuária acaba propiciando trocas entre os colegas acampados. No mesmo pavilhão de exposição de Acerola e Chiquinho, estavam outros tratadores de Goiás, peões de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Esses rapazes ficavam boa parte do tempo falando sobre suas cidades ou estados de origem, disputando qual era o melhor lugar para se viver.

Os goianos diziam que todos deveriam experimentar “o empadão goiano”, que esse prato era delicioso. Já os mato-grossenses, diziam que os peixes de Cuiabá eram iguarias imperdíveis. Os tratadores que não eram de Mato Grosso ou de Mato Grosso do Sul não entendiam o porquê de muitas pessoas consumirem tanto tereré nas exposições, para esses peões essa bebida era muito amarga e sem graça.

Nos momentos de confraternização, os tratadores trocam idéias não só sobre as exposições que já participaram, mas também sobre as especificidades culturais de suas cidades de origem. Esses atores costumam caçar do sotaque um do outro e traçar perfis de peões tipicamente “paulistas”, “mineiros” ou “mato-grossenses”.

Apesar dessas pequenas rusgas e disputas, nas feiras de pecuária, os tratadores que zelam de animais que permanecem no mesmo pavilhão organizam uma rede de

cooperação e reciprocidade. Os tratadores que trabalham em uma fazenda acabam tratando também do gado de outra propriedade rural. Como estão sempre juntos, conversando e trocando idéias, os peões alertam uns aos outros sobre a necessidade de dar água e comida aos animais ou limpar os pavilhões de exposições.

O deslocamento desses atores por várias exposições contribui para que os tratadores sejam bastante solícitos uns com os outros. É muito comum tratadores que trabalham em diferentes fazendas trocarem ferramentas, remédios e até mesmo ração. Os serviços dos tratadores de gado são quase sempre realizados coletivamente, juntos limpam os pavilhões, banham , alimentam e pesam os animais.

Como nas feiras de pecuária os animais são separados conforme a raça, tratadores que trabalham num mesmo pavilhão costumam participar dos mesmos julgamentos ou leilões de animais. Apesar de nas pistas desses eventos os tratadores de fazendas diferentes competirem (na disputa do melhor ou mais caro animal), no dia-a-dia de uma exposição, esses atores são bastante cúmplices e companheiros.

Os tratadores de gado organizam uma espécie de rodízio para nunca deixar os animais sozinhos. Quando acontece algum show no período da noite que todos querem assistir, os peões fazem um sorteio para decidir quem será o “abençoado” que permanecerá vigiando os pavilhões.

Uma das grandes preocupações dos proprietários rurais em relação aos tratadores de gado é a bebida⁴⁹. Chiquinho relatou em sua entrevista que ocupa um cargo que fora de um tratador de era “cachaceiro”, que bebia muito. A estória de Chiquinho não é um fato isolado. Entre os peões beber muito é uma virtude. Contar “causos” sobre bebedeiras nas exposições é conversa recorrente. Segundo Acerola : “Não existe peão que não beba!”

⁴⁹ O patrão de Acerola e Chiquinho usa de uma estratégia bastante sagaz para oferecer um pouco de lazer, entretenimento e se aproximar dos tratadores que trabalham em sua fazenda. No primeiro dia de cada exposição que participa oferece um grandioso churrasco para os peões. Nesse dia os tratadores podem beber a vontade (inclusive, chamar colegas para participar da confraternização). Essa “festa”, segundo esse produtor rural, alivia a tensão dos tratadores durante as exposições e dá à eles um dia de folga, de diversão.

O rodízio organizado pelos tratadores nas noites das feiras de pecuária tem o papel de evitar possíveis confusões entre os peões e seus patrões. Evita também que na calada da noite, visitantes da feira mexam ou maltratem os animais.

Além dos tratadores criarem uma rede de cooperação e cumplicidade por conta do constante deslocamento e pela hospedagem nos acampamentos improvisados, esses atores legitimam as especificidades de seu trabalho e de suas redes de relações a partir da raça dos animais que zelam e tratam. Chiquinho, Acerola e seus colegas de feira, por exemplo, diziam que “o povo do *Nelore* é metido”.

É interessante notar que o trabalho e as atividades de lazer ou entretenimento de tratadores de gado em uma feira de pecuária não são alterados conforme a raça do animal. Tratadores realizam as mesmas tarefas independente de cuidarem de bovinos da raça *Brahman* ou *Guzerá*. O que vejo é que os avanços das misturas genéticas que criam raças capazes de colocar no mercado carne no mais curto período de tempo possível, fomentam a competição não só entre os produtores dessas novas raças, mas também entre os tratadores.

A raça *Brahman* foi criada a partir da mistura das raças *Nelore*, *Gir*, *Guzerá* e *Krishna Valley*⁵⁰. Foi introduzida no Brasil no começo da década de noventa e nos últimos anos tem ganhado bastante espaço nos leilões e feiras de pecuária. Como é uma raça relativamente nova, os tratadores de gado que conheci, gostavam de falar sobre os modos de criar e cuidar desses animais.

⁵⁰ Nas feiras de agronegócio as misturas genéticas para criar inúmeras raças de bovinos, eqüinos e sementes transgênicas, as inseminações artificiais, a venda de células reprodutoras, insumos agrícolas e rações especiais fazem parte não só do discurso daqueles que participam desse meio, mas também do dia-a-dia. O peão ou tratador de gado que hoje trabalha em fazendas (em feiras de pecuária também) não lida da mesma maneira que seus pais ou avós lidavam com a “natureza”. As novas formas de produzir mais e melhor (entenda-se melhor como dispor no mercado produtos no menor período de tempo) exigem novas técnicas e conhecimentos que no passado eram restritas a outros profissionais. Muitos tratadores de gado com quem conversei, realizam inseminações artificiais, sabem tratar enfermidades nos animais usando a medicina veterinária alopática ocidental. Explicam com clareza o que é uma raça sintética (criada em laboratório a partir de misturas com outras raças) e descrevem como essas raças são produzidas nas universidades, laboratórios e instituições de pesquisa. A relação com a “natureza” na era do agronegócio e das misturas genéticas é um tema que perpassa vários momentos da minha pesquisa. Essa discussão requer fôlego e exigiria, talvez, empenho teórico e observações de campo que renderiam outra dissertação de mestrado.

Os tratadores de gado, apesar de não serem os proprietários dos animais que tratam, “vestem a camisa” da fazenda em que trabalham. Se lidam com vacas e touros Brahman (como é o caso dos tratadores que mais me aproximei), têm conhecimento suficiente sobre as especificidades dessa raça e discutem de forma vigorosa com outros tratadores as vantagens competitivas para criação (trato nas fazendas e nas exposições) e para o mercado (venda de carne).

Nas conversas dos tratadores está sempre presente a idéia de que o aprimoramento genético e as técnicas do agronegócio (no sentido de vender mais e melhor) são conhecimentos necessários para as exposições de pecuária e também para o trabalho que realizam. Esses peões sabem que a pecuária requer conhecimentos cada vez mais especializados e acham isso muito importante. Mas a relação que esses atores estabelecem com o conhecimento formal (com a escola, com a universidade), é um tanto distante.

Entre os peões que trabalham em exposições (tratadores de gado, peões de manejo e peões de rodeio), os tratadores são os que freqüentaram mais a escola. A maioria tem o primeiro grau completo, conheci um, inclusive, que era técnico agrícola.

Esses atores, no entanto, duvidam se o investimento dedicado ao ensino formal é interessante. Nas nossas conversas muitos tratadores diziam que existe “muita gente estudada” sem emprego e que as tarefas que realizam estão mais ligadas à prática, que vêm de berço. Para legitimar os seus conhecimentos na lida com o gado gostavam de dizer que seus pais e avós “eram de fazenda” e que desde crianças aprenderam a mexer com os animais.

A maioria dos peões reconhece que o trabalho que executam requer força e juventude. Sabem que a partir de determinada idade fica difícil realizar as mesmas tarefas com tamanha habilidade e destreza. Aqueles que não ascendem profissionalmente, se tornando administradores das fazendas ou chefes de outros vaqueiros, acabam sem emprego. Nas conversas dos tratadores de gado está sempre presente a idéia da necessidade de um “pé-de-meia”, de guardar dinheiro ou construir um pequeno patrimônio para adversidades futuras.

Muitos tratadores que conheci almejavam ser jogadores de futebol. Para eles essa é uma profissão realmente compensadora. Os tratadores de gado com quem eu

conversei não reclamavam do salário que ganhavam (cerca de um a dois salários mínimos), diziam que difícil mesmo era ficar longe da família⁵¹, da mulher e dos filhos.

É interessante pensar nos paradoxos que envolvem a produção da pecuária “na era do agronegócio”. Acompanhei o processo de venda de sêmen de um touro muito premiado que foi arrematado por cem mil reais em um leilão. No pavilhão que trabalhava Chiquinho e Acerola havia uma vaca que valia setecentos mil reais e um touro que custava cerca de um milhão de reais. Os tratadores ganham de um a dois salários mínimos e mesmo lidando cotidianamente com animais de preços milionários, são, em sua maioria, bastante satisfeitos com o salário que recebem.

Ser tratador de gado, segundo meus interlocutores, parece ser um trabalho bastante compensador. Primeiramente porque a figura do “peão” numa feira de pecuária é, de certo modo, bastante valorizada. Não é incomum ocorrerem homenagens a esses trabalhadores em rodeios, leilões e julgamentos de animais. Depois, porque o discurso do agronegócio de envolver “os vários elos da produção agropecuária”, faz com que os trabalhadores que lidam com a base da pecuária (como é o caso dos peões e vaqueiros), vejam que o trabalho que realizam é primordial. Quando um animal que tratam ganha um julgamento ou é arrematado a preços milionários em um leilão, os tratadores percebem que trabalho que realizaram não foi em vão, que como os animais, são também um pouco campeões.

Nas exposições em que fiz trabalho de campo (Campo Grande, Londrina e São Paulo) pude observar a presença de mulheres acompanhando peões. Algumas atuam como tratadoras, outras apenas viajam com seus maridos. Suzana, 23 anos, é uma dessas moças.

⁵¹ Rosani Rigamonte em sua dissertação de mestrado também trata da distância entre membros da mesma família. Rigamonte pesquisou nordestinos que migram para a cidade de São Paulo em busca de uma vida melhor e muitas vezes passam meses ou anos sem voltar a rever a família. Aponta que na maioria das vezes, os chefes das famílias (homens, maridos) vêm primeiro para São Paulo em busca de emprego e que só depois de estabelecer-se (conseguir emprego fixo) trazem os outros membros da família. Ocorre também, casos de migrantes que vêm sozinhos para o sudeste juntar dinheiro para montar pequenos empreendimentos no nordeste e que passam meses, e por vezes anos, até conseguir a quantia de dinheiro necessária para voltar para sua terra natal e rever seus parentes. Rosani pontua que esse deslocamento constante constitui uma rede São Paulo – Nordeste e que a distância acaba por determinar novas formas de reciprocidade e trocas entre essas famílias.

Durante a exposição de Campo Grande acompanhava seu marido que era tratador da raça Nelore. Passava a maioria do tempo conversando com outros tratadores ou passeando pelo parque. Suzana me disse que o dono da fazenda prefere que ela acompanhe os peões, já que a presença da “esposa” evita possíveis bebedeiras ou farras.

Em Campo Grande, ainda, havia a esposa de um tratador de gado que ia todos os dias na feira. Eles tinham um filho de poucos meses e essa moça saía da fazenda e ia até a exposição acompanhar as atividades do marido. Ela me disse que ficar longe do companheiro era muito complicado e como morava numa fazenda que ficava no município de Campo Grande, fazia o esforço de visitar o marido na feira agropecuária todos os dias.

Já na exposição de Londrina, conheci uma tratadora. Lú realiza as mesmas atividades que qualquer outro homem realiza nas feiras de pecuária. No passado foi bóia-fria e militante do MST ⁵² e hoje atua como tratadora de gado. Começou o trabalho nas feiras acompanhando o marido, dizia que não via o tempo passar na fazenda e decidiu viajar pelas exposições. Acabou tomando gosto pela atividade.

É interessante perceber de que maneira os peões constroem vínculos e relações de respeito com mulheres. As esposas de peões ou mesmo as tratadoras de gado são vistas

⁵² A estória de Lú, 32 anos, é bastante interessante. Foi bóia-fria no norte do Paraná e acabou entrando para o MST. Seu padastro foi beneficiado com uma pequena propriedade ao entrar para o movimento, mirando-se no exemplo de seu parente, resolveu também aderir ao MST. Ficou no movimento cerca de um ano, mas não conseguiu agüentar as dificuldades do acampamento. Junto com a filha de treze anos, disse que tinha medo de sofrer violências (físicas e sexuais) e que acampar com outras famílias na beira de estradas em condições de higiene e salubridade duvidosas era muito complicado. O exemplo de Lú é interessante porque essa tratadora mesmo tendo feito parte de um movimento social que luta pela reforma agrária e pelo fim do latifúndio, hoje, está bastante satisfeita em trabalhar para uma grande propriedade rural. Quando indagada se o salário que recebia era compatível com o trabalho que executava e com os lucros da fazenda, Lú afirmou que sim. Disse que uma fazenda como aquela em que trabalha exige muitos gastos com alimentação, transporte e trato dos animais e por isso tudo, acaba gerando muitas divisas e empregos. Afirmou que hoje é muito mais feliz do que era nos tempos de MST, segundo ela, viajar por várias exposições e lidar com animais premiados é muito compensador.

como iguais, como peões do sexo masculino. Mas a presença de mulheres nos pavilhões de exposições que não são “do pedaço”⁵³ provoca nos tratadores verdadeiros frissons.

Numa das tardes em que realizava observação de campo no acampamento de Chiquinho e Acerola, se aproximaram duas moças para passear pelos pavilhões. Os tratadores pararam seus serviços para observar as moças e começaram a dizer em alto e bom som frases que são usualmente proferidas nos leilões ou julgamentos de animais⁵⁴: *“Essa aí tem a costela bem arqueada, hein!” “Dá pista!” “É boa de aprumo, tá com o posterior bom!” “Perfeita! Perna reta...”*

Não só entre os tratadores de gado esse tipo de relação é estabelecida com mulheres. Os peões de manejo, os peões de rodeio e até mesmo freqüentadores de feiras de pecuária (informalmente conhecidos como Agrobóys⁵⁵) também gostam de afirmar sua masculinidade nas conversas com outros colegas e não perdem a oportunidade em mexer com mulheres e moças que passam pelas proximidades de seus acampamentos ou locais de trabalho. Muitas músicas sertanejas (bastante apreciadas no contexto das feiras de pecuária), falam sobre bebedeiras e paqueras⁵⁶, que são para os peões, momentos de grande importância nas exposições.

⁵³ José Guilherme Cantor Magnani entende por pedaço os domínios intermediários entre os espaços privado e público. Desenvolveu essa categoria para dar conta de relações e formas de sociabilidade entre indivíduos que compartilham os mesmos códigos e vínculos. As relações criadas por pessoas “do pedaço” são mais amplas que as familiares (que acontecem nos espaços privados – na casa) e mais intensas e menos individualizantes que aquelas que acontecem em espaços públicos (na rua).

⁵⁴ O comparativo “humanos X animais” é recorrente no discurso e nas atitudes de peões e outros freqüentadores de feiras de pecuária, não só no modo desses atores referirem-se às moças (“Costela Arqueada” ou “Essa dá pista”), mas também através de “brincadeiras” ou mecanismos de sedução, como a forma abrupta de abordagem durante a paquera ou outras práticas como “laçar moças” ou comparar colegas com animais pouco apreciados nas exposições.

⁵⁵ Tal termo relaciona-se com a idéia de “playboy”, “mauricinho”. Essa expressão é utilizada por freqüentadores e trabalhadores de feiras de pecuária para nomear jovens que se vestem com a idumentária *country* para participar desses eventos.

⁵⁶ Rick e Renner, dupla sertaneja bastante apreciada por tratadores de gado e freqüentadores de feiras de pecuária tem uma música interessante para ilustrar de que maneira peões e demais participantes desses eventos se relacionam com bebidas e mulheres. Segue nas próximas linhas, trechos da música “Bebedeira”: *É*

Mas não são só os homens que admiram esse comportamento “namorador” (e por vezes até incisivo) no contexto das feiras de pecuária. Algumas frequentadoras de “Pecuárias” e rodeios apreciam esse tipo de cantada (como aquela proferida pelos colegas de Chiquinho e Acerola) e outras formas de aproximação. Enquanto eu realizava meu trabalho de campo para a monografia de conclusão de curso, me aproximei de algumas estudantes de Medicina Veterinária para frequentar as “baladas” da exposição. Em uma das noites, havia um grupo de rapazes com uma corda laçando moças (como se laçam animais) que passavam por ali. As estudantes me disseram que achavam essa abordagem legal, que já tinham sido “laçadas” e que, inclusive, gostaram bastante da experiência.

Figura 10: Acerola nas proximidades do pavilhão de exposições (Foto: Natacha Leal)

Ao mesmo tempo em que Chiquinho, Acerola e seus colegas comparavam moças bonitas com animais premiados, gostavam de caçoar um do outro dizendo expressões

bebedeira, é bebedeira/É só zoeira, é só zoeira/Toda festa de peão/É curtidão, azaração/É mulherada de primeira...

(também utilizadas no contexto das feiras de pecuária) que desvalorizam vacas ou touros. Diziam por exemplo, que Acerola só servia para “receptor⁵⁷”, “que não dava nem registro”.

Como entre os tratadores a necessidade de afirmar a masculinidade era conversa recorrente, fiz uma pequena provocação. Narrei a estória de um filme que eu tinha visto recentemente (O Segredo de Brokeback Mountain). relatei que no filme dois *cowboys* que passaram bastante tempo juntos pastoreando ovelhas, acabaram se envolvendo emocionalmente. Disse que esse filme era bastante interessante, que os dois vaqueiros, apesar de apaixonados um pelo outro, não conseguiam, nem podiam assumir o romance.

Os tratadores ficaram bastante interessados no filme e a primeira coisa que me perguntaram era se esse filme era brasileiro, porque nunca tinham ouvido falar de peões gays no Brasil. Durante o resto dos dias que passei na companhia desses tratadores, insistiam para que eu trouxesse o filme para eles assistirem (no acampamento de Chiquinho e Acerola havia um vídeo cassete e uma televisão).

Achei melhor não levar o vídeo, imaginei que meus interlocutores pudessem ficar bastante ofendidos, mas a estória do filme fez parte de muitas conversas desses moços. Os tratadores que ouviram do que se tratava o filme ficavam caçoando os vaqueiros que não sabiam nada a respeito da estória, perguntavam se alguém que estava acampado ali era “brokebrack”. Alguns desavisados diziam que sim e se tornavam alvos de gozação e chacotas.

2.2 Os Julgamentos de animais

Julgamentos de animais são, talvez, os maiores eventos das exposições de pecuária. Não têm a atmosfera festiva como a que acontece nos leilões ou a confraternização dos pavilhões de exposição, mas são momentos que a produção de uma fazenda ganha status e reconhecimento. Os produtores rurais, tratadores de gado, geneticistas, vaqueiros de

⁵⁷ As fazendas que aprimoram geneticamente seus animais utilizam fêmeas chamadas de “receptoras” para receber as células reprodutoras de touros e vacas premiadas. Uma vaca receptora é uma barriga-de-aluguel, ela somente gera as células de animais premiados em seu ventre. A vida de uma “receptora” é bastante curta, são vacas comuns, sem raça, que geram apenas um bezerro (fruto da mistura genética de outros animais) e são abatidas.

campo e veterinários trabalham intensamente para que os animais ganhem os primeiros lugares nessas competições.

São atividades bastante antigas em eventos agropecuários. Julgamentos acontecem tanto em festas temáticas (como já foi apontado em capítulo anterior), como também em feiras de pecuária. Nas feiras de pecuária contemporâneas, os julgamentos de animais envolvem uma gama de profissionais: juízes, representantes de associações de ruralistas, vaqueiros, veterinários, zootecnistas, produtores rurais e estudantes.

A organização dos julgamentos de animais que acontecem em várias exposições do país se assemelha bastante com provas esportivas. Cada exposição que abriga julgamentos de animais convoca uma banca avaliadora (composta por três juízes) que dará às reses os primeiros, segundos, terceiros, quartos ou quintos lugares. Os animais que participam dessas competições são julgados em cinco categorias determinadas pela idade e sexo. Os touros são avaliados como Bezerro, Junior Menor, Junior Maior, Touro Jovem e Touro Sênior. As vacas são julgadas também em cinco categorias: Bezerra, Novilha Menor, Novilha Maior, Fêmea Jovem e Vaca Adulta.

Tabela Macho

Campeonato Bezerro	Oito a doze meses
Campeonato Junior Menor	Doze a dezesseis meses
Campeonato Junior Maior	Dezesseis a vinte e dois meses
Campeonato Touro Jovem	Vinte e dois meses a vinte e oito meses
Campeonato Touro Sênior	Vinte oito a trinta e seis meses

Tabela Fêmea

Campeonato Bezerra	Oito a doze meses
Campeonato Novilha Menor	Doze a dezesseis meses
Campeonato Novilha Maior	Dezesseis a vinte e dois meses
Campeonato Fêmea Jovem	Vinte e dois a vinte e oito meses
Vaca adulta	Vinte oito a trinta meses

É como se os julgamentos que acontecem nas exposições de pecuária fossem uma das provas de um grande campeonato (que é o ranking nacional). Cada julgamento dá aos animais uma pontuação que é somada no fim do ano para compor o ranking dos melhores criadores e produtores.

Associações de ruralistas determinam quais feiras de pecuária abrigarão “julgamentos oficiais”, cujos resultados são uma das etapas que compõe o ranking dos melhores criadores do país. No ano de 2007, por exemplo, os produtores que trabalham com a raça *Canchim* tiveram que participar de seis exposições (Campo Grande, Londrina, Itapetininga, São Paulo, Presidente Prudente e Paranaíba) cujos julgamentos somavam pontos para o ranking nacional.

Mas não existem somente rankings nacionais. Os estados da federação também organizam rankings dos melhores animais (os chamados rankings regionais). Da mesma maneira que na “ranqueada⁵⁸” nacional, associações de ruralistas dos estados organizam julgamentos e determinam quais são as feiras que os animais competidores devem participar.

As diversas raças que participam de feiras de pecuária competem em rankings distintos. Os criadores da raça *Nelore* não concorrem com produtores da raça *Guzerá*. Muitas vezes, expõem nas mesmas feiras de pecuária por esses eventos abrigarem julgamentos de várias raças. Mas os animais são avaliados a partir de critérios que julgam caracterizações que variam conforme a raça de cada rês.

Cada raça possui um padrão diferente. Os juízes que trabalham nessas competições analisam a “carcaça” do animal: o tamanho do tórax, o lombo, a pelagem, o formato da cabeça, a orelha. Essas características variam conforme a raça da rês que está sendo avaliada. Por esse motivo, existem juízes com formação para analisar raças específicas.

Essas colocações nos julgamentos dão não só prestígio aos criadores e animais. Os julgamentos contribuem para constituir padrões para as raças. Um bom espécime de

⁵⁸ Ranqueada é uma expressão usada recorrentemente por fazendeiros e tratadores de animais. É utilizada para dizer que em determinada exposição os julgamentos de animais fazem parte de uma das etapas do ranking nacional. É quase um sinônimo de classificação.

Nelore, Brahman ou *Guzerá* é dotado de características que são evidenciadas e analisadas nos julgamentos.

Um prêmio em um julgamento dá à res um maior valor de mercado. Num leilão, por exemplo, os animais premiados custam mais. Os descendentes de animais premiados, como filhos ou netos, também têm maior valor por terem na composição genética traços de seus ascendentes que caracterizam o padrão de determinada raça.

Os julgamentos de animais são uma espécie de vitrine que evidencia de que maneira é preciso um intenso trabalho tecnológico e científico para a pecuária contemporânea. Primeiramente pela necessidade da constituição de um padrão para cada raça de animal (que requer um intenso trabalho no campo e nos laboratórios também), depois porque os julgamentos são organizados a partir de um rígido controle que tem por objetivo mapear e premiar os melhores animais do país.

A atmosfera de competição e a vontade de ter um animal campeão atingem não somente os donos dessas reses que participam de julgamentos. Os tratadores de gado também querem apresentar os melhores animais. Os julgamentos são as atividades que fazem com que as exposições de gado deixem sua atmosfera festiva e de negócios suspensas por algumas horas para se transformarem em sérios campeonatos. Abaixo Chiquinho explica o que entende por uma feira de pecuária.

Na verdade isso aqui funciona como uma competição, tá entendendo? Cada um quer mostrar as melhores cabeças que tem no plantel, pra sair no ranking e expandir no Brasil inteiro ou até fora do país.

Nos julgamentos os tratadores de gado atuam como “peão de pista”. A tarefa do peão de pista consiste em apresentar animais nas pistas dos julgamentos ou leilões. Segundo os tratadores com quem conversei nem todo vaqueiro tem habilidade para apresentar de forma adequada os animais.

A capacidade de mostrar as qualidades dos animais para os juízes é fundamental para uma boa colocação nos julgamentos. Atualmente existem, inclusive,

cursos ministrados por tratadores que lidam com reses que já ganharam muitas competições para ensinar outros peões a apresentarem de forma correta.

Figura 11: Julgamento de animais da raça Nelore na Expogrande de 2007 (Foto: Natacha Leal)

Abaixo, segue o trecho de uma entrevista realizada com o gerente de uma fazenda que trabalha com a raça *Canchim*. Encontrei esse interlocutor, Sandro Rogério, em todas as feiras que fiz trabalho de campo (Londrina, Campo Grande e São Paulo), coincidentemente nessas três feiras estavam acontecendo “ranqueadas” dessa raça. Esse depoimento é bastante elucidativo para mostrar como funcionam os julgamentos de animais e de que maneira o bom trabalho de tratadores de gado (peões de pista) é fundamental nesses contextos:

Natacha: Queria que você me explicasse como se apresenta o animal na pista...É pisteiro o sujeito que apresenta?

Sandro: Isso!

Natacha: Ele tem bastante influência no resultado do julgamento, né?

Sandro: Bastante. Uma bobeada que ele dá... Eu até falo pros meus apresentador, que você tem que tá com o animal na mão e achar que ele é o melhor da pista e ainda mostrar que ele é o melhor da pista!

Natacha: E como que faz isso?

Sandro: Ah! Aí você vai-te que mostrar pro juiz, vai ter que botar ele numa postura que o juiz consiga observar tudo que ele tem de melhor, entendeu? Então se o animal fica inquieto você tem que acalmar o animal, deixar ele botar os aprumos dele no lugar correto, botar ele com a cabeça na posição certa...São *any* macetes que o apresentador tem que ter. Às vezes uma má apresentação de um bom animal acaba sendo penalizada, então, conta muito. Um animal às vezes leva o título porque ele foi de um bom apresentador.

Tem pessoas que entram com um animal muito bom, mas entram como se fosse um cego puxando um cachorro... E não é! Quando você entrar, tem que entrar chamando atenção do juiz e mostrando que o animal é um produto bom.

Natacha: Essas vacas são quase como uma miss, né?

Sandro: São como modelos, elas vão desfilar pro juiz. Então se você não tá convencido que o seu animal é o melhor animal que tá disputando, cê acha que o juiz vai acreditar? Cê acha que o juiz vai falar: “Levanta a cabeça, rapaz. Você tá com o melhor animal”. Não! Você tem que entrar ciente que está com o melhor animal pra mostrar pro juiz...

No *Canchim* a gente apresenta bem, graças à Deus! Todos os anos quando acaba a exposição nacional, o juiz americano sem conhecer ninguém, premia o melhor apresentador. A gente, há cinco anos seguidos, a nossa equipe ganha o título de melhor tratador.

Ainda que os critérios para julgar um bom espécime sejam dados pelo padrão de cada raça e pela banca avaliadora de cada julgamento, o trabalho dos tratadores de gado é essencial. O contato com os animais nas fazendas e nas várias exposições de que participam faz com que o gado se acostume a desfilar sempre com o mesmo peão. Como modelos que vestem as marcas mais famosas em desfiles por todo o planeta, o gado que participa de exposições apresenta “genética qualificada” em julgamentos e leilões.

O trabalho dos peões nos julgamentos de animais começa antes do dia oficial dessas atividades. Os animais costumam perder bastante peso por conta da viagem e deslocamento (alguns animais chegam a perder quase quatro quilos entre o deslocamento entre a fazenda e uma exposição agropecuária). Se a distância entre a propriedade rural e uma feira de pecuária é muito grande, animais e tratadores de gado descansam durante um dia em uma fazenda – normalmente locada para tal atividade –, para que o gado ande um pouco e recupere massa muscular⁵⁹. Nas feiras de pecuária, nos dias que antecedem os julgamentos, a alimentação e cuidado com os animais é foco constante no trabalho dos tratadores.

As horas que antecedem um julgamento de animais são momentos de grande euforia para os tratadores de gado. Esses atores acordam bastante cedo para banhar os animais e durante todo o dia se preparam para tal atividade. Normalmente, tratadores que dividem os mesmos acampamentos improvisados e pavilhões de exposições participam dos mesmos julgamentos e passam o dia caçoando dos animais das fazendas de seus colegas.

O momento da pesagem dos animais ilustra a competitividade presente nesses eventos. Toda a rede de cumplicidade e reciprocidade construída ao longo dos dias que os tratadores permanecem juntos é suspensa por algumas horas. Os tratadores querem apresentar animais campeões e costumam fazer provocações dirigidas aos seus colegas de profissão para afirmar as qualidades das reses que tratam. Durante meu trabalho de campo, enquanto eu acompanhava a pesagem, tratadores de gado que trabalhavam juntos em uma fazenda, desmereciam animais de outras propriedades rurais. Enquanto seus animais eram pesados diziam alto e bom som para outros tratadores que ainda estavam na fila: *“Primeiro vem a nata, depois vem a rapa!”*.

⁵⁹ Os tratadores de gado e proprietários das reses preferem não parar nessas fazendas para descanso. Segundo as normas do Ministério da Agricultura, é necessário parar se a viagem for de mais de mil quilômetros. Para viajar com animais o Ministério da Agricultura emite uma guia de trânsito. Quando os animais e peões descansam durante o trajeto da viagem em alguma localidade que não é o local de origem do gado, é preciso tirar uma nova guia para prosseguir. Como esses processos burocráticos costumam ser demorados, os tratadores e gerentes das fazendas preferem fazer uma única viagem, se preciso for, alimentam e dão água para os animais dentro do caminhão.

Se na maioria dos dias de uma feira de pecuária os tratadores permanecem ao redor dos pavilhões, as horas dos julgamentos alteram toda essa rotina. Na ocasião desses eventos passam o dia inteiro no constante vai-e-vem entre pista de julgamentos e pavilhão de exposições.

Normalmente cada fazenda leva mais animais que tratadores de gado, logo, no dia dos julgamentos esses atores se organizam para apresentar as reses na pista da melhor maneira possível. Enquanto um tratador apresenta um animal para os juízes, seu companheiro de estrada vai até o pavilhão de exposições buscar a próxima rês que vai ser avaliada.

Os tratadores puxam os animais com uma corda para serem apresentados à comissão julgadora desses eventos. Esses peões usam um colete com o número da rês que está sendo julgada. Cada animal (puxado por seu tratador) desfila na pista de julgamento. Somente nos momentos que antecedem a divulgação das notas que os animais competidores permanecem juntos na pista, numa coluna que dispõe os animais lado a lado. Os vencedores são anunciados de forma decrescente (primeiro é chamado o quinto lugar, depois o quarto e assim sucessivamente).

Um julgamento de animais costuma durar quase um dia todo. Enquanto os tratadores permanecem se deslocando entre a pista de julgamentos e os pavilhões de exposição, seus patrões permanecem de longe numa arquibancada observando as apresentações e esperando ansiosos pelos resultados dos julgamentos.

Os resultados dessas competições premiam os criadores. O mérito de uma rês ganhar o primeiro lugar num ranking nacional ou regional é do dono do animal. Quando as premiações são anunciadas, os produtores rurais caminham até a pista de julgamento para receber um troféu. Os tratadores, na maioria das vezes, não conseguem disfarçar a satisfação de ter apresentado um animal premiado, nesses momentos, apesar de não receberem as maiores congratulações, são parabenizados pelos juízes, pelos próprios patrões e por seus companheiros de estrada.

Figura 12: Troféus do julgamento de animais da raça Nelore da Expogrande de 2007 (Foto: Natacha Leal)

Julgamentos de animais, além de fomentar a competição entre criadores e peões, ajudam a estimular as diversas exposições agropecuárias a disponibilizarem as melhores atrações e “ranqueadas”. As exposições de pecuária são bastante padronizadas, o que as diferencia é a quantidade de atividades de negócios e capacidade de gerar divisas. Uma exposição consegue ser reconhecida nacionalmente por ter em sua programação “ranqueadas” de várias raças e disputados leilões.

Ainda que certas exposições sejam mais conhecidas em virtude de suas atividades de lazer (rodeios, bares, boates, bailes, shows), os negócios e principalmente os julgamentos determinam as dimensões que a feira pode alcançar (importância local, regional ou nacional).

2.3 Leilões, negócios e trabalho

Os leilões são eventos que requerem o trabalho tanto de tratadores de animais, quanto de peões de manejo. Essas duas categorias de vaqueiros trabalham juntas para separar e apresentar os animais que serão comercializados.

Peões de manejo e tratadores de gado executam tarefas em conjunto porque os leilões são organizados e promovidos pelas fazendas que apresentam animais em feiras de pecuárias (empregadoras de tratadores de gado) e por empresas leiloeiras (empregadoras de peões de manejo).

As fazendas de pecuária são as promotoras dos leilões, são as anfitriãs, vendem animais e convidam produtores rurais a participar desses eventos. Já as leiloeiras são organizações contratadas pelas fazendas para gerenciar os leilões, atuando tanto na organização da compra, apresentação e venda dos animais, como na promoção da festa que acontece nos leilões (jantares, almoços, apresentações musicais e bebericagem).

Quem nunca foi a um leilão se assusta com a tamanha magnitude⁶⁰ presente num evento como esse. Além de espaço de comercialização, os leilões são grandes celebrações. Produtores rurais, universitários, políticos, artistas, participam desses eventos para ver de perto a produção da pecuária, mas também para beber e degustar as inúmeras iguarias oferecidas pelos promotores dos leilões.

Existe um padrão na organização e desenvolvimento desses eventos. Os convidados chegam aos poucos aos recintos onde ocorrem os leilões e são acomodados em mesas estrategicamente posicionadas. A chegada e acomodação dos convidados é o momento de troca de idéias e reencontros, é quando produtores rurais se cumprimentam calorosamente e apresentam uns aos outros colegas (quase sempre também produtores rurais), esposas ou filhos. Esse momento é também, hora de ver e de ser visto: de observar as autoridades, artistas e fazendeiros presentes.

As mesas são previamente marcadas com os nomes dos convidados. Os promotores desses eventos sabem quem são os bons compradores e os acomodam nas proximidades da pista de apresentação de animais.

Os recintos de leilões são decorados com flores e toalhas suntuosas. Geralmente um DJ faz a seleção musical, mas já fiz trabalho de campo em um leilão que

⁶⁰ Num dos leilões em que fiz trabalho de campo, fui acomodada junto aos funcionários de uma empresa organizadora desses eventos. Um funcionário dessa empresa me disse que um leilão custa cerca de setenta mil reais. Afirmou que como numa festa de casamento ou de formatura, os promotores do evento pagam pelo número de convidados presentes nessas ocasiões.

dispôs para seus convidados uma dupla de violeiros para tocar sucessos da música sertaneja de raiz.

Garçons circulam pelas mesas oferecendo vinhos, uísque, cerveja e refrigerantes. Se o leilão acontece no período da manhã, quase sempre é oferecido um almoço (que é servido antes ou depois dos leilões). No período da noite, aos convidados, é servido um coquetel (com salgadinhos, frios ou porções de carne assada) seguido de um jantar.

O início de um leilão nunca começa com a venda de animais. Como numa celebração pública, oficial, o hino nacional é tocado e o leiloeiro (narrador do leilão) faz uma apresentação dos promotores e organizadores. Quase sempre acontece uma homenagem⁶¹ a algum fazendeiro e até mesmo a peões. Enquanto essa homenagem é proferida, os DJ's colocam músicas lentas, emblemáticas para emocionar a platéia (freqüentadores dos leilões) e homenageados.

Existem três categorias de profissionais cujo trabalho é imprescindível para esses eventos: peões, pisteiros e leiloeiros. Todo leilão de animais conta com o trabalho desses atores.

As vendas nos leilões iniciam a partir do momento em que peões puxam o gado numa espécie de palco (pista) e os leiloeiros vão narrando as qualidades do animal para os possíveis compradores. Ao redor das mesas permanecem os pisteiros, homens ou mulheres que observam atentamente sinais dos compradores e avisam aos leiloeiros a oferta de compra sugerida pelos interessados.

⁶¹ No leilão organizado pelo patrão de Chiquinho e Acerola, um produtor rural foi homenageado. O fazendeiro homenageado foi um dos criadores pioneiros da raça *Brahman* no Brasil, com a epidemia da febre aftosa no ano de 2005, quase todo seu rebanho foi abatido. Os promotores do leilão (três fazendas que criam essa raça) entregaram ao homenageado um troféu de honra ao mérito e doaram uma bezerra filha de pais premiados para esse produtor reconstruir seu rebanho. Esses rituais sempre estão presentes nesses eventos. Em outro leilão que fiz observação participante, todos os tratadores de gado foram convidados a subir no palco, com o fundo musical de “We are the champion” (do cantor norte-americano Queen) , rezaram uma Ave Maria e foram aplaudidos pelos organizadores e convidados presentes.

O papel do leiloeiro é o de sempre estimular a compra, realçar as características das reses e dizer frases de efeito⁶² que ameaçam promover vendas com um preço bastante baixo. Já aos pisteiros, cabe observar os lances dos compradores e transmiti-los discretamente aos leiloeiros.

Nos leilões é sempre instalado um grande painel eletrônico que apresenta os valores dos lances oferecidos pelos compradores. O lance sugerido pelos compradores e anunciado pelos leiloeiros é o valor de uma das quatorze parcelas⁶³ em que o lote que está sendo comercializado é vendido. Quando um leiloeiro anuncia que vai vender uma rês por cem reais, na verdade, quer dizer que o animal custa mil e quatrocentos reais (esse valor corresponde a cem multiplicado por quatorze – número de parcelas em que normalmente são comercializados animais em leilões).

Um leilão funciona como um torneio de cartas em que os jogadores estão sempre escondendo o jogo. Os pisteiros percebem os sinais discretos dos compradores e transmitem as propostas de compra aos leiloeiros. Como experientes jogadores, os bons compradores sabem qual é o exato momento de fazer uma oferta e também, de cobrir a oferta de um concorrente (outro comprador).

⁶² Em um dos leilões em que fiz trabalho de campo, anotei várias expressões ditas pelos leiloeiros para estimular compras. Um comprador que demorou a dar lances foi chamado pelo leiloeiro de “gigante adormecido”. Quando o leiloeiro quis vender uma novilha descendente de animais premiados disse que aquela rês “era uma semente de qualidade saída do forno”, que era capaz de “fazer a cabeça de qualquer plantel”. Se os lotes apresentados demoravam para receber lances, o leiloeiro dizia que “não era qualquer um que tinha *feelling* para escolher aquele animal”. Os leiloeiros também costumam falar sobre o arqueamento das costelas das reses, sobre a genética (normalmente adjetivada com termos como “sensacional”, “qualificada”) e sobre a fertilidade da vaca ou touro. Para realçar a capacidade de gerar descendentes campeões usam expressões como “ela tem nobreza” ou “olha a *performance* que ela tem”.

⁶³ Nos últimos anos os leilões têm sido transmitidos via satélite para redes de televisão. Pelo telefone, compradores interessados podem dar lances e arrematar reses. Esses eventos são transmitidos ao vivo e empresas de televisão que apresentam em sua programação esse tipo de comercialização, disputam os melhores leilões. Um leilão nunca é transmitido por duas empresas de televisão ao mesmo tempo. Essas empresas compram o direito de apresentar em sua grade de programação um leilão específico. Enquanto os leilões são transmitidos ao vivo, um funcionário da empresa de televisão recebe as ligações dos interessados. Esse funcionário, nada mais é que um pisteiro, mas ao invés de receber propostas de compradores dentro do recinto onde acontecem esses eventos, recebe lances pelo telefone.

A bebida (as grandes quantidades de uísque, cerveja e vinho distribuídas pelos organizadores desses eventos) tem papel fundamental nos leilões. Os compradores, ao ingerir álcool, ficam mais soltos e dispostos a dar lances. A própria dinâmica de funcionamento de ocasiões como essa caminha lado-a-lado com a bebericagem, os animais ou células reprodutoras mais caros são vendidos no final dos leilões, quando os participantes estão bêbados e aptos a agir com mais impulsividade.

Para alguns freqüentadores leilões são apenas festas. São eventos em que é permitido comer e beber muito de graça. Normalmente esses freqüentadores são estudantes de Medicina Veterinária ou Zootecnia, funcionários de fazendas ou leiloeiras e produtores rurais pouco interessados em realizar compras. Por conta desse público, em muitos leilões só é permitida a entrada de convidados.

A atmosfera de requinte e festa presentes nos recintos onde acontecem os leilões é bastante distinta dos bastidores desses eventos. Para que o espetáculo e o luxo estejam presentes nessas ocasiões é necessário o trabalho de vários atores: cozinheiros, garçons, recepcionistas, músicos, DJ's, e é claro, peões.

Para os tratadores de gado, os leilões são eventos bastante especiais. Primeiramente porque antes de um leilão começar, tratadores – vestidos com belos uniformes da fazenda onde trabalham – desfilam com os animais fora da pista, em frente aos recintos onde ocorrem os leilões. Nesses momentos, esses peões – quase sempre muito bem arrumados - são vistos com outros olhos pelos freqüentadores desses eventos.

Depois, porque numa certa altura do leilão, quando o serviço de apresentar os animais acaba, muitos tratadores participam da festa. Como os demais freqüentadores, bebem, comem, paqueram, enfim, se divertem nos leilões. Essas ocasiões são comemorações tanto para produtores rurais como também para funcionários das fazendas.

Muito mais que trabalho, os leilões são para os tratadores celebrações. Nem todo leilão conta com o apoio desses atores. Muitas vezes, só o trabalho dos peões de manejo é suficiente. Aos tratadores de gado cabe somente apresentar os animais mais prestigiados na pista (mais caros, de “genética qualificada”).

Já os peões de manejo, além de apresentar as reses para os compradores na pista, são responsáveis por organizar a entrada e saída dos animais que chegam ao parque de exposições para os leilões, separar as reses em ordem de apresentação para serem

arrematadas, esperar os proprietários dos animais buscarem as reses adquiridas. Para os peões de manejo, os leilões são exclusivamente trabalho. Durante minha observação de campo, não encontrei um único peão de manejo se divertindo nesses eventos.

Os peões de manejo permanecem, de fato, nos bastidores dos leilões. Homenagens feitas pelos organizadores e promotores desses eventos sempre são dirigidas aos tratadores de gado. Aos peões de manejo, cabe realizar as tarefas mais árduas: o corre-corre entre os bretes⁶⁴ e a pista de apresentação dos leilões.

Figura 13: Bretes localizados atrás dos recintos onde ocorrem leilões

Atrás dos recintos onde ocorrem os leilões existe um imenso curral. É um espaço bastante amplo com várias baias aptas a abrir e fechar conforme a necessidade de deslocamento do gado. Os animais que são vendidos nos leilões passam por todas essas baias. Os peões de manejo têm o papel de separar os animais nessas baias e deslocá-los conforme a ordem de chamada nos leilões.

⁶⁴ Os cercados localizados atrás dos recintos onde acontecem os leilões são chamados de bretes. São imensos currais onde o gado que vai ser comercializado é disposto para ser arrematado nos leilões.

O público que frequenta os leilões não vê como os peões de manejo atuam. Os bretes são um anexo do recinto. Os frequentadores só conseguem visualizar o trabalho dos peões quando esses apresentam os animais na pista. O trabalho mais árduo, de deslocar os animais entre todos os bretes até a pista do leilão, fica escondido atrás dos imensos e suntuosos painéis que fazem parte da decoração desses eventos.

O trabalho dos peões de manejo é bastante árduo porque nem todo leilão comercializa gado de elite (animais que participam de exposições). Muitas vezes, são leiloados lotes de gado comum, para corte. Esses animais, diferentemente daqueles que participam de várias feiras de pecuária, são mais ariscos, pouco acostumados com seres humanos.

Figura 14: Bretes do parque de exposições Laucídio Coelho

Para deslocar esses animais até a pista dos leilões é necessário bastante força e certas vezes, brutalidade. O que ocorre é que o próprio manejo do gado de corte tem que ser feito de maneira mais bruta. Primeiramente porque esses animais não estão expostos nos pavilhões, eles chegam em grandes rebanhos num caminhão e descem diretamente nos

brete. Depois porque aos peões de manejo é designada a tarefa de separar os animais que vieram juntos em lotes (um conjunto de animais que será leiloados de uma só vez), em ordem de apresentação nos leilões.

Um grupo de peões de manejo é liderado por um capataz. O capataz, que é quase sempre funcionário fixo da empresa leiloeira, dá as ordens aos rapazes. Normalmente é o sujeito que contrata os peões de manejo e recebe as orientações dos promotores dos leilões para a recepção e apresentação dos animais.

Os peões de manejo recebem como diaristas (cerca de trinta e cinco reais⁶⁵ por dia). Se a empresa leiloeira realizar três leilões num mesmo dia, o grupo de peões de manejo terá que estar apto a realizar as atividades para tal tarefa: receber, apartar, separar e apresentar o gado quantas vezes forem necessárias.

Como os tratadores de gado, quando os peões de manejo não estão trabalhando nos leilões, passam o dia caçoando de seus colegas. A temática das piadas é sempre a mesma: mulheres e animais. Se os peões de manejo se conhecem de outras exposições, gostam de contar “causos” sobre suas aventuras sexuais e bebedeiras.

Mas se entre os tratadores existe bastante preocupação com o bem estar do gado, entre os peões de manejo a relação com os animais é um pouco diferente. Os tratadores lidam com o mesmo animal em todas as exposições que participam e nas fazendas onde trabalham. Criam relações de afetividade com o gado, tratam as reses com a mesma atenção despendida a um animal doméstico, como um cão ou um gato.

Já os peões de manejo não criam vínculos com as reses apresentadas nos leilões. Os serviços que realizam são mais imediatos, lidam com os animais somente no período de um leilão específico. Os peões de manejo não acariciam os animais como os tratadores de gado. Tratam o gado de forma bruta⁶⁶, usam relhos para separá-los nas baias e da força se caso for necessário.

⁶⁵ Tanto na feira de Campo Grande –MS como na de Londrina – PR do ano de 2007, a diária dos peões de manejo custava trinta e cinco reais.

⁶⁶ Banducci (1996) aponta que no Pantanal da Nhecolândia, o tratamento dos peões com o gado é bastante hostil. Muitas vezes a forma bruta de lidar com os animais é motivo de discórdia entre capatazes e peões. No meu trabalho de campo, muitos tratadores de gado, mostraram bastante afetividade com os animais. Algumas reses só aceitam carinho dos peões que as tratam, se ficam estressadas ou incomodadas por conta do

A própria relação dos peões de manejo com seus colegas é também um pouco diferente daquela desenvolvida pelos tratadores. Peões de manejo não andam em grandes grupos pelas exposições, normalmente permanecem acompanhados de um único colega. Diferentemente dos tratadores de gado que montam acampamentos nas proximidades dos pavilhões de exposição, os peões de manejo ficam hospedados nos alojamentos dos parques de exposição.

O que ocorre é que peões de manejo nem sempre trabalham com o mesmo grupo nos leilões e não viajam com a mesma intensidade que os tratadores de gado. Normalmente, o capataz convoca peões que moram nas proximidades de onde está acontecendo a feira de pecuária. A maioria dos peões de manejo com quem conversei não conhecia tantas feiras de pecuária como grande parte dos tratadores de gado conhecem, costumavam realizar serviços sempre nas mesmas exposições, que geralmente aconteciam nos estados em que moravam.

Vejo também, que diferentemente dos tratadores de gado e dos peões de rodeio, os peões de manejo não encaram as tarefas que realizam como uma “carreira”. O trabalho com o manejo é sempre temporário, é um “bico” realizado na ausência de um emprego fixo. Os peões de manejo sempre reclamam das condições de trabalho, dos alojamentos em que acampam e do dinheiro que recebem. O manejo, para esses atores, é uma tarefa transitória, dificultosa e menos glamorosa que a de seus colegas tratadores e peões de rodeio.

Ao mesmo tempo, as tarefas que os peões de manejo realizam são bastante respeitadas pelos peões de rodeio e pelos tratadores de gado. Ainda que numa feira de pecuária valores como “a genética” do animal que é apresentado nas pistas dos leilões ou julgamentos e espetáculo das arenas de rodeio sejam de grande valia, para esses atores – peões- saber lidar com gado e trabalhar arduamente são qualidades inestimáveis.

Durante meu trabalho de campo ouvi várias vezes a expressão “peão de vitrine”. Peões de vitrine são os rapazes que vestidos com largas fivelas e chapéus suntuosos, utilizam da pompa desse vestuário para fingir que sabem lidar com os animais.

deslocamento entre uma exposição e outra, esses animais só se alimentam na presença dos tratadores que os zelam.

Ouvi de tratadores de gado, por exemplo, que os “agroboys” eram peões de vitrine. Que dirigir camionetes e usar roupas caras não faz de ninguém “peão”. Dos peões de rodeio ouvi que peões de vitrine eram tratadores de gado, segundo eles banhar animais e apresentá-los nas pistas de leilões ou julgamentos era “serviço pra criança” se comparado com a tarefa de permanecer no lombo de touros ferozes por oito segundos.

Nunca ouvi de nenhum interlocutor que peões de manejo fossem peões de vitrine. A habilidade na lida com o gado para esses atores é pré-requisito indispensável para atuar nos bastidores dos leilões.

2.4 Rodeios e a peonagem;

Se os tratadores de gado e os peões de manejo estão por trás das atividades ligadas aos negócios das exposições, os peões de rodeio ocupam outro papel. As feiras de pecuária não são apenas espaços para a comercialização e mostra dos mais premiados espécimes de animais, o lazer também tem bastante força.

A maioria do público que frequenta uma feira de pecuária (como as exposições de Londrina e Campo Grande) não tem acesso aos leilões e julgamentos de animais. Para esse público, importante mesmo é participar dos shows, bailes e rodeios que acontecem nesses eventos.

Os peões de rodeio sabem lidar com o gado e grande parte deles tem vínculo com fazendas ou propriedades rurais. Muitos atuam como peões de manejo na ausência de trabalho em rodeios e até mesmo como tratadores de gado. Mas o fato é que os rodeios, nas feiras de pecuária, não são “tão de agronegócio” como os julgamentos e leilões.

Normalmente as arenas de rodeio ficam mais próximas dos parques de diversões e dos locais onde ocorrem os shows. Não fazem parte dos equipamentos “de negócios” de uma exposição. Uma grande feira de pecuária, certamente contará com leilões e julgamentos de animais na sua programação. Mas não necessariamente precisará promover rodeios.

Figura 15: Peão de rodeio se preparando para montar. Expogrande 2004 (Foto: Natacha Leal)

Os rodeios têm o papel de atrair populações pouco – ou quase nada – envolvidas com a cadeia produtiva do agronegócio. Tem a função de chamar as populações das cidades para a festa que acontece nas feiras e com isso, manter o poder político das associações de ruralistas⁶⁷ que promovem esses eventos e da importância da pecuária como atividade econômica.

⁶⁷ No fim da década de sessenta, os rodeios começaram a fazer parte da programação da exposição agropecuária de Campo Grande. Pesquisando em atas da Associação de Criadores do Sul de Mato Grosso informações sobre a história dessa feira agropecuária, encontrei documentos que relatavam discussões sobre a necessidade de disponibilizar para a população atividades de lazer nas exposições. As atas das reuniões da associação de criadores e as descrições dos resultados das feiras mostram de que maneira disponibilizar esse tipo de atividade foi uma estratégia planejada para manter o poder político da associação. Nas primeiras feiras em Campo Grande (nas décadas de trinta, quarenta, cinquenta e sessenta) as atividades de lazer eram somente destinadas a membros da associação e autoridades, foi na década de setenta que shows e rodeios começaram a fazer parte desses eventos para atrair populações pouco vinculadas com a produção agropecuária. Nos dias de hoje, um fenômeno parecido ocorre. Somente os produtores rurais participam dos julgamentos e leilões, mas milhares de pessoas frequentam feiras de pecuária. Mesmo que essas populações participem desses eventos para degustar guloseimas, brincar nos parques de diversões ou assistir aos shows e rodeios, estão participando

Mesmo sendo atividades de lazer, os rodeios não podem ser tipificados como outras atrações das feiras de pecuária (praças de alimentação, parque de diversões ou shows de música sertaneja). Primeiramente porque os rodeios exigem mão-de-obra especializada em eventos e animais (as companhias de rodeios) e depois porque no trabalho dos principais atores desse espetáculo – peões – é necessário saber lidar com o gado.

Nas minhas observações de campo com tratadores de gado e peões de manejo, o trabalho dos peões de rodeio sempre esteve presente em nossas conversas. Algumas vezes por esses atores gostarem bastante de assistir rodeios, outras pelo fato de muitos vaqueiros terem tentado competir em montarias.

O que vejo é que nesse universo de feiras de pecuária, festas de peão e exposições de agronegócio, vários vaqueiros transitam pelas funções de tratadores de gado, peões de manejo e peões de rodeio ao longo de suas carreiras. Com mais ou menos glamour e retorno financeiro, cada uma dessas funções acaba possibilitando que esses vaqueiros tenham uma visão privilegiada sobre esses contextos.

Durante meu trabalho de campo na exposição de Campo Grande, conversei bastante com um peão de manejo. O objetivo da entrevista era o de compreender como peões trabalham nos leilões. O interessante foi que a nossa conversa tomou outro rumo, por mais que naquela exposição específica Nivaldo trabalhasse como peão de manejo, entendia mesmo era de rodeios.

Há três anos, Nivaldo trabalha para a mesma empresa leiloeira. Na ocasião da entrevista estava com uma perna quebrada devido a uma queda sofrida durante um rodeio. Na nossa conversa fez questão de enfatizar que atuava como peão de manejo apenas como “bico”. Nivaldo começou a trabalhar com gado ainda pequeno e na adolescência começou a montar em rodeios. Disse que era a primeira vez que se machucava em uma prova de montaria. Ao longo dos quinze anos que participa de rodeios, já ganhou três carros e doze motos.

de uma feira de pecuária. Mais do que isso! Com o objetivo de se divertir, ora ou outra numa exposição, essas populações irão entrar em contato com a idéia de agronegócio, com a produção da pecuária e com os feitos das organizações produtoras desses eventos – associações de ruralistas ou sindicatos rurais.

Nivaldo atua como peão de manejo somente na feira de Campo Grande. Viaja por outras exposições somente quando está participando de rodeios. Esse vaqueiro me explicou que algumas exposições de pecuária recebem uma das etapas que compõe a competição nacional de rodeios, cuja prova final sempre ocorre em Barretos.

Tem Avaré, que é uma das exposições que eu lembro. Tem a exposição de Pato de Minas que também tá no circuito de rodeios. Tem uma federação que eles montaram, né? E disputa por etapa. Cada cidade tem uma etapa e chega na final que é em Barretos... Sempre é lá!

Havia peões de rodeio⁶⁸ tanto na feira de Londrina como na de Campo Grande. Mas o rodeio em Campo Grande tem muito menos espaço e importância – para o “circuito” dos rodeios – do que o que ocorre na feira de Londrina.

No parque de exposições de Londrina, foi construída uma arena para tal atividade. Diferentemente da arena instalada na feira de Campo Grande, que é móvel, a de Londrina é fixa, é de concreto, é um dos equipamentos do parque de exposições.

Os visitantes da Expô Londrina, tratadores de gado, peões de manejo e peões de rodeio passavam o dia ansiosos para assistir às montarias. Nessa feira a entrada para os rodeios era cobrada, o ingresso custava vinte reais (dez reais para estudante). Os grupos de tratadores de gado, nos dias desses eventos, além de organizar o rodízio, tentavam conseguir entradas gratuitas para assistir aos rodeios.

Muitos peões de rodeio não ficam acampados nos parques de exposição como os tratadores de gado ou peões de manejo. Os peões de rodeio que já ganharam muitos prêmios – e já têm uma certa estabilidade financeira – costumam se hospedar em hotéis.

Nos parques de exposição, ficam acampados peões de rodeio que estão no início de carreira ou os peões mais velhos, que estão competindo suas últimas provas. O dinheiro ganho com rodeios é muito incerto. As premiações são carros e motos. Os peões vendem esses automóveis e usam esse dinheiro para despesas com a família e necessidades

⁶⁸ Na Feicorte (São Paulo) não existem atividades de lazer como parques de diversões ou provas de montaria. Por isso, na feira de São Paulo, não entrei em contato com peões de rodeio.

pessoais. Nesse ponto, o discurso de muitos peões de rodeio é parecido com o dos tratadores de gado que entrevistei, a necessidade de fazer “um pé- de- meia” é recorrente nas conversas com esses atores.

Vários peões com quem mantive contato narram trajetórias de pessoas que ganharam muito dinheiro com rodeios e perderam tudo. Ou de peões de rodeio que ficaram bastante machucados ao serem pisoteados por bois e cavalos. E esses são os motivos que tratadores de gado e peões de manejo que foram peões de rodeio utilizam para justificar a escolha por atuar nos bastidores dos leilões ou com apresentação de animais nos pavilhões e julgamentos.

Concomitantemente, esses mesmos motivos são valorizados pelos freqüentadores de montarias e pelos próprios peões de rodeio. Na abertura do rodeio de Londrina, o locutor disse que os peões eram “os gladiadores da era moderna”. Que tinham que lutar com mil quilos de músculos nas arenas e que estavam sempre sujeitos a levar tombos. Disse também que os bons peões tinham que ter dois corações “um pra bater e outro pra machucar”.

Nesses eventos são sempre narradas trajetórias de peões de rodeio “que deram certo”. Em Londrina, por exemplo, o locutor contou a estória de um peão cuja alcunha é “Veião”. Segundo o locutor, esse peão que quebrou vários recordes, já ganhou mais de três milhões de reais. Hoje está nos Estados Unidos e disputa os maiores rodeios do mundo.

Mas nem todo peão de rodeio consegue fortunas. A maioria desses atores trabalha sem patrocínio e monta em provas de montaria que acontecem em pequenas cidades do interior do Brasil. No intervalo dessas provas, atuam como peões de manejo nas exposições e com serviços de vaqueiro em propriedades rurais.

Nos rodeios é sempre enfatizada a necessidade da segurança dos peões. Os peões utilizam equipamentos de segurança como qualquer outro atleta. As luvas, esporas, botas, coletes, calças de couro são equipamentos indispensáveis para as montarias e provas de laço. Falar desses equipamentos e da bravura desses peões também faz parte do espetáculo.

Como nos leilões, os rodeios têm também uma abertura oficial. E muitos freqüentadores desses eventos me disseram que a abertura é o momento do rodeio de que

mais gostam. Uma grande queima de fogos acompanhada de uma homenagem a Nossa Senhora de Aparecida dá início à abertura dos rodeios.

Depois dessa homenagem, os peões são convidados a adentrar na arena e o hino nacional é tocado. Cavaleiros e amazonas desfilam no lombo de cavalos com as bandeiras da entidade promotora dos leilões, do Brasil, do estado e da cidade onde acontece o rodeio.

Nos rodeios, além das provas de montaria, outros eventos também têm grande importância. Em Londrina, na arena de rodeios, foi divulgado o resultado de um concurso de beleza. Nessas comemorações, moças concorrem pelo título de “rainha da festa”. As finalistas desse concurso receberam premiações – de primeiro, segundo e terceiro lugar – e foram bastante aplaudidas pelo público que lotava as arquibancadas.

Figura 16: Queima de fogos no rodeio de Londrina (Foto: Natacha Leal)

As provas de montaria em touros e cavalos ferozes são as mais populares. Mas outras competições também fazem parte desse espetáculo. Provas de laço em que cavaleiros e amazonas tem que laçar bezerros e provas de montaria em que peões têm que passar por

obstáculos sem derrubá-los ou cair dos cavalos são competições que antecedem o grande momento da festa – a montaria em touros e cavalos.

Os rodeios chamariam muito menos atenção da platéia sem o trabalho dos narradores. Como nos leilões, em que leiloeiros estimulam interessados em dar lances, os locutores de rodeio narram para o público a *performance* dos animais e dos peões. Dizem frases de efeito e quase sempre falam sobre quão ferozes são os touros e cavalos e de que maneira os peões precisam ser corajosos para enfrentá-los.

Como nos leilões também, a melhor parte do espetáculo fica para o final. A prova de montaria em touros – que é a mais apreciada – é sempre a última a acontecer. Os animais mais ferozes também adentram na pista nos últimos momentos dos rodeios. O touro Bandido⁶⁹, por exemplo, apareceu na arena do rodeio de Londrina na última montaria.

Nos rodeios acontece um sorteio para saber em qual touro os peões vão montar. Segundo um interlocutor bastante experiente, um peão de quarenta e cinco anos, nesses sorteios podem ocorrer fraudes na medida em que os organizadores dos rodeios podem privilegiar algum peão, “sorteando” touros mais difíceis de montar para outros vaqueiros.

Os peões têm que montar nos touros com uma das mãos presas a uma corda e outra livre, que preferencialmente deve permanecer na altura do chapéu. Um peão pode ganhar até cem pontos num rodeio, uma comissão julgadora composta por dois juízes, é quem dá nota à “performance” do peão.

Vários movimentos em defesa do direito dos animais têm se manifestado⁷⁰ nos últimos anos contra rodeios. Segundo esses movimentos, os animais que participam dessas

⁶⁹ Ver nota de rodapé sobre Touro Bandido no capítulo primeiro dessa dissertação.

⁷⁰ Em Setembro de 2007, em Campo Grande, aconteceu um grandioso rodeio. Essa competição era uma das etapas de um circuito de rodeios cuja final era em Dallas, nos Estados Unidos. No primeiro dia dessa competição, aconteceu uma – pequena - manifestação contra rodeios organizada por organizações não-governamentais ambientalistas e por estudantes. Em algumas cidades brasileiras, festas de peão têm sido impedidas de acontecer. Segundo os movimentos ambientalistas que lutam pela defesa dos animais, a Constituição Federal e a Lei dos Crimes ambientais encara como crime qualquer mau trato contra animais. Em 2005, os cantores Chico César e Rita Lee também manifestaram repúdio a esse tipo de competição ao gravarem a música “Odeio Rodeio” num CD compacto do cantor paraibano. Além de criticar rodeios, os

competições sofrem maus tratos ao serem amarrados com tiras de couro nas regiões genitais ou no tórax (com o objetivo de se movimentarem mais durante as provas) e machucados pelas esporas utilizadas pelos peões.

Na abertura da prova de Londrina, um vídeo da companhia de rodeios mostrou de que maneira os animais são tratados, o filme disponibilizou imagens de touros de rodeio no campo, sendo alimentados com rações especiais. Essa polêmica parece não suscitar nenhuma problemática para os peões com quem conversei. Segundos eles, os animais são fortes, não se machucam e são tratados “melhor que gente”.

artistas nessa música criticam as duplas sertanejas e como os lucros da produção agropecuária no Brasil são mal distribuídos. Segue a letra da música:

“Odeio rodeio e sinto um certo nojo
Quando um sertanejo começa a tocar
Eu sei que é preconceito, mas ninguém é perfeito
Me deixem desabafar
A calça apertada, a loura suada, aquele poeirão
A dupla cantando e um louco gritando “segura peão”
Me tira a calma, me fere a alma, me corta o coração
Se é luxo ou é lixo, quem sabe é bicho que sofre o esporão
É bom pro mercado de disco e de gato, laranja e trator
Mas quem corta a cana não pega na grana, não vê nem a cor
Respeito Barretos, Franca, Rio Preto e todo o interior
Mas não sou texano, a ninguém engano, não me engane, amor...”

Capítulo 3

Mapeando redes, propondo circuitos...

Ser “peão de verdade” é uma questão bastante importante para os vaqueiros com quem entrei em contato. Para esses atores o peão que trabalha em feiras de pecuária é o profissional que além de saber lidar com o gado, conhece o contexto em que realiza tarefas. Um bom peão – seja ele peão de manejo, peão de rodeio ou tratador de gado – muito mais que saber apartar, separar, apresentar ou montar em animais, tem que entender um pouco de negócios, conhecer a dinâmica de funcionamento de uma exposição, saber onde acontecem os melhores rodeios, leilões e julgamentos.

O contexto das feiras de pecuária e do agronegócio exige desses atores conhecimentos e práticas relativas tanto às tarefas que acontecem nas propriedades rurais como também às atividades presentes nos eventos agropecuários (feiras, festas e exposições). Um peão de manejo que não participa de rodeios sabe relatar as regras de uma montaria e onde acontecem as melhores festas de peão. Assim como um tratador de gado separa e tipifica os eventos de agronegócio sem nunca ter ido a um “agrishow”. Da mesma forma que um peão de rodeio pode sugerir quais são as melhores técnicas de criação e de confinamento do gado para a carne estar no mercado mais rapidamente.

As inúmeras atividades que ocorrem numa feira de pecuária possibilitam aos tratadores de gado, peões de manejo e peões de rodeio um contato (ainda que parcial) com eventos, atores e práticas que não são exclusivamente ligadas aos animais. A presença dos atores de televisão ou cantores que participam de feiras agropecuárias, dos vendedores ambulantes, dos viajantes a procura de emprego, dos estandes de tecnologia – carros, máquinas, aparelhos eletrônicos -, dos conhecimentos ligados ao agronegócio faz parte do dia-a-dia desses atores.

Acrescente-se ainda que tratadores de gado, peões de rodeio e peões de manejo (com mais ou menos intensidade) estão em constante trânsito por esses eventos. E ainda que encontrem com frequência companheiros de estrada, cada exposição que participam pode apresentar novidades: novos amigos, novas tecnologias, um show de música sertaneja que nunca assistiram, uma nova raça de animal.

Viajar por esses eventos é para a maioria dos interlocutores com quem eu conversei difícil, mas compensador. Ainda que o deslocamento vivido por esses atores aconteça entre feiras de pecuária (e não entre cidades⁷¹ como a maioria dos viajantes) e não seja aleatório, mas sim definido pela data das feiras, dos julgamentos de animais ou dos rodeios, os peões com quem conversei gostavam de realçar de que maneira se deslocar por “Pecuárias” os torna um pouco mais livres, menos presos a um cotidiano sem surpresas ou novidades.

Zygmunt Bauman (1999) no texto “Turistas e Vagabundos” trata da questão do movimento na contemporaneidade. Afirma que as pessoas estão constantemente se deslocando, seja através de viagens, mudanças, ao sair de casa e até mesmo ao zapear canais de televisão ou ao navegar por páginas da internet. Aponta que existem diferentes maneiras de mover-se no mundo, em grande parte, ligadas a possibilidade ou não de consumir.

Bauman trabalha com duas categorias para distinguir formas de mobilidade: “turistas” e “vagabundos”. Segundo o autor, o mundo de hoje (“o mundo globalizado”) gira em torno dos desejos e sonhos dos turistas: que vão e vêm a seu bel-prazer, que escolhem seus trajetos e conseguem ser bem-recebidos em qualquer lugar que estejam porque sabem e podem consumir. Já os vagabundos não se movem por opção, se movem por obrigação, são “o refugio” de um mundo construído para os turistas.

Se eu tomar esses dois paradigmas propostos por Bauman posso afirmar que os peões que trabalham em feiras de pecuária ora são turistas, ora são vagabundos. São turistas porque viajam por contextos (feiras de pecuária) bastante padronizados. Como turistas que se hospedam sempre na mesma cadeia hoteleira ou comem o mesmo sanduíche na hora do

⁷¹ A maioria dos peões com quem conversei não saía dos parques de exposições onde ocorrem as feiras de pecuária. Dentro do parque realizavam todas as refeições, trabalhavam, passeavam, se divertiam. O contato com a cidade que acontece a feira se dá, durante a viagem, no momento da chegada ao município em que participarão da feira. Normalmente trazem toda a tralha necessária para trabalhar. Quando algum colega vai até a cidade enquanto a feira está acontecendo, é muito comum que traga para seus companheiros encomendas tais como cigarros, bebidas, sabonetes, pastas de dente, bolachas, pão. Nos parques de exposições, normalmente são instaladas pequenas vendas que disponibilizam para os trabalhadores acampados esses produtos, mas os preços desses estabelecimentos são bastante caros se comparados com supermercados na cidade.

almoço independente de estarem em Hong Kong ou Nova York, os peões hospedam-se em parques de exposições muito parecidos, realizam as mesmas tarefas numa feira em Londrina ou em São Paulo, discutem os mesmos assuntos –gado- com colegas que moram em Mato Grosso ou Minas Gerais e conhecem a dinâmica de funcionamento de centenas de feiras de pecuária que ocorrem por todo o Brasil (e nesse sentido, sabem como o consumo acontece nesses eventos).

Ao mesmo tempo são vagabundos porque os deslocamentos de que participam são determinados por uma força maior do que o desejo desses vaqueiros de conhecer ou participar de determinada feira: a dinâmica das feiras de agronegócio e a força do mercado – que exige trabalhadores dotados de capacidades para atuar nesse ou naquele contexto - é o que delimita os lugares por onde vão viajar.

Quando Evans-Pritchard construiu uma etnografia do povo Nuer, descrevera que homens e gado mantinham uma relação simbiótica, recíproca: a sobrevivência dos animais dependia dos homens. As relações sociais, de tempo, espaço e ecologia do povo Nuer eram regidas pelo pastoreio. Para zelar pelo gado os Nuer levavam a vida entre as idas-e- vindas entre aldeia e acampamento

Os tratadores de gado, peões de manejo e peões de rodeio também levam a vida nas constantes idas – e- vindas entre suas residências e acampamentos improvisados. Ainda que tenham uma relação bastante próxima com os animais (talvez não tão próxima como aquela vivida pelo povo Nuer), seu deslocamento é regido por uma lógica de força igual, ou talvez maior, que as estações da chuva e das secas: o calendário anual de feiras e exposições de pecuária.

3.1 O Trecho;

Não é incomum que trabalhadores que não lidam com gado ou agronegócio dividam os mesmos acampamentos improvisados ou alojamentos com peões de manejo, peões de rodeio ou tratadores de gado. Os “peões de trecho” ou “trecheiros” também são personagens freqüentes nas feiras de pecuária. São trabalhadores informais, free-lancers que lidam com alimentação, com a limpeza do parque, comércio de bebidas, montagem da infra-

estrutura, como bilheteiros dos parques de diversões ou rodeios itinerantes presentes nesses eventos.

Os peões de trecho que trabalham nas feiras de pecuária justificam suas trajetórias como viajantes narrando um episódio em suas vidas que os fez optar pela vida no trecho: uma decepção amorosa, uma depressão, a perda de um ente querido. O ato de “cair na estrada” é sempre narrado por esses interlocutores como casual, inesperado. A vida no trecho, contada por vários e diferentes atores, sempre tem um tom de aventura, desapego.

O termo peão de trecho muito menos que designar um determinado trabalho ou função nesses contextos, aponta para um estilo de vida. Os tratadores de gado, peões de rodeio e peões de manejo durante meu trabalho de campo diziam que também poderiam ser considerados peões de trecho. A viagem, a possibilidade de mobilidade, o trânsito por várias feiras é que ajuda a constituir a vida no trecho.

Gerard, 41 anos, é montador de estandes em eventos de agronegócio. Só em Março e Abril de 2007 já tinha viajado para cinco feiras de pecuária. Gerard explicou a mim o que ele entende por peão de trecho e porque os tratadores de gado, peões de manejo e peões de rodeio também podem ser considerados como sujeitos do trecho:

Natacha: Por que os meninos falaram que você é peão de trecho?

Gerard: É porque nós todos somos peão de trecho. Eles também são peão de trecho...

Natacha: Por causa da viagem?

Gerard: Porque a gente viaja, o ano todo. Peão de trecho é um dizer popular. Num linguajar mais assim, mais inferior chama andarilho, né? Andarilho é o que anda mesmo, que anda na estrada à pé. Nós somos uns andarilho mais requisitado, os andarilho “chique”. Nós temos um propósito que é trabalhar, tem um paradeiro. Aquele outro caminha uns quinhentos quilômetros e ele volta, é o andarilho sem destino... A gente é o andarilho com destino. Na verdade nós somos de verdade viajante. Viajante... Viaja muito!

Peões de trecho que viajam pela rede do agronegócio são na verdade churrasqueiros, chapeiros, serralheiros, catadores de latinha, vaqueiros, donos de lanchonetes e restaurantes, vendedores ambulantes. Nesses contextos acabam atuando em

várias funções, mas sempre marcadas por uma especificidade: lida com o gado, alimentação, montagem de estandes.

Felipe Brognoli (1999) também tratou da vida de trecheiros, de andarilhos que adotam uma forma de viver baseada na mobilidade, no nomadismo por escolha própria ou até mesmo por contingência. Felipe pontua que a vida no trecho é sempre revestida de uma mística associada a um ideal de liberdade, a uma vontade desses atores de serem donos de seu próprio tempo e espaço.

Esses trecheiros realizam trabalhos temporários como modo de manter-se sempre em movimento. A subsistência desses atores “na estrada” é obtida através desses pequenos serviços, “magueios” (pedidos de dinheiro), “agás” ou “acharques” (teatralizações de situações dramáticas que estejam vivendo para sensibilizar pessoas a doarem dinheiro ou outros bens materiais).

Como os peões de trecho que trabalham em feiras de pecuária os trecheiros etnografados por Brognoli também utilizavam explicações causais para justificar a escolha pelo deslocamento⁷² como uma constante: uma ruptura familiar, a traição de um sócio ou da esposa, a dificuldade em quitar uma dívida...

Mas se os atores analisados por Felipe Brognoli movem-se através de oportunidades fortuitas, trabalho eventual e até mesmo mendicância ou furto, os peões de trecho que trabalham em feiras de pecuária deslocam-se a partir do calendário de eventos de agronegócio. Se para os trecheiros analisados por Brognoli é o trajeto que parece determinar as oportunidades de trabalho, para os peões de trecho com quem eu estabeleci vínculos é o trabalho que determina o trajeto.

O trabalho aparece como atividade fundamental para esses atores. Ainda que utilizem de um discurso que serviços temporários ou free-lancers possibilitem uma maior liberdade que um emprego formal com carteira assinada e horário certo numa propriedade

⁷² Alguns tratadores de gado que eu conheci relataram que muitos vaqueiros optam por trabalhar viajando por exposições agropecuárias para não serem encontrados pela justiça por deverem pensões alimentícias ou até mesmo por terem cometido outros crimes. Entre vaqueiros que conheci, existe uma estória bastante famosa de um tratador que trabalhava por exposições que era procurado pela polícia por assassinato. Eles só descobriram que esse tratador era foragido da polícia ao assistir o programa da Rede Globo “Linha Direta”. Tal tratador acusado, realizava tarefas junto com esse grupo de peões por feiras de pecuária.

rural, esses atores estão sempre trabalhando. O viajar está diretamente ligado com o trabalhar. Apesar de levarem a vida “no trecho”, entre constantes deslocamentos, não se autodenominam simples trecheiros, mas sim “peões de trecho”. A idéia de peão, ainda que bastante controversa, designa trabalho, atividade, lida.

Os churrasqueiros, chapeiros, peões de rodeio, montadores de estandes, tratadores de gado, marceneiros, donos de lanchonetes, peões de manejo que estão “no trecho” do agronegócio movem-se a partir e pelas oportunidades determinadas pela organização e desenvolvimento das festas de peão, feiras de pecuária, festas temáticas e “agrishows”.

Trabalhadores que viajam pelas feiras de agronegócio, movem-se durante quase todo o ano, mas retornam às suas residências. A maioria tem filhos, marido ou esposa. São chefes de família que ganham seus salários através desses serviços nos eventos agropecuários e levam a vida nas constantes idas- e- vindas entre feiras de pecuária e suas casas (em cidades ou fazendas).

Peões de manejo, peões de rodeio, tratadores de gado, churrasqueiros, chapeiros, montadores de estandes que viajam por esses contextos compartilham um discurso sobre a vida no trecho. Narram histórias de encontros e despedidas nas feiras de pecuária.

Michel de Certeau (1994) no texto “Relatos de Espaço” pontua que todo relato é um relato de viagem, é uma prática que atravessa e organiza lugares. Segundo o autor os relatos descrevem, fundam espaços, propõem combinatórias de fronteiras.

Nos relatos de peões de manejo, peões de rodeio e principalmente de tratadores de gado estão presentes histórias de percursos realizados entre feiras de pecuária. É interessante perceber que em seus depoimentos suas trajetórias nos eventos de agronegócio não são marcadas pela presença nesta ou naquela feira, mas sim pelo trânsito por várias feiras. As histórias do cotidiano desses atores como vaqueiros são marcadas pelos percursos, por trajetórias entre exposições.

Esses discursos talvez sejam marcados pela idéia de trajetória por conta da própria natureza da profissão de peão: vaqueiros sejam nos Pampas Gaúchos, no Pantanal

Mato-grossense⁷³ ou no Sertão Nordestino viajam por várias localidades pastoreando e transportando animais. Ou também a idéia de trajetória faça parte dos relatos desses atores por conta da organização e desenvolvimento dos eventos de agronegócio: os rodeios, julgamentos, leilões e exposição de animais acontecem em feiras por todo o Brasil.

De Certau define e categoriza as diferenças entre a noção de espaço e de lugar. Aponta que lugar é uma configuração instantânea de posições, indica estabilidade. Já o espaço é o cruzamento de móveis, um conjunto de desdobramentos, de movimentos. Segundo o autor o espaço é o lugar praticado.

Uma feira agropecuária específica, como a de Campo Grande ou a de São Paulo, analisada isoladamente é um lugar. É um evento em que são distribuídos elementos em uma relação de coexistência. O conjunto das várias feiras de pecuária por onde vaqueiros e outros atores se deslocam forma um espaço. Não têm univocidade ou estabilidade, são constituídos pelas ações dos sujeitos que transitam por esses eventos.

O movimento de vários atores por esses espaços de agronegócio – feiras de pecuária, agrishows, festas de peão ou festas temáticas – contribuem para que se constitua uma rede. Os churrasqueiros, peões de manejo, montadores de estandes, tratadores de gado, peões de rodeio, jornalistas, funcionários públicos, produtores rurais que se encontram nos eventos agropecuários compartilham trajetórias de percursos por essas exposições e festividades.

As trocas, os encontros por esses eventos formam a rede do agronegócio. As trajetórias, as viagens são realizadas dentro de circuitos. Os circuitos são constituídos entre lugares, entre equipamentos que no caso dessa pesquisa são eventos agropecuários específicos. As redes são constituídas pelos atores, pelos sujeitos que compartilham afinidades e se encontram pelas feiras e exposições agropecuárias.

⁷³ Foi bastante comum ouvir de tratadores de gado comparações entre as tarefas que realizam e atividades realizadas por vaqueiros que trabalham em outros contextos. Na exposição de Campo Grande ouvi de um grupo de tratadores de gado que o trabalho que peões executam no Pantanal é muito mais dificultoso que os serviços que realizam nas feiras e exposições de pecuária. Segundo esses tratadores além do trabalho no Pantanal ser “mais custoso” por esses vaqueiros terem que lidar com animais ariscos e por terem que transportar o gado entre as estações de cheia e seca, recebem um salário menor que o recebido por vaqueiros que trabalham em feiras de pecuária.

3.2 Propondo circuitos;

Numa das tardes em que fazia trabalho de campo, perguntei aos companheiros de acampamento de Acerola e Chiquinho quantas exposições eles conheciam ou lembravam de cabeça. Citaram trinta e duas: todas aconteciam em Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Minas Gerais. Esses vaqueiros citaram exposições que aconteciam perto das cidades que moravam ou que já tinham freqüentado apresentando gado da raça *Bhraman*.

Em outro momento do trabalho de campo, fiz a mesma pergunta para tratadores de gado que lidavam com a raça *Nelore*. Eles citaram outras exposições. Feiras de pecuária que aconteciam, em sua maioria, em Mato Grosso do Sul – estado onde estava localizada a fazenda em que trabalhavam.

Se eu tomasse as exposições citadas por esses tratadores de gado e as colocasse em um modelo operatório com o intuito de explicar a dinâmica de deslocamento desses atores, poderia dizer que existe um “circuito de exposições da raça *Brahman* nos estados de MS, MT, MG e GO” e outro “circuito da raça *Nelore* em Mato Grosso do Sul”.

José Guilherme Cantor Magnani utiliza a categoria “circuito” para descrever de que maneira certos atores sociais se apropriam de determinados equipamentos e acabam por efetuar deslocamentos entre pontos de encontro marcados por agregar sujeitos que compartilham os mesmos gostos, orientações sexuais ou até mesmo religiões.

As exposições de pecuária, como tentei apresentar nesse trabalho, agregam diversos atores. E ainda que sejam bastante padronizadas, possuem vocações. Certas feiras de pecuárias são mais importantes para um determinado estado da federação, outras são reconhecidas por todo o país, pequenas exposições que acontecem no interior recebem “ranqueadas nacionais”, algumas são “tradicionais” para determinada raça de animal, outras são conhecidas por suas atividades de lazer.

Certos eventos que acontecem em feiras de pecuária são fundamentais para constituir circuitos. Os julgamentos de animais que são uma das etapas da “ranqueada nacional”, por exemplo, ajudam a formar circuitos das maiores feiras de pecuária para determinada raça de animal. Assim como as feiras que abrigam julgamentos que dão pontos para as “ranqueadas regionais”, constituem um circuito das melhores feiras do estado da federação em que acontecem.

Existem ainda, feiras de pecuária que são reconhecidas por abrigarem importantes leilões. Por conta disso, mesmo que produtores rurais não participem de julgamentos, levam seus animais para serem expostos ou arrematados nesses eventos. Desse modo, acabam por constituir um circuito das feiras que abrigam os melhores leilões.

É claro que algumas feiras, independentemente de abrigarem julgamentos de todas as raças de animais são reconhecidas como as melhores, as maiores do país. As feiras de Uberaba – MG, Esteio –RS, Campo Grande – MS, Londrina – PR, Araçatuba – SP e mais recentemente a Feicorte – SP, são consideradas importantíssimas para esse contexto do agronegócio. Como são grandes e antigas acabam por reunir muitos produtores e seus rebanhos, nesse sentido conseguem promover diversos negócios e aglutinar em um único lugar as melhores matrizes do país. Elas constituem “os nós” de vários circuitos.

Os circuitos são também bastante delimitados pelo calendário das feiras de pecuária. Por acontecerem milhares desses eventos anualmente, muitas feiras são realizadas no mesmo período. No ano de 2008, por exemplo, as feiras de Campo Grande e de Londrina aconteceram na mesmíssima data. Por esse motivo, os produtores que costumam participar das maiores feiras do país (do roteiro de ouro⁷⁴), tiveram que optar pela participação em uma ou outra exposição. Essa participação, nesses casos, é dada em virtude das atividades dispostas nesses eventos (leilões ou julgamentos que prestigiam determinada raça de animal).

A idéia de circuito é um modelo operatório bastante vinculado a equipamentos. Ainda que esses equipamentos sejam utilizados por atores que acabam por dar certo sentido à ocupação desses lugares, o que demarca esse conceito são os pontos de encontro em que pessoas compartilham gostos, trabalho, religiões, afinidades.

Ao descrever determinado circuito, o pesquisador, além de se preocupar com os atores que dele participam, deve dar conta de elencar quais equipamentos constituem esse modelo operatório. De que forma esses espaços são ocupados.

⁷⁴ Alguns interlocutores utilizavam a expressão “roteiro de ouro” para nomear as mais importantes feiras de pecuária do país: Uberaba – MG, Esteio –RS, Campo Grande – MS, Londrina – PR, Araçatuba – SP e Feicorte – SP.

Essa pesquisa pretendeu privilegiar o trabalho e o lazer de certos atores: os peões que atuam nas feiras de pecuária. Mas a viagem, o deslocamento de peões de rodeio, tratadores de gado e peões de manejo por esses eventos não é, exclusivamente, o que delimita os circuitos de feiras de pecuária brasileiros.

Os vaqueiros que participam desses contextos, se deslocam por circuitos que já estão previamente dados. Os eventos que acontecem nas feiras de pecuária – leilões, julgamentos, exposições ou rodeios – são os fatores que ajudam a constituir os circuitos que organizam essa ampla rede de eventos de agronegócio. As feiras são os equipamentos que abrigam esses eventos. Diversos atores se deslocam por esse circuito para participar dessas atividades.

Diferentemente do circuito de cinemas de arte ou do circuito rock’n roll de São Paulo, que pode ser marcado por atores e atividades específicas no perímetro de uma cidade, as feiras de pecuária acontecem por todo o Brasil e abrigam diversos eventos (de negócios ou de lazer) que constituem vocações para cada exposição agropecuária.

Mesmo que para produtores rurais levar animais ao maior número de feiras de pecuária seja uma estratégia interessante, é impossível participar de todos esses eventos. Além de algumas datas serem coincidentes, o trânsito por várias feiras requer investimento financeiro. E participar de exposições cuja vocação está pouco vinculada com uma raça específica, não traz benefícios ao criador nem as reses.

Posso dizer que os julgamentos de animais – “ranqueadas nacionais” e “ranqueadas regionais” – junto com as feiras de maior visibilidade do país são eventos que contribuem para constituir circuitos para as exposições de pecuária. Os produtores de determinada raça de animal transitam por feiras que dispõem julgamentos para ter em seu rebanho matrizes campeãs. Os julgamentos são os eventos que promovem o deslocamento entre várias feiras, que organizam circuitos.

A participação em exposições que fazem parte do “roteiro de ouro” também é muito importante, pelo menos uma vez por ano produtores rurais fazem questão de frequentar uma dessas feiras para ver de perto os melhores animais e apresentar seu rebanho para possíveis compradores.

Esses circuitos não são estáticos, mudam ano a ano. As ranqueadas nacionais e regionais, por exemplo, ajudam a constituir circuitos para determinada raça. A cada ano,

associações de criadores de raças específicas, determinam quais serão as feiras que abrigarão julgamentos cujos pontos somarão resultados para as ranqueadas. Num ano específico, algumas feiras constituem o circuito da raça *Nelore* ou o circuito da raça *Brahman*, mas isso não quer dizer que para sempre serão feiras que abrigarão tais eventos.

O “roteiro de ouro” também é mutável. Há alguns anos os estados de Goiás e Mato Grosso do Sul disputavam o maior rebanho bovino do país. Atualmente, é Mato Grosso quem possui o maior número de cabeças de gado. No estado do Pará a pecuária também cresce muito rapidamente. Esses fatores fazem com que as exposições agropecuárias desses estados ganhem força e repercussão nacional. Não demorará muito para que criadores de outras regiões comecem a freqüentar as feiras paraenses e mato-grossenses com mais intensidade e que elas se transformem em eventos que farão parte do “roteiro de ouro”.

A quantidade de feiras e a vocação de cada um desses eventos não possibilita constituir um único circuito de exposições de pecuária, o que existe são circuitos. Como tentei demonstrar ao longo desse trabalho, esses circuitos não podem ser analisados isoladamente. Vez por outra os circuitos se interpenetram

Tratadores de Nelore dividem acampamentos com tratadores de Guzerá em feiras de pecuária que abrigam julgamentos dessas duas raças, peões de manejo acostumados a trabalhar em leilões de exposições do interior do Brasil participam do roteiro de ouro, peões de rodeio se deslocam milhares de quilômetros para competir em montarias que são provas importantes de novos torneios que se constituem. Os circuitos das feiras de pecuária são tão dinâmicos como a lógica do agronegócio é.

3.3 Mapeando Redes;

Michel Agier (1998) no texto “Lugares e redes – As mediações da cultura urbana” pontua que a Antropologia Urbana usualmente toma referências espaciais para construir análises. Afirma que essa perspectiva se deve, em grande parte, ao legado da Escola de Chicago que propunha uma abordagem ecológica na cidade. A distinção de espaços como fontes de “identidades” se faz presente ainda nos dias de hoje nas etnografias realizadas em contextos urbanos.

Agier propõe que a Antropologia Urbana se desvencilhe da idéia de espaço e se apóie na idéia de rede. Numa forma de análise que privilegie a mobilidade, as trocas, as mudanças, a comunicação entre diversos meios.

Segundo Barnes (1987[1969]) rede é um campo social formado por relações entre pessoas. Essas relações são definidas por critérios e questões subjacentes a esse campo – fatores como parentesco, vizinhança, amizade, economia.

Os encontros e mediações existentes nas feiras de pecuária se dão em virtude da lógica do agronegócio. Os disputados leilões, julgamentos e rodeios, a busca por participar das mais importantes feiras, as melhorias genéticas de reses propicia trocas e encontros entre diversos atores.

Como tentei pontuar, tratadores de gado, peões de manejo e peões de rodeio têm vínculos com o “universo rural”. São filhos, netos de vaqueiros. Os tratadores, inclusive, são funcionários de fazendas. Mas a lógica do agronegócio e o desenvolvimento das feiras de pecuária propiciam novos arranjos e relações.

Um tratador de gado de Mato Grosso do Sul, por exemplo, que viaja por várias feiras de pecuária tem muito mais contato e compartilha atividades de trabalho com um veterinário do que com um vaqueiro que realiza tarefas em comitivas pelo Pantanal. Assim como um peão de rodeio do interior de São Paulo lida muito mais em seu cotidiano com a indústria do entretenimento e do espetáculo do que com o trato de animais em propriedades rurais.

As feiras de pecuária e o agronegócio dos dias de hoje constituem um novo campo social. A alta tecnologia, os numerosos e rentáveis negócios, a necessidade de aprimoramento genético e de constituição de padrões para raças de animais reorganizam inúmeras relações.

O próprio trabalho dos vaqueiros ganha um outro estatuto nesse contexto. Ainda que sejam empregados ou que realizem tarefas ligadas à base da produção pastoril, as formas de comercialização e criação de animais contemporâneas exigem desses atores novos conhecimentos.

Ao viajar por diversas cidades para apresentar animais nos leilões, julgamentos, exposições, ao participar de suntuosas provas de montaria, os vaqueiros realizam atividades e adquirem conhecimentos pautados por uma nova lógica.

Muitos peões com quem conversei gostavam de realçar as diferenças entre o trabalho que realizam nos dias de hoje das atividades realizadas por seus pais ou avós. Gostavam de afirmar que o agronegócio e a tecnologia contribuiu para que novas funções fossem dadas a vaqueiros. Abaixo segue trecho de uma entrevista realizada com Marcelo, tratador de gado *Nelore*. Ele explica de que maneira o trabalho que desenvolve cresce nos dias de hoje:

Natacha: Mas o que seus pais faziam, por exemplo?

Marcelo: Antigamente meus avôs tinham fazenda, então eu fui criado na fazenda. Na fazenda já tinha um meio de produção rural e aí ele partiu pra o trabalho de motorista. Aí ele começou a transportar gado, a vida dele foi transportando gado.

Natacha: Mas uma coisa que eu queria entender, porque o trabalho de vocês é muito parecido com uma comitiva, né? Uma “comitiva moderna”...

Marcelo: É mais ou menos dessa forma. Estamos sempre procurando melhorar, sempre aparecendo raças diferentes. Igual você falou, antigamente não tinha quase exposição de gado, essas coisas. Aí foram criando, foram aperfeiçoando. E foram meio que aparecendo profissões diferentes, né? Conforme foram descobrindo que o animal podia ser confinado, começaram a precisar de um rapaz que ficasse tratando, vinte e quatro horas olhando, cuidando, vendo o que precisava fazer.

O tom tecnológico presente nos discursos de atores que participam de eventos de agronegócio está presente não só nas falas de leiloeiros, produtores rurais, veterinários ou jornalistas. Do cotidiano de vaqueiros também faz parte entender como essas tecnologias se desenvolvem para a produção pastoril contemporânea. Para entrar em contato com esses outros profissionais e para desenvolver atividades com primazia peões de manejo, tratadores de gado e peões de rodeio precisam conhecer um pouco de genética, saber como se dão os critérios dos julgamentos ou leilões de animais, diferenciar uma raça sintética – criada em laboratório – de uma criada no campo.

Ainda que saber lidar com o gado seja tarefa imprescindível para o trabalho desses atores, novos conhecimentos e práticas aparecem como ferramentas fundamentais. E as trocas desses conhecimentos fazem com que profissionais com melhor ou pior remuneração ou maior ou menor grau de escolaridade compartilhem trajetórias e atividades no contexto das feiras de pecuária. E são essas mesmas trocas que organizam redes.

Essa perspectiva pode parecer concordar com o discurso do agronegócio como prática salvadora que gera divisas e engloba atividades “antes da porteira”, “dentro da porteira” e “pós-porteira”. Compartilhar os conhecimentos dessa nova forma de produção, ajuda sim a constituir uma rede. Mas de maneira alguma desconstrói hierarquias ou disparidades econômicas. Os vaqueiros continuam sendo empregados ou trabalhadores informais que ganha cerca de um salário mínimo por mês, enquanto produtores rurais comercializam reses ou células reprodutoras milionárias nos leilões.

As feiras de pecuária não são eventos novos no Brasil. A criação de gado foi e ainda é atividade econômica de grande importância para a ocupação territorial e fixação da população no Nordeste, Centro-Oeste e mais recentemente Norte do país. Mas se a comercialização desse gado era realizada em feiras no final do século dezenove e início do século vinte marcadas pelo improvisado e pequena escala, as exposições agropecuárias contemporâneas se caracterizam por outros fatores.

A competição presente nos julgamentos, os lotes arrematados por preços milionários nos leilões, o espetáculo dos rodeios, a compra de animais pela internet ou televisão, o luxo das festas presentes nos leilões, os animais caríssimos expostos nos pavilhões de exposição, as palestras sobre genética e tecnologia, as colheitadeiras ou tratores que custam milhares de reais dispostos à venda dão um outro formato a esses eventos.

Como um encontro científico ou econômico que reúne especialistas de todas as partes do país e até mesmo do mundo, as feiras de pecuária reúnem vários atores que participam da cadeia produtiva agropastoril. Como a produção agropastoril envolve diversas atividades e atores, acaba por aglutinar em um mesmo evento profissionais e visitantes de distintas áreas.

Mais do que isso! As feiras de pecuária junto com outros eventos de agronegócio como festas temáticas, agrishows e festas de peão dão conta de elucidar de que maneira as atividades e divisas econômicas criadas pela produção da agricultura, pecuária e

por que não do espetáculo, propiciam trocas, arranjos e relações pautadas pelo deslocamento, tecnologia, conhecimento científico e também pelo trabalho nas fazendas e propriedades rurais.

Os peões de manejo, tratadores de gado e peões de rodeio atuando em feiras de pecuária – atores e eventos privilegiados nesse trabalho - constituem apenas parte dessa rede do agronegócio. O trabalho que esses atores realizam e as trocas que estabelecem com outros sujeitos que executam tarefas nesses contextos não acabam nos muros dos parques de exposição em que atuam ou com o término das feiras de pecuária de que participam.

Dessa mesma rede fazem parte vaqueiros que lidam com gado confinado em propriedades rurais, vendedores de guloseimas, funcionários de parques de diversões, churrasqueiros, cantores, artistas, ex-big brothers, fazendeiros, veterinários, zootecnistas, geneticistas, leiloeiros, promoters, jornalistas, estudantes, agricultores, vendedores de insumos agrícolas ou de máquinas, representantes de associações de ruralistas, políticos , funcionários públicos, administradores...

A amplitude espacial, econômica e simbólica dos eventos agropecuários e do agronegócio alcança inúmeros contextos e atores. Vai do peão de campo aos laboratórios de genética animal, dos camaradas às sementes transgênicas, de Acerola ao Touro Bandido, da compra de animais nas fazendas aos arremates de reses em leilões pela internet...

Considerações Finais

Feiras agropecuárias e agronegócio; peões e vaqueiros; deslocamentos, circuitos e redes: esses e outros termos designando, ora instituições, ora atores sociais, ora conceitos, apareceram ao longo deste trabalho. Apesar de alguns deles sugerirem novidades, as discussões que suscitam não são de todo novas para a Antropologia. De uma forma ou de outra já foram objeto de análise tanto em estudos mais conhecidos como em trabalhos recentes sobre processos de transformações na área rural brasileira. Cabe agora repassar determinadas questões que a pesquisa levantou para evidenciar alguns pontos de contato entre realidades que não podem mais ser consideradas de forma justaposta ou separada.

Mais concretamente, esta dissertação teve como propósito elucidar o processo de articulação entre feiras e festas de agronegócio, a partir de fatores tais como o trânsito de alguns atores sociais que participam dessas feiras e a dinâmica de funcionamento dos eventos que acontecem nas exposições envolvendo leilões, rodeios, julgamentos e apresentação de animais, produtos agrícolas e tecnológicos – tais como máquinas, conhecimentos, insumos, rações, etc...

O “agronegócio” foi tomado, nesse trabalho, como categoria nativa. Frequentadores e trabalhadores desses eventos utilizavam a idéia de “agronegócio” para dar um tom moderno, comercial e lucrativo a essas feiras e festas, mas sem qualquer conotação mais técnica, no sentido de designar uma determinada “cadeia industrial”. Assim, “agronegócio” era acionado para construir um discurso polivalente no contexto dos eventos agropecuários, espaços em que tal noção, tão citada em jornais, revistas, livros técnicos de Administração ou Economia entra no cotidiano e no discurso de trabalhadores e visitantes dessas feiras e festas.

As figuras dos vaqueiros e dos peões, por sua vez, – uma constante tanto na literatura de ficção como em textos clássicos das ciências sociais – nessa dissertação foram retomadas num contexto que as mostra em novas relações de trabalho e de lazer. Os peões, analisados nessa pesquisa, assumem ao longo de suas carreiras profissionais as funções de tratadores de gado, peões de rodeio ou peões de manejo, o que os torna bons conhecedores desse universo. Ainda que essas funções tenham maior ou menor prestígio nesses contextos,

existe um eixo comum que liga todos esses personagens: a lida com o gado em exposições de pecuária.

De seu dia-a-dia na lida com o gado eles absorvem conhecimento de tecnologias, se adestram em provas de montaria, acumulam episódios sobre vacas e bois premiados nos pavilhões de exposições ou em julgamentos e compartilham estórias de reses arrematadas por preços milionários nos leilões. Mesmo em suas brincadeiras, paqueras ou anedotas, o vocabulário dos peões que trabalham em feiras de pecuária é continuamente ligado ao agronegócio. Ao falar que um colega “não serve nem para receptor” ou se referir a uma garota afirmando que ela “dá pista”, por exemplo, estão transpondo tais conhecimentos para seus momentos de lazer e descontração.

Para a descrição do cotidiano desses trabalhadores foram necessários a observação do contexto em que realizam suas atividades e o acompanhamento da dinâmica dos rodeios, julgamentos, exposições e leilões de animais – eventos em que os peões trabalham com mais intensidade. A lógica de tais acontecimentos é ditada pelo deslocamento, pelo trânsito dos atores que desempenham essas tarefas. A compreensão desse contexto implicou a necessidade de superar recortes localistas: os fatos que ocorrem numa feira de pecuária específica têm influência direta em eventos que acontecem em feiras de outra região ou mesmo em outro estado da federação; para tanto foram utilizadas principalmente as noções de rede e de circuito.

A aplicação da noção de circuito nessa pesquisa permitiu reconhecer a organização dos eventos agropecuários, o trabalho dos atores que constituem essa rede e até a apropriação e circulação de um vocabulário próprio do agronegócio. A lógica empresarial, de negócios e a quantidade de eventos agropecuários que acontecem no Brasil determinam formas específicas de participação nessas feiras e festas e a extensão dos circuitos. Um exemplo pode ser dado através dos julgamentos de animais: assim, os criadores de *Guzerá* participarão mais intensivamente de exposições que disponibilizam critérios e listas de “ranqueamento” dessa raça; mas tal forma de participação não impedirá, por exemplo, que os participantes desses contextos – peões e produtores rurais - entrem em contato com criadores de *Nelore*. Assim, o circuito do *Guzerá* de um ano específico de maneira alguma exclui a noção mais geral de rede. As trocas e relações estabelecidas pelos atores que constituem a rede do agronegócio continuarão ativas em feiras que privilegiam essa raça. A

rede do agronegócio, como tentei pontuar ao longo desse trabalho, é bastante ampla e capaz de produzir circuitos de alcances diversos.

Os circuitos se organizam a partir de vários fatores. Os peões que trabalham em feiras de pecuária, por exemplo, percorrem trajetos dentro de circuitos que se constituem tanto a partir de julgamentos de animais (aqueles “ranqueados”) como pelo “roteiro de ouro” e pela ocorrência de leilões importantes. Mas outros atores que participam dessa rede se deslocarão movidos por interesses distintos. Os eventos agropecuários que disponibilizam mais atividades de lazer – e por consequência chamam um grande público – atraem um número maior de trabalhadores que lidam com alimentação e entretenimento.

O ambiente envolvendo desde troca de conhecimentos técnicos, contato com diferentes raças de animais e produtos agrícolas, intercâmbio de episódios ocorridos em outras exposições e a manipulação de novos equipamentos constitui o dia-a-dia dos atores que participam desses eventos e organizam as redes e trocas descritas no decorrer deste trabalho. Mesmo realizando uma tarefa preponderante – a lida com o gado – os peões que participam desses eventos entram em contato com outras atividades e com pessoas que não necessariamente trabalham com agricultura ou pecuária. Tal fato abriu espaço para que outros eventos agropecuários (festas temáticas, agrishows e festas de peão) fossem descritos e tipificados e mostrou a necessidade de incluir na pesquisa entrevistas e pontos de vistas de outros personagens: que não são peões de manejo, tratadores de gado ou peões de rodeio, mas que viajam por esses eventos e fazem parte de uma extensa rede que lhes dá suporte ou delas tiram seu sustento. São, entre outros, vendedores ambulantes, propagandistas de insumos agrícolas, jornalistas, leiloeiros, etc.

As relações e trocas vividas pelos tratadores de gado, peões de manejo e peões de rodeio nas feiras de pecuária não são pautadas, exclusivamente, pelos julgamentos, rodeios, exposições ou leilões de que participam. Ao freqüentar um show de música sertaneja, dividir o acampamento improvisado com trabalhadores que participam de outros tipos de eventos agropecuários ou ouvir um veterinário falar sobre a produção de animais confinados, os peões entram em contato atividades que, como as suas, também são imprescindíveis para as feiras e festas de agronegócio.

Para vários autores que trabalharam com a temática das feiras agropecuárias na década de noventa, esses eventos foram tomados como espaços em que era possível

vislumbrar mudanças no universo rural, na direção de uma “ruralidade moderna”. No entanto, a dicotomia campo versus cidade ainda permanecia como pressuposto. Os dados colhidos na presente pesquisa, diferentemente, apontam mais para uma interdependência do que para dicotomia entre as dimensões rural e urbano. Os atores que participam dessa rede, por exemplo, residem tanto em fazendas como também em cidades; suas famílias, trajetórias pessoais e mesmo escolhas profissionais não necessariamente têm origem no universo rural. O que esses atores compartilham, de fato, é o trabalho em eventos agropecuários.

Os eventos agropecuários que foram objeto deste estudo não podem ser classificados como “mais do campo” ou “mais da cidade” uma vez que ocorrem ao longo de circuitos que são o produto tanto da circulação dos mais diferentes tipos de conhecimentos - sejam empíricos, sejam de alta tecnologia - de pessoas, como também de informações. As atividades agropecuárias não podem ser entendidas apenas na chave da produção que remete ao universo rural, pois inúmeros atores que habitam e trabalham tanto nas cidades como também no campo estão nos bastidores da agricultura e pecuária contemporâneas.

O título da dissertação – “É de Agronegócio!” – evoca um dos dois sentidos que comumente esta expressão adquire no contexto estudado: “ser de agronegócio” ou “não ser de agronegócio” são categorias nativas que se referem, uma ao caráter de negócio das feiras e outra ao seu aspecto lúdico, de lazer, de entretenimento. Tanto os enunciadores do primeiro sentido como os do segundo fazem parte da mesma rede, a “rede do agronegócio” - que engloba tanto os atores que trabalham mais com o lado empresarial, como os que se inclinam para o lado de espetáculo.

Deste modo, é variado o panorama tanto dos atores como das funções e da tecnologia envolvidos nos eventos que constituíram o recorte deste estudo. Os deslocamentos, as trocas de informações, o comprometimento de agentes privados e públicos, o interesse que despertam num público mais amplo fazem deles um rico objeto de estudo, mas ao mesmo tempo colocam a necessidade de classificação e escolhas. Nesse sentido, os peões e as feiras de pecuária constituíram o recorte privilegiado da pesquisa; os julgamentos, leilões, exposições e montarias foram também objeto de observação porque também aí esses atores se fazem presentes e é por sua participação e envolvimento em todas

essas tarefas que oferecem um ângulo particular para o entendimento desse universo de atividades. É possível, evidentemente, partir de outras perspectivas e analisar o agronegócio em seu investimento na tecnologia de ponta, na pesquisa genética, na crescente sofisticação dos métodos de trabalho e comercialização.

A escolha feita, porém, não significou uma oposição a esta alternativa, tampouco uma intenção de resgatar o que se muitas vezes ainda considera a persistência de um imaginário “tradicional” frente à modernização do agronegócio, tomado em seu sentido mais empresarial. Na realidade, os elementos de contato entre as diferentes facetas que o compõem é que constituem pontos para os quais a análise antropológica tem mais a contribuir.

Bibliografia

- ALÉM, João Marcos. “Caipira e Country: a nova ruralidade brasileira”.** Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), 1996 (mimeografado);
- AMARAL, Rita. Festa à Brasileira: sentidos do festejar no país que “não é sério”.** Versão para e-books - ebookbrasil.com (fonte digital) documento da autora; copyright: c 2001.
- AVEZUM, Laura Maria Mattar. “Eventos agropecuários e turismo – A 42º Exposição Agropecuária de Araçatuba”.** Dissertação de mestrado apresentada junto ao programa de pós-graduação de Ciências da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP), 2002
- BANDUCCI JR. Álvaro. A natureza do pantaneiro: relações sociais, representações de mundo e o sobrenatural entre vaqueiros das fazendas de gado no “Pantanal da Nhecolândia”.** Tese de mestrado (USP) defendida em março de 1996. Versão do autor (2000). (mimeografado)
- BROGNOLI, Felipe Faria. “Cara a cara no mundo: Seguindo os rastros de nômades urbanos”.** In: MARQUES, Ana Claudia . “ Andarilhos e Cangaceiros: A arte de produzir território em movimento”/ Ana Claudia Marques, Felipe Faria Brognoli, Jorge Luiz Mattar Villella. Itajaí: Ed. da Univali, 1999.
- CÂNDIDO, Antônio. “Os parceiros do Rio Bonito”,** Duas Cidades, 9ª Ed SP, 2003.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. "O trabalho do Antropólogo".** 2.ed. São Paulo Editora UNESP, 2000.
- CARNEIRO, Maria José. "Ruralidade: novas identidades em construção"**In www.eco.unicamp.br/projetos/rurbano
- CARNEIRO, Maria José. "O Ideal Rurbano: Campo e Cidade no imaginário de Jovens Rurais** in www.eco.unicamp.br/projetos/rurbano
- DAVIS, J and GOLDBERG, R. “The Genesis and Evolution of Agribusiness”.** In: DAVIS J; GOLBERG, R. “A concept of Agribusiness”. Harvard University, 1957.
- DURHAM, Eunice. “A dinâmica da cultura; ensaios de antropologia”** / Organização de Omar Ribeiro Thomaz – São Paulo: Cosaf Naify, 2004.
- DE CERTEAU, Michel. “A invenção do cotidiano – 1. Artes de Fazer”.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

- EVANS- PRITCHARD, E. E.** Os Nuer. São Paulo: Perspectiva, 1999
- FELDMAN-BIANCO, Bela.** Antropologia das Sociedades Contemporâneas: Métodos. 1. ed. São Paulo: Editora Global, 1987. v. 3.000. 402 p
- FRÚGOLI, Heitor.** “ **A dissolução e a reinvenção do sentido de comunidade**”. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais – Vol.18;
- GEERTZ, Clifford.** “**O saber local**” – **Novos ensaios de Antropologia Interpretativa.** Tradução: Vera Mello Joscelyne – Petrópolis, RJ: Vozes, 1997
- GODOI, E.P/ Pietrafisa de Godoi, E.** **Lugares e redes - as mediações da cultura urbana (tradução de artigo de M. Agier).** Campinas: Mercado das Letras, 1998.
- GUIMARÃES, Dulce Pamplona.** “**Celebração da Modernidade: a feira e a festa nas exposições agropecuárias no nordeste paulista**”. Tese de Doutorado em História Social, USP. *Ano de Obtenção:* 1996. (mimeografado)
- HOBSBAWN, Eric e RANGER, Terence (ORG).** “ A invenção das tradições”. Rio de Janeiro, Paz e Terra: 1997
- LEAL, Natacha Simeí.** “**A Festa da Cidade: Exposição Agropecuária como palco de celebração da sociedade e cultura campo-grandense**”. Monografia de Graduação (UFMS). Versão do autor (2004). (mimeografado)
- LATOUR, Bruno.** “Reassembling the Social” – An introduction to Actor-Network – Theory. Oxford University Press; New York, 2005.
- LATOUR, Bruno.** “Jamais Fomos Modernos”. Rio de Janeiro: Ed.34,1994
- LEWIS, Oscar (1965).** “**Further observations in the folk-urban continuum and urbanization with special reference to Mexico City**”. In: P.M Hauser and L.F Schnore (Eds). The study of urbanization, New York, Wiley.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor.** “**Festa no Pedaco: Cultura Popular e Lazer na cidade**”. 3ºed. São Paulo: Hucitec/ Unesp, 1998.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor.** “**Quando o Campo é a Cidade: Fazendo Antropologia na Metrópole**”. In: “**Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana**”. José Guilherme Cantor C. Magnani; Lílían de Lucca Torres. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2000.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor.** “**De perto e de dentro: notas para uma etnografia**

urbana". In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, ANPOCS/ Edusc, vol.17, n.49, jul/2002, p.11-29.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. "Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia". 23 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. **Um diário no sentido estrito do termo**. Rio de Janeiro, Record, 1997.

MARQUES, Ana Claudia . "Andarilhos e Cangaceiros: A arte de produzir território em movimento"/ Ana Claudia Marques, Felipe Faria Brognoli, Jorge Luiz Mattar Villella. Itajaí: Ed. da Univali, 1999.

MAYER, Adrian C. 1977. "**The significance of Quasi-groups in the study of complex societies**". In: S. W. Schmidt, L. Guasti, C. H. Landé & J. C. Scott (org.). Friends, Followers, and Factions: a Reader in Political Clientelism. Berkeley, Los Angeles e Londres: University of California Press. Pp. 43-54

NASCIMENTO, Silvana de Souza. "**A romaria do Divino Pai Eterno**". Dissertação de mestrado.. Defendida em novembro de 2000 pelo Departamento de Antropologia Social da Universidade de São Paulo. Versão do autor.(2000)

NEVES, M.F. "Agribusiness: Conceitos, tendências e desafios". In: Zilberztajn, Décio; Giordano, S.R; Gonçalves, M.L. " Fundamentos do Agribusiness". I Curso de Especialização em Agribusiness. UFPB – PEASA – USP – PENSA. Campina Grande – PB, 1996.

NEPOMUCENO, Rosa. "**Música Caipira – Da roça ao rodeio**". São Paulo: Ed.34, 1999.

NOGUEIRA, Néia. "**Festa do Peão de Boiadeiro: onde o Brasil se encontra**". São Paulo, Ícone, 1989.

PIMENTEL, Sidney Valadares. "**O chão é o limite – A Festa do peão de boiadeiro e a domesticação do sertão**". Tese de doutorado apresentada ao departamento de Antropologia do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília (UnB), 1996 (mimeografado).

PIRES, André. "**De rocinha aos enclaves: figurações do rural em Vinhedo, SP**". Campinas, SP [s.n], 2004.

REDFIELD, Robert. "**Civilização e Cultura de Folk – Estudos de variações culturais**

em Yucatán". Ed. Livraria Editora Martins Fontes Editora S.A; São Paulo, 1949.

QUEIROZ, Maria Izaura P. **"Do rural e do urbano no Brasil"**. In: Vida Rural e mudança social . Ed. Nacional, SP, 1979.

QUEIROZ, Renato. **"Caipiras Negros no vale do Ribeira: um estudo de antropologia econômica"**. Dissertação de mestrado, 1983 (mimeografado).

SILVA, José Graziano. **"O novo rural brasileiro"**. Unicamp, IE, Campinas, 1999.

VEIGA, José Eli. **"A relação rural/urbana no desenvolvimento regional"**. In: Agricultura Familiar e Desenvolvimento Territorial – Contribuições ao Debate/ Flávio Borges Botelho Filho (organizador) – Brasília: Universidade de Brasília, Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares, Núcleo de Estudos Avançados. V.5.n.17, 2005.

VEIGA, José Eli. "Destinos da ruralidade no processo de globalização". In: Estudos Avançados, v.18, n.51, São Paulo, 2004.

WIRTH, Louis (1987[1938]) **" O urbanismo como moda de vida"**. In: O. G Velho (org), O fenômeno urbano, 4º edição, Rio de Janeiro, Guanabara.

WOORTMANN, Ellen. **"Herdeiros, Parentes e Compadres"**.Ed. Hucitec, SP, 1995.

Outras Publicações

"Agrícola". In: Estado de São Paulo, n.2640, 14 de Junho de 2006.

"Agrícola". In: Estado de São Paulo, n 2656, 19 de Julho de 2006.

"Agrícola". In: Estado de São Paulo, n.2644, 12 de Julho de 2006.

"AG Leilões".Nº106, Maio 2007

"AG Leilões".Nº107, Junho 2007

"Agrolatina" – Negócios e Cultura. Nº3, Dezembro 2005/ Janeiro 2006.

"Calendário Brasileiro de Exposições e Feiras". Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio. Secretaria de Comércio e Serviços. Departamento de Políticas, Comércio e Serviços, Brasília, 2007.

“DBO – A Revista de Negócios da Pecuária”. Nº 307, maio de 2006.

“DBO – A Revista de Negócios da Pecuária”. Nº 308, junho de 2006

“Folha do fazendeiro”. Nº 247, Campo Grande, abril 2004.

“O Brasil Agrícola”. Nº 701, maio 2007, ano 63.

“Revista USP” – O Brasil Rural. Nº64. Dezembro/2004, Janeiro/2005, Fevereiro/2005.

Páginas da Internet

<http://www.agroagenda.com.br>

<http://www.agrishow.com.br/ribeirao/index.asp>

<http://www.srp.com.br/expo2007/>

<http://www.acrissul.com.br/>

<http://www.agrocentro.com.br/feicorte/2007>

<http://tourobandido.globo.com/principal.asp>

Anexos

Entrevista 1 : Acerola e Chiquinho

Acerola: Nós é tudo de Goiás...

Cláudio: Eu sou o Cláudio de Goiás.

Alcides: Alcides, Goiânia

Chiquinho: Jucenildo, Brasília – DF.

Natacha: Você é tratador também?

Chiquinho: Eu ajudo eles, mas não sou tratador.

Acerola: Eu é quem puxo o gado e ele é motorista...

Chiquinho: Motorista e tratador, vai.

Natacha: Vocês trabalham em que fazenda?

Chiquinho: Na Rancho Estrela, em São Miguel de Passa Quatro, Goiás...

Natacha: E vocês costumam ir a muitas exposições?

Acerola: Ah...Em muitas, hein!

Natacha :Quantas vezes vocês viajam por ano?

Acerola: Vixe! Umas trinta vez mais ou menos...

Natacha: E quais são as feiras que você mais gosta? Que são mais importantes?

Acerola: Ah! Uberaba. Barretos, Brasília, Goiânia...Avaré é boa.

Natacha: É engraçado, por que eu fui numa exposição em São Paulo e os tratadores me falaram de outras feiras. Uberaba, é claro, mas falaram também de Araçatuba, de Londrina...Aí eu escolhi vir pra cá e pra Londrina.

Chiquinho: Essas aí que você falou nós num conhece ainda.

Natacha: E com que tipo de gado vocês mexem?

Chiquinho: Bhraman.

Natacha: E esse tipo de gado sempre tá nas exposições?

Chiquinho: Ah! Agora ta...

Natacha: E você é motorista?

Chiquinho: Sou!

Natacha: E vocês vão sair daqui e vão pra onde...

Acerola: Brasília. Vamo dar uma descansada na fazenda, ficá uma semana e aí vamos pra Brasília.

Natacha: A de Brasília acontece quando?

Acerola: É em Abril, não sei a data certa, mas é agora em Abril.

Natacha: Eu queria que vocês me explicassem como é que funciona esse circuito de exposições...

Chiquinho: Circuito?

Natacha: Assim, de que forma elas acontecem, como são organizadas, tem um roteiro?

Chiquinho: Geralmente é aniversário de uma cidade ou alguma festa comemorativa e aí acontece as exposições agropecuárias, né?

Acerola: Tipo assim, cada uma já tem sua programação. Todo ano tem sua programação certa, igual essa é nessa data, já vem ano que vem nessa mesma data. Cada um tem sua programação certa...

Natacha: E vocês ficam acampados? Como é?

Acerola: A gente fica acampado em barraca, né? Fica pior que o boi...

Natacha: Me falaram que em Uberaba tem um acampamento legal...

Acerola: Tem não, nada legal.

Chiquinho: O único lugar que eu vi alojamento foi em Belo Horizonte.

Natacha: Essa TV vocês trouxeram? O que tem nessa caixa?

Chiquinho: Trouxe, ué.

Acerola: Aí tem roupa, cabresto pros animais, remédio do animal...

Natacha: Vocês vivem mais ou menos como uma comitiva, né?

Acerola: Tudo que nós usa aqui, nós traz. Ração, selagem, capim...Tudo!

Chiquinho: Nosso alojamento aqui é improvisado, como você tá vendo tem barraca, nós dorme no caminhão também...Fica uma média de seis dias, cinco, seis dias.

Acerola: A gente fica uns sete dias.

Chiquinho: Geralmente eles trocam os animais, né? Antes do término eles trocam os animais e aí entra outra raça de animal, entendeu? E vai circulando os animal.

Natacha: Aqui na Expogrande é por raça?

Chiquinho: Bem, eu não posso te explicar porque é a primeira vez que eu venho.

Natacha: E vocês moram na fazenda?

Chiquinho: Cada um que tá aqui é de uma fazenda diferente.

Acerola: Viemos separados porque cada um aqui tem um gado diferente. Uns tem dez, outros tem nove cabeças.

Chiquinho: Na verdade isso aqui funciona como uma competição, tá entendendo? Cada um quer mostrar as melhores cabeças que tem no plantel, pra sair no ranking e expandir no Brasil inteiro ou até fora do país.

Natacha: Vocês já se conheciam?

Chiquinho: Nós se conhece de várias exposições...

Acerola: Direto a gente se encontra nas exposições.

Natacha: Vocês viajam bastante, né? Vocês são casados ou coisa assim?

Chiquinho: Eu sou casado, tenho dois filhos.

Natacha: E você viaja quantas vezes por ano?

Chiquinho: Ah! Eu viajo em média duas vezes por mês, dá umas vinte e quatro vezes por ano.

Natacha: E a sua mulher? Ela trabalha na fazenda?

Chiquinho: Não, fica em casa. Ela é doméstica.

Natacha : Você é motorista e você é tratador... Você mora na fazenda?

Chiquinho: Não! Eu trabalho na empresa do dono da fazenda, ele tem uma empresa de transportes e ele mesmo faz os fretes dele. No caso, esse rapaz que tá aí, ele é fretado, é contratado pra puxar o gado pro patrão dele.

Natacha: Mas o motorista é sempre tratador?

Chiquinho: Não necessariamente. É pra num pagar um tratador, tá entendendo? Aí incluí o motorista pra apresentar na pista.

Acerola: A gente tá acostumado a mexer, né? Já sabe qual é o esquema...

Natacha : Vocês recebem salário fixo?

Chiquinho: No caso eu recebo salário por comissão, cada vez que eu viajo. No caso, eu não tenho nada a ver com agropecuária, eu sou rodoviário. E fora daqui eu sou rodoviário...Motorista rodoviário de ônibus e caminhão.

Natacha: Bom, você trabalha com o transporte de animais..

Chiquinho: De qualquer espécie, às vezes fora de exposição, pra cruzamento, pra gado de corte...

Natacha: E como é viajar vinte vezes por ano? Vocês gostam?

Chiquinho: Ah! Eu não gosto não. Fica muito longe da família, né?

Natacha: Conheci uma tratadora de gado outro dia...

Acerola: Tem várias! Já vi agora em Avaré umas que apresentavam gado de pista, que tavam ajudando.

Chiquinho: Em Belo Horizonte vi uma também, bem novinha, puxando o animal.

Natacha: O peão de pista é tratador?

Chiquinho: Tratador é peão de pista.

Acerola: Tem peão que dá curso par apresentação de pista... Tem um cara desse lá em Uberaba. Ele é contratado pela fazenda, ele é tipo chefe, só faz mais apresentar na pista, leilão...

Natacha: Vocês fazem apresentação em pista?

Acerola: Faz! Na pista do leilão e na pista do julgamento.

Natacha: Vocês trouxeram o gado pra quê?

Acerola: Pra expor né? E também pra venda no leilão e julgamento também.

Natacha: E como é apresentar na pista?

Acerola: Lá é só rodar, tipo a gente roda lá e toca. Quem julga no leilão são os comprador, na pista de julgamento já são os juiz, né? São três jurados, eles que vão avaliar. No leilão é diferente, não tem julgamento, o criador olha e quem gostou compra. E na pista de julgamento são três jurados e eles vão avaliar o animal. Leilão, não...É mais difícil na pista de julgamento do que em leilão.

Natacha: E na fazenda, você executa que tipo de tarefa?

Acerola: Ah! Lá eu trabalho com animais, trata os animais, cuidar... os vários animais que tem.

Natacha: Vocês ganham mais por ser tratador?

Acerola: Não, acho que não.

Natacha: Vocês recebem diária quando estão viajando?

Acerola: Recebe diária sim, tem uma diária separada. É diária pra refeição, essas coisas.

Natacha: Vocês estão comendo aonde?

Chiquinho: Deve ser aqui dentro, né? Nós vamos saber hoje. Tem um restaurante aí que por sinal é muito caro. Porque em exposição eles metem a mão com força, é nove e cinquenta que eles cobram.

Acerola: De nove a dez, sete.

Chiquinho: O povo mete a mão com força mesmo.

Natacha: Na outra exposição que eu fiz pesquisa os tratadores ficavam falando: “Fulano é rural, ciclano é do urbano”. O peão de manejo é o peão da cidade, o tratador é o peão do campo... Como vocês vêem isso?

Acerola: Ah! Isso vai da cabeça da pessoa, né?

Chiquinho: Com certeza! Eu acho que não deve discriminar ninguém por aquilo que a pessoa ta fazendo...

Cláudio: As pessoas querem ser o melhor, a pessoa que fala isso quer ser melhor que a outra, né?

Chiquinho: Agora por que eu sou motorista e moro na capital, não tem nada a ver eu destratar o colega que trabalha no campo. Porque é através do campo que nós nos alimentamos na cidade

Natacha: Sim. Mas o que eu vi aqui é que o que era valorizado era o que vinha do campo...

Chiquinho: É geralmente, aqui é isso mesmo! Aqui, vamos supor, o que é valorizado é o funcionário que trabalha no campo. Porque aqui você tá mexendo também com animal de campo, então não tem como valorizar uma pessoa que não conhece o animal, entende?

Acerola: Não é qualquer um que chega e vai mexer com o gado, não é ir pegar uma corda e sair puxando. Se não tiver experiência e a competência que tem que ter, não faz o serviço direito.

Natacha: Vocês acham que exposição é coisa da cidade ou coisa do campo?

Acerola: Dos dois.

Chiquinho: Acho que é coisa da cidade e do campo também. Porque isso aqui melhora pro pessoal da cidade ver que o pessoal do campo... É as duas coisas junto, eles vão ver que o pessoal do campo tá trabalhando realmente pra que ele tenha o conforto da cidade, sem o campo não ia ter alimentação pro pessoal da cidade, não teria carne, não teria nenhum tipo de alimento...Então, quem deve ser valorizado, realmente no Brasil, é o trabalhador rural. Cê vê que o PIB brasileiro é mais pelo campo, né? Não é pela cidade, a cidade pouco produz pra ele. Então é uma importância muito grande o campo na cidade e a cidade no campo.

Cláudio: Você pode ver que o rural, do campo é que traz alimento, né?

Natacha :Você acha que você é do campo ou da cidade?

Acerola: As duas coisas, né? Um pouco da cidade e um pouco do campo... Eu trabalho um pouco na cidade e um pouco no rural.

Chiquinho: Eu já sou da cidade...

Cláudio: Eu por exemplo já trabalhei em firma. Aí saí de lá e vim mexer com o gado. Larguei de mão e vim mexer com o gado...

Natacha: Me fala da sua relação com a sua mulher. Isso é uma coisa importante...

Chiquinho: Não, não vou contra histórias da minha vida não. É meio sem graça, né?

Natacha: Muita gente fica viajando assim, né?

Acerola: Quanto mais saudade, mais valente fica...

Chiquinho: Que nada! Eu chego mais tranqüilo. Chega mansinho...

Natacha: Você falou pra mim que a sua mulher reclama um pouco..

Chiquinho: Oh! Reclama...Ela fala que sente minha falta e que minhas criança tão crescendo e que não tão tendo a imagem do pai dentro de casa. Deve ser ,né? Ela reclama mais é disso.

Natacha :O dono da fazenda não viaja com vocês?

Chiquinho: Tá vindo aí com o ônibus dele. Vem com o ônibus e fica aqui acampado mais nós.

Acerola: O ônibus dele é uma casa.

Chiquinho: É “o trailer...”

Natacha: Ele fica aqui junto com vocês?

Chiquinho: Ele coloca o ônibus aqui ó...

Acerola: Talvez ele libere o bagageiro pra gente...

Natacha: Como você começou a mexer com isso?

Chiquinho: Ah, começou por causa de um motorista que tinha lá e ele aprontou umas aí, cachaceiro. Aí colocaram eu.

Acerola: Não vai falar isso porque ela tá gravando...

Chiquinho: Não tô nem aí, é verdade.

Natacha: Onde você mora mesmo?

Chiquinho: Em Brasília, na Ceilândia. Lá é legal, hein? A Ceilândia é legal!

Natacha: Vocês dois trabalham pra mesma fazenda?

Acerola: Eu trabalho o tempo todo lá. Ele não trabalha na fazenda. Ele é contratado pela empresa de Brasília. E eu moro na fazenda e bem dizer na estrada, né?

Natacha: Você é casado?

Acerola: Não! Solteiro...

Natacha: Mora lá junto com os outros peões?

Acerola: Eu fico num ambiente sozinho, né? Eu fico num quarto sozinho, né?

Natacha: Mas você cuida da fazenda lá também , né?

Acerola: Cuido também...

Entrevista 2

Meu nome é Gerard, tenho quarenta e um anos...

Natacha: O que você faz?

A gente faz de tudo, né? Não vou dizer que sou tratador, um carregador de caminhão, sou pintor, sou carpinteiro, um chapa, um tapeceiro...Sou quase tudo, né? Tipo assim, um cara de uma empresa precisa de um chapa limpa pra descarregar um caminhão ali, lá fora: Quer pegar? É tanto. Onde é? Vamo lá! Combina e vai, independente o que é o material...

Natacha: Mas você trabalha pra quem?

Eu trabalho particular, autônomo. Chama free lancer, né? Aquele que trabalha por diária.

Natacha: Desculpa, eu não entendi. Você fica viajando de feira em feira agropecuária?

De feira em feira.

Natacha: Sozinho?

É! Sozinho.

Natacha :Qual é a sua função?

Ó, por exemplo, geralmente a gente vem na influência que a feira é boa. A Expogrande eu nunca tinha vindo, mas eu sempre ouvi falar que é boa e que é grande. Como de fato, eu tô confirmando, que é boa e grande. E bem organizada. Aí você vem e pega contato com os caras que tá montando as barracas e os “stands” e através deles pega serviço...Aí, geralmente a gente conhece muita gente e fala : “Cê tá montando aqui é? Quem é o patrão?” Aí os caras respondem: “ O patrão é fulano e tá chegando daqui a tal dia e tal hora, eu te apresento ele”. Aí através daquele cara conhecido a gente pega o trabalho.

Natacha: Você veio pra cá montar o quê?

Na verdade a montadora que vim montar não veio. A de Brasília, a “Quality”, que monta o ministério da Agricultura e a Embrapa...Mas aí as montadora daqui , no caso a daqui é a “Mega”, né? Aí o cara disse: “Eu te apresento outros trabalho aí”. Através do conhecimento você faz articulação e aí eu peguei um trabalho, né?

Natacha: Mas você não trabalha pra nenhuma empresa específica?

Não, não. De jeito nenhum. Porque não quero, né? Porque se quiser...Só que se eu for trabalhar pra uma empresa específica aí me amarro. Vou ter que ir lá cumprir horário, uma folga por semana, aí eu não tenho aquela chamada “liberdade”.

Natacha: Por que os meninos falaram que você é peão de trecho?

É porque nós todos somos peão de trecho. Eles também são peão de trecho...

Natacha :Por causa da viagem?

Porque a gente viaja, o ano todo.

Natacha: Mas daqui você vai pra onde?

Daqui, o plano era Rio Verde. Como Rio Verde era a data daqui – de 27 a 30 ...

Eu lembro que ano passado a Agrishow lá, foi de 5 a 10 de Abril. Se fosse essa mesma data esse ano daria pra mim ir porque aqui acaba dia primeiro. Mas agora eu fiquei ao mesmo tempo confuso, porque tem uma montadora que tá montando aqui que eles vão pra lá de amanhã pra depois. Como eu já tô engatilhado num servicinho, não posso mais abandonar aqui, né?

Natacha: Você ajuda a montar os “stands”?

É, a montar. E à noite fico lá, de segurança. De alguns, né? Um ou dois, não é todos. No caso eu tô aqui pra “Germipasto”.

Natacha: Você é da onde?

Eu moro em Goiânia. Mas a família é do Piauí, a terra onde não chove, mas também não mata gente...

Natacha: Quando você acaba os trabalhos nas feiras você volta pra Goiânia...

Pra Goiânia e depois Palmas , né? Porque Palmas tem um pequenino lá que eu tenho que dar atenção. Tem que ir lá no Paraguai comprar uns presentes que é baratinho, né? E levar pra Palmas, Tocantins.

Natacha: Você é free lancer, né? Chega nas feiras, articula com alguém...

Sempre tem, né? Quem quer trabalhar arruma. Se você olhar um evento desse aqui... Por exemplo, que nem agora. Agora o cara mandou chama a menina pra limpar “stand”, quer uma menina nova e bonita. Aí fui lá no bairro lá e trouxe a garota, aí levei ali e o cara disse: “Rapaz, desculpa mas o meu patrão já tinha arrumado”.

Eu falei: “Caramba! Você me faz ir lá no bairro à pé e trouxe a menina aí”. Falei pra menina que ia ficar ali, conforme a resposta de hoje pra amanhã, deixando endereço e telefone, ia ligar pra ela vir aqui. Ela é até amigada com um cara, disse pra ela que não era pro marido dela não ficar com ciúme não, porque é profissional isso... Falei pra ela que não tava garantindo nem prometendo nada porque quem promete é político. Disse pra ela que se clareasse alguma coisa, ligava pra ela.

Natacha: Você viaja quantas vezes por ano?

Umás vinte vezes. De vinte a vinte e cinco vezes.

Natacha: Pra onde você já foi esse ano?

Esse ano agora? Fiquei uma semana em São Paulo, depois Cascavel na Show Rural, depois de Cascavel até Foz do Iguaçu, de Foz eu voltei pra São Paulo, aí de São Paulo eu fui pra Araçatuba, de Araçatuba pra cá...Aqui é o sétimo lugar já.

Natacha: Só nesses eventos?

Não. Foz e São Paulo a passeio, né?

Natacha: Como você começou a mexer com isso?

Ah... Eu comecei a mexer com isso faz tempo, hein! Foi em noventa. Lá no pavilhão de exposições do Anhembi.

Natacha: Mas você só monta “stand” de feira agropecuária?

É geralmente a gente vai nas melhores feiras. Nas maiores feira que tem, feira pequena a gente não pode ir porque não rende. Tem que ir em feira grande. Exposição grande... Que nem eles aí, da fazenda, eles tem que ir nas maiores feiras de gado, pequenininha não vai virar, vai dar prejuízo.

Natacha: Mas conta aí, como é que você começou...

Comecei no Pavilhão do Anhembi, no pavilhão fechado, né? Aí como eu enjoei e São Paulo é muita violência, muita muvuca, uma cidade 100% dinheirista, lá o cara vende até a mãe por dinheiro, eu cansei e caí fora pelo Brasil, nos outros estados. Porque São Paulo todo mundo aglomera pensando que ela é a salvação da lavoura e vira um problema, né?

Aí viajando a gente tem mais conhecimento, conhece os estados bons, os estados que a gente gosta, que a gente não gosta e sabe qual é os melhor. Claro que todos é os melhor, né?

Natacha: Você conhece quantos Estados?

Dezoito. No Nordeste das nove capital só não conheço quatro, o Sudeste todinho e Sul. E o Centro- Oeste todo. Aí dá cinco no Nordeste, o Sudeste tem quantas capital?

Natacha: Quatro.

Rio, Vitória... Três no centro-oeste são oito, né? Três no Sul , nove-dez- onze... E as cinco aqui do Centro-Oeste: Cuiabá, Campo Grande, Goiânia, Palmas e Brasília. Deu quantas? Deu dezesseis, né? Não é dezoito...

Natacha: Sua vida é essa, né? Ficar viajando... Você não cansa não?

Ah! A gente cansa. Mas é aquele negócio, acostuma, né? Porque deixa os pequenininho pra trás, não é toda hora que dá pra pegar o celular e fazer um “21” senão vai embora os crédito todo, né? Sente falta só dos pequeninhos. Porque “as dona encrenca” a gente não sente falta não, tudo cachorra. Elas não são fiel com a gente, então dá motivo pros “pé-de-pano”, aí já sou conformado com isso...O que resume os sentimento é com os pequenininhos porque com elas a gente já tá acostumado, já.

Natacha: O que você tá achando da exposição daqui?

Boa, boa. A ACRISSUL tá de parabéns. Já assisti uns cinco leilão deles e eles são bem organizado. A ACRISSUL tá pau-a-pau com a ABCZ...

Natacha: E agora? Pra onde você vai?

Olha, como Rio Verde não vai dar certo, daqui eu acho que ... Talvez Londrina, de repente dá um trajeto. Porque daqui mesmo eu tô num barato de ir pra lá, Brasília e Goiânia. Pra lá tem uns evento no meio do ano e tem Uberaba, né? Uberaba é garantido.

Natacha: Você é meio turista?

É a gente trabalha e quando a gente pode tirar uns rolezinho, um lazerzinho, vai com os colega aí. Por exemplo, a gente vai na primeira vez numa cidade, nunca foi, aí vai curtir a cidade. Fica empolgado e vai dar uma de turista naquele dia, né? Na verdade a gente vem trabalhar. Porque nas passagem de ônibus tá escrito lá: turismo, viagem, não sei o quê. A gente sempre coloca lá trabalho, só coloca turista pra tirar uma ondazinha quando é evento que acontece na praia.

Natacha: Você conhecia o pessoal de Goiás aqui de outras feiras?

Não conhecia não, hein. Tô conhecendo como se já tivesse conhecido há dez anos. A gente conhece assim, faz aquela amizade... A adaptação é rápida.

Natacha :Você costuma encontrar conhecidos em outras feiras?

Ô, pega amizade, né? Como nós somos todo mundo igual, né? Na nossa filosofia não tem ninguém melhor que ninguém porque essa é a real, se fosse melhor não tava aqui. Tem uns bobos que se veste com uma roupinha mais ou menos e fica se achando. Mas todo mundo tá aqui na igualdade.

Natacha :Então você não sabe qual é seu próximo paradeiro?

De Londrina pra Uberaba é o canal pra mim, porque em Londrina acaba dia 15. Porque não pode perder tempo e em Uberaba dia 15 começa a montagem...

Natacha: Peão de trecho...

Peão de trecho é um dizer popular. Num linguajar mais assim, mais inferior chama andarilho, né? Andarilho é o que anda mesmo, que anda na estrada a pé. Nós somos uns andarilho mais requisitado, os andarilho “chique”. Nós temos um propósito que é trabalhar, tem um paradeiro. Aquele outro caminha uns quinhentos quilômetros e ele volta, é o andarilho sem destino... A gente é o andarilho com destino.

Na verdade nós somos de verdade viajante. Viajante... Viaja muito!

Natacha: Que feiras você conhece?

Um monte, né?

Natacha: Quais são as mais bacanas?

A mais organizada de todas é Uberaba, na minha opinião. Depois a Expinter, de Esteio. Em terceiro fica aqui, Londrina, a “Pecuária” de Goiânia também é chique...Agora a primeira e a segunda não tem dúvida. São as duas primeiras do “ranking”, não sou só eu que estou falando.

Natacha: Você tá hospedado no Parque?

Tô aqui dentro. Tô acampado... Seja o que Deus quiser. Pra o que der e vier. Aqui dentro do “stand”.

Natacha :E come por aqui?

Come por aqui, a gente traz marmitex, come lanche.

Natacha: Você recebe por dia?

Não! Sempre no final do evento. Geralmente quando quer pegar um vale, um adiantamento, chega no patrão e ele solta aquele “garinho”. O famoso “garinho”. Mas tem que dar uma chorada, dizer que tá apertado, que tem uma roupa pra lavar, senão ele pensa

que é pra zoeira. Eles têm medo da gente zoar e vir bebão ou qualquer outra coisa no trabalho... Tem que mostrar que é pro necessário, né? Só assim eles metem a mão no bolso.

Entrevista 3

Meu nome é Sandro Rogério de Azevedo, tenho trinta e dois anos, sou de Capão Bonito, sul do estado de São Paulo. Sou administrador da fazenda Carabilu que cria gado Canchim.

Natacha: É a primeira vez que você vem nessa exposição?

Não, já é a quarta vez que a gente vem aqui. Então a gente tem um roteiro que é estabelecido pela associação, que é a ABPCAM – Associação Brasileira dos Criadores de gado Camchim, certo? Nos quais vão ser contados os pontos pro ranking nacional.

Esse ano vão ser seis, né? Então, aqui é a primeira, depois vem Londrina, aí Itapetininga, Feicorte- na capital de São Paulo -, aí vamos pra Presidente Prudente... qual que tá faltando agora? E Paranaíba, em Mato Grosso do Sul. Duas aqui no Mato Grosso do Sul.

Natacha: Vocês usam aquele calendário do Ministério de Desenvolvimento? Porque aqui nesse livro estão elencadas várias feiras...Conforme a raça vocês participam das feiras? Como é que se organiza isso?

Conforme a raça. Quem vai estabelecer a feira que a gente vai apresentar nossos animais é a associação, né? A associação de Canchim, no caso. No Nelore deve ser a ABCZ que deve falar pra onde é que eles vão...

No ranking nacional são essas aí que eu citei e no ranking regional, certo? Aí são exposições que os núcleos organizam, entendeu? No caso o núcleo do Mato Grosso do Sul, o núcleo paulista, o núcleo goiano. O núcleo organiza as exposições e o núcleo entra em contato com os criadores e os criadores vão expor. Mas aí não conta pro ranking nacional, entendeu?

Natacha: Como é que funciona esse ranking?

O ranking? Cada animal que se apresenta na pista, ele vai disputar e tem várias colocações. E cada colocação tem uma pontuação e essas pontuações que você vai adquirindo durante as feiras, a somatória delas é que vai te dar o resultado do ranking no final ...

Natacha: Pro animal?

Do criador. Nós fomos três vezes o melhor criador do Brasil.

Natacha: Mas aí saem os primeiros lugares desse ranking que acabam valorizando o preço...

Valoriza o seu criatório. Valoriza o animal porque foi reconhecido por esses julgamentos. Você fica reconhecido por determinados animais, então esses animais que ganharam as premiações tem um valor agregado...Representa bem a raça.

Natacha :Você é administrador da fazenda mas você viaja?

Viajo! Todos os julgamentos eu acompanho os meus animais.

Natacha: Como é essa coisa de ficar viajando o tempo inteiro?

É! A gente vive nisso... Da fazenda aqui deu mil quilômetros, mil e trinta e dois quilômetros. Então é cansativo, judia do gado um pouco, estressa na viagem, é uma viagem que você não pode parar, você carrega e só vem parar aqui, mas é compensador. A gente sempre gosta de viajar e gosta de disputar os campeonatos.

Natacha: Daqui você vai direto pra Londrina?

Não. Vamo ter uma semana de folga na fazenda, aí vai pra Londrina. Aí, mais uma semana de folga e vai pra Itapetininga, aí vai descansar cerca de um mês e vai pra Feicorte em São Paulo.

Natacha: Ontem os tratadores me disseram que pra vir pra cá eles descansaram, deixaram o gado numa fazenda...

Dependendo da quilometragem que você vai viajar é ideal que você faça uma parada de descanso. Então depende da quilometragem. Agora se você for viajar coisa de mil quilômetros você consegue fazer sem descarregar. Cê não pode apertar os animais, pela regra do Ministério na verdade, você tira uma guia de trânsito pra viagem, a partir do momento que você descarrega esse animal numa fazenda você tem que ir no departamento de Agricultura e Pecuária e emitir uma nova guia de trânsito. Porque paralisou ali os animais desceram do caminhão e eles têm que dar entrada e depois tirar outra guia pra dizer que aqueles animais tão embarcando de novo. A gente prefere fazer uma viagem só não apertando no caminhão e se precisa até dá água, dá “mamá” pros bezerro, tudo isso aí no caminhão.

Natacha: Você costuma encontrar gente que você conheceu em outras exposições?

Ah! Em várias exposições a gente encontra o pessoal de todo o Brasil. A gente sempre tá cruzando com eles pelas exposições. É, a gente tem um leque de amizade bem grande e sempre em exposições. Tipo de outras raças, a gente sai junto...

Natacha: E como faz pra ficar longe de casa? Você mora aonde?

Moro em Capão Bonito, no estado de São Paulo.

Natacha: E você tem família lá?

Não, eu sou solteiro, mas eu moro na fazenda. Eu cuido, né? Então quando tô fora de lá é tudo por telefone, entendeu? Então eu dou minhas orientações pro meu pessoal por dia, por telefone e recebo as orientações que eles me passam por telefone.

Natacha :A viagem , ficar longe, não te incomoda?

Não, não me incomoda. Porque a partir do momento que assume esse compromisso, é como se fosse um jogo, entendeu? Você quer disputar! A gente tá há três anos o melhor criador do Brasil, então a gente vai atrás pra brigar, pra conseguir de novo. Essa é a primeira do ano e a gente vem com a mesma garra, mesma determinação pra tentar levar. Então, é um negócio muito envolvente, gratificante... Quando chegar no fim do ano, fechar e ver que você conseguiu fazer setenta mil pontos aí, o segundo fazer vinte e três mil pontos, vinte e quatro mil pontos é ver que seu troféu, deslanchou mesmo.

Natacha: E aí esse ranking é anual, o resultado sai no fim do ano...

No fim do ano. Que é o somatório de todas as exposições “ranqueadas”...

Natacha: Você costumar se hospedar no caminhão, em hotel...

Não! Depende do lugar, é muito difícil eu ficar em hotel. Eu gosto muito de ficar dentro do parque, de acompanhar os meus animais. Tanta determinação é que faz o nosso resultado ser esse, sabe? É entrega pra conseguir um prêmio, então, eu acompanho os meus animais, eu gosto de ver se eles tão abatidos, pra ver se a gente precisa dar um trato melhor, ver se ele tá comendo... Acompanho tudo de perto pra num ter nada errado. Tenho que ver se eles tão incomodado ou não. Eles têm que estar, praticamente, no mesmo ambiente que saiu de fazenda. Vou ter que proporcionar o melhor aqui.

Natacha: E as exposições são muito parecidas?

Ah...As exposições são praticamente iguais, os campeonatos, as categorias. Só que os animais vão subindo, as categorias vão subindo no campeonato conforme a idade e os juízes são trocados, entendeu? Cada exposição é um juiz que julga. A nossa raça, por exemplo, quem julga é sempre um juiz estrangeiro, não é um juiz nacional. Então, os resultados são completamente diferentes, quase nunca você consegue um resultado assim semelhante, mas eles são coerentes. A lógica leva eles a ser “meio semelhante”, mas não totalmente semelhante.

Natacha :Qual exposição que você gosta mais de participar?

Pra gente que disputa a melhor exposição, na verdade, pensando em pontos, é a nacional. Então é essa coisa que todo mundo deseja um título nacional. O ano passado a

gente teve a felicidade de vencer o grande campeão nacional e a grande campeã nacional, que em vinte e dois anos de nossa raça, nenhum criador tinha conseguido ganhar os dois... A gente ganhou o macho e a fêmea. Então essa é uma exposição que todo mundo prepara os animais e vem pronto pra tentar ganhar o título nacional.

Mas pra comércio, tem muitas festas muito boas, pra contatos comerciais... Aqui no Mato Grosso do Sul é bom, tanto Paranaíba como aqui em Campo Grande. A gente já fez a Expointer três anos seguidos no Rio Grande do Sul, muito legal essa feira, a gente vendeu bem lá também... Depende da feira, né? Mas todas elas são boas. Goiânia é boa também.

Natacha: E pra diversão?

Pra diversão a melhor delas eu acho que fica Goiânia e Londrina.

Natacha: Por quê?

Eu acho que o povo lá é mais dado e tem mais opções.

Natacha :Daqui eu tô indo pra Londrina...

Londrina é uma feira muito legal, muito boa. Goiânia pra se divertir, é uma feira excepcional... O ano passado, em Goiânia, no parque, no show central da feira era Edson e Hudson, na outra boate dentro da feira tava tendo Guilherme e Santiago e uma outra boate tava tendo Milionário e José Rico. Então tinham três grandes shows dentro de uma única feira, pra quem quer se divertir é um prato cheio.

Natacha: O que você acha das feiras agropecuárias terem essa parte de festa?

Não acho bom! Não acho bom porque as feiras tão perdendo o caráter delas de apresentar... Uma feira agropecuária seria assim, eu mostrar o que eu tenho de melhor e você trazer o que tem de melhor na parte de “agropecuária”. Ela tá perdendo, ela tá virando um negócio muito popular, um negócio festivo, entendeu? Não é uma feira comercial mais. Então, eu vou lá procurar um campeão pra eu levar pra minha fazenda... Ela perdeu, a feira virou muito “fast-food” e show. A gente queria mesmo era vender animais, tirar o melhor macho da exposição, poder comercializar esse grande campeão aonde a gente vai, posteriormente comercializar esse sêmen dele. Era isso que a gente queria.

Natacha: Você acha que as pessoas que vem se divertir acabam atrapalhando o gado?

Algumas vezes sim, mas o pessoal que vem assim, na feira só pra se divertir não passa nos pavilhões pra ver os animais. Eles vão ver show, parque de diversão, barraca de batida, é comer alguma coisa, entendeu? Então a parte do gado praticamente fica à esmo, o pessoal não passa nos pavilhões... Não chega a atrapalhar por esse lado. Mas a gente queria mais o negócio comercial, trabalhar mais no comércio.

Tem uma feira muito boa que é a Feicorte em São Paulo que é uma feira que não tem show. Então lá tem mostra de várias novidades, de várias coisas que estão relacionados

com o setor agropecuário e é uma feira que onze meia, meia noite ela acabou. Fecham os portões e pronto. Então, todo mundo que vai lá, de certo modo, tá interessado em alguma técnica nova pra melhorar seu manejo, pra melhorar seu custo benefício...O pessoal tá interessado naquilo, em comercializar um animal, aquilo é uma “feira agropecuária”. Hoje eu acho que a Feicorte é uma das melhores feiras do país pra fechar negócio, em termos de aprender mais.

Natacha: Me explica uma coisa, o que é o Agronegócio?

O agronegócio é o seguinte: é a parte que tá relacionada com o modo que eu vou produzir a carne, entendeu? A que preço vou produzir pra mim colocar no mercado... Então, são ferramentas que você vai adquirindo pra você melhorar o seu “agronegócio”. O agronegócio é carne, é cana-de-açúcar, é tudo que tá relacionado com a agricultura e pecuária, é tudo que vem do campo. E hoje, se o campo pára a cidade pára. Porque a gente produz carne, a gente produz cana pro álcool, a gente produz milho pra tratar carne, pra tratar as galinhas, pra tratar o porco, pra tratar tudo, entendeu? A soja que vai fazer o óleo e esse óleo vai pra cozinha da dona-de-casa, entendeu? Então o agronegócio é tudo isso, tudo que está relacionado com a agropecuária.

Natacha: A exposição é uma coisa da cidade ou uma coisa do campo?

A exposição seria assim uma maneira de mostrar o que a gente produz no campo, entendeu? Porque muita gente imagina que a gente põe o boi lá e põe a vaca lá e vai nascer o bezerrinho. E não é! Em cima de um acasalamento a gente tem várias ferramentas, várias ferramentas pra se chegar num acasalamento, pra se virar um produto bom. Pra isso acontecer a gente tem vários técnicos trabalhando, então, não é um negócio simples assim...

A gente procura fazer um animal que vai ser abatido já aos dezesseis meses, com dezesseis arrobas. Você procura sugar o que ele tem de melhor. Você pega um animal ganhador de peso com uma novilha ganhadora de peso que é pra tirar um produto bom. Então, é tudo um trabalho técnico que vem com bastante estudo em cima disso daí.

A nossa raça é uma raça desenvolvida, é uma raça sintética. Sintética por quê? Porque ela é feita através de cruzamentos, ela é desenvolvida pela Embrapa, há mais de quarenta anos... Através de vários acasalamentos, chegou nessa raça e hoje ela é uma raça definida. O que acontece? Buscava-se uma raça que pudesse atender o Brasil, o centro-oeste, porque o “Europeu” não agüentava o nosso calor e o Nelore era tardio. Então, o que aconteceu? Uniram a precocidade do “Europeu” junto com o Nelore, é o casamento de duas raças que deu no Canchim.

Natacha: Graças à técnica?

Ao trabalho de pesquisa, o negócio não é simples assim... É um trabalho investido, né? Que vai ter resultado depois, pra mostrar que a gente tá conseguindo. Todas essas exposições são mostras de ferramentas que podem melhorar o seu custo-benefício do agronegócio.

Natacha :Você acha que tem competição entre as feiras?

Eu acredito que tenha sim, competição do tipo: o pessoal vai ver o que a outra feira tá oferecendo pra melhorar... Eu não digo competição, mas é pra melhorar a forma de expor seus produtos, entendeu? Dar mais apoio para os criadores, dar mais apoio para os expositores de um modo geral. É assim que funciona.

Natacha: Eu ando bastante impressionada com o número de feiras que acontecem no Brasil...

É um número absurdo e é um número que movimenta muito dinheiro. Hoje pra você expor um animal desse aqui você vai pagar, aproximadamente, por custo de argola, pra associação cerca de cem reais, por animal. Isso é caro pra ser feito. E ainda tem mais o custo de transporte...

Porque num evento desse tá incluso o custo de juiz que vai vir julgar que tem que ganhar pra isso, tem os troféus que vão ser entregues...

Natacha: Queria que você me explicasse como se apresenta o animal na pista...É pisteiro o sujeito que apresenta?

É apresentador.

Natacha: Ele tem bastante influência no resultado do julgamento, né?

Bastante. Uma bobeada que ele dá... Eu até falo pros meus apresentador, que você tem que tá com o animal na mão e achar que ele é o melhor da pista e ainda mostrar que ele é o melhor da pista!

Natacha: E como que faz isso?

Ah! Aí você vai ter que mostrar pro juiz, vai ter que botar ele numa postura que o juiz consiga observar tudo que ele tem de melhor, entendeu? Então se o animal fica inquieto você tem que acalmar o animal, deixar ele botar os aprumos dele no lugar correto, botar ele com a cabeça na posição certa...São “any” macetes que o apresentador tem que ter. Às vezes uma má apresentação de um bom animal acaba sendo penalizada, então, conta muito. Um bom apresentador às vezes leva o título porque ele foi um bom apresentador.

Têm pessoas que entra com um animal muito bom, mas entram como se fosse um cego puxando um cachorro e não é. Quando você entrar, tem que entrar chamando atenção do juiz e mostrando que o animal é um produto bom.

Natacha :Essas vacas são quase como uma miss, né?

São como modelos, elas vão desfilam pro juiz. Então se você não tá convencido que o seu animal é o melhor animal que tá disputando, você acha que o juiz vai acreditar? Você acha que o juiz vai falar: “Levanta a cabeça, rapaz. Você tá com o melhor animal”. Não! Você tem que entrar ciente que está com o melhor animal pra mostrar pro juiz...

No Canchim a gente apresenta bem, graças à deus! Todos os anos quando acaba a exposição nacional, o juiz americano sem conhecer ninguém, premia o melhor apresentador. A gente há cinco anos seguidos, a nossa equipe ganha o título de melhor tratador.

Natacha: Você está com quantos tratadores?

Só veio um. Eu e ele. A gente tá com dezesseis animais...

Natacha: E o motorista?

E o motorista do caminhão.

Natacha: O motorista também é funcionário da fazenda?

É assim, ele é funcionário por tempo determinado porque eu contratei ele pra vir fazer essa feira. Mas, a gente já teve caminhão próprio e a gente mesmo fazia a logística do negócio. Só que se tornou inviável ter um patrimônio de cento e vinte mil reais e gastar IPVA e seguro do caminhão pra fazer seis ou sete exposições. Diminuiu o número de exposições e não compensou mais, a gente vendeu o caminhão e agora freta. Terceirizou o trabalho...

Natacha :E o dono da fazenda?

O dono da fazenda tá chegando quinta- feira à noite pra assistir o julgamento na sexta. Hoje ele é o presidente da raça, ele gosta da raça.

Natacha :Os donos dos animais têm que necessariamente participar das feiras?

Não! Mas como ele gosta... É como torcer pra um time de futebol e ver ele disputando. Ele vai lá assistir e torcer pro animal dele. Ele quer ver de perto porque que ele perdeu ou porque que ele ganhou.

Natacha: Esses animais de vocês também participam de leilão?

Também! Tem determinados animais que às vezes o pessoal pede, fala ó: “eu queria que você botasse no leilão”. Aí ele coloca no leilão e os animais vão ser disputados lá e vão ser adquiridos por quem tá interessado.

Natacha: Tem muitas cabeças de gado na fazenda?

A gente tem, hoje, mil e duzentas cabeças de gado P.O... Nosso plantel é relativamente grande pra gado P.O da raça Canchim.

Entrevista 4

Sou William. Trabalho viajando por todo o Brasil. Já fui pro Nordeste, já fiz carnaval na Bahia, fiz essas micaretas...

E como é?

Pra mim compensa ficar nas menores por causa da distância, prefiro trabalhar pra cá, pro Centro- Oeste...Então eu trabalho aqui em Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, um pedaço de Rondônia, um pedaço de Goiás, faço esse roteiro. Eu começo meu trabalho mais ou menos no mês de fevereiro quando começa o carnaval, aí vou à Ponta Porã, venho pra Campo Grande, vou pra Maracajú no mês de Maio, vou até o Norte de Mato Grosso – Sorriso, Sinópia...Em todo lugar que eu chego eu chamo pessoas pra trabalhar comigo, pra ajudar a equipe que eu já tenho.

Você tem uma equipe sua?

Então, tenho uma equipe pra aqueles setores mais importantes, profissionais seria: pasteleiro, chapeiro, barmen e o pessoal da montagem. Na cidade que eu chego, eu procuro duas a três pessoas... Mulheres pra atendente, rapaz pra ser garçom que não necessitam assim de uma qualificação. Porque de uma feira eu vou pra outra e é só meu pessoal que vai.

O rendimento disso aí é bom, foi o que eu escolhi pra mim... Me dá muito mais do que trabalhar com um emprego, muito mais do que um emprego formal. Eu vivo disso aqui há vinte anos... Acho que é até mais!

Faz vinte anos que você viaja...

É! Mas era em outro setor, eu mexia com artesanato. Eu já fui hippie, sabe? Aquele andarilho que anda com umas pulseirinhas...Eu comecei com aquilo. Aí eu vi que isso não me dava dinheiro, mas me dava prazer e eu precisava de dinheiro.

Você é casado?

Sou! Eu tenho uma esposa, mas assim, eu não sou casado. Ela vai junto comigo, é minha parceira de luta, mas os filhos ficam em casa. Ela vem de quinze em quinze dias, conversa com os filhos pela internet, essas coisas... Mas quando eu saio, eu fico em média seis meses fora de casa porque não compensa.

Tá vendo aquele ônibus lá em baixo? Eu desmonto os materiais, jogo dentro desse ônibus e vou pros eventos. De vez em quando volto pra casa pra ver os filhos.

Que eventos você costuma fazer?

Nessa região tem muita feira e exposição de gado e rodeio. Mas eu faço carnaval, aniversário de cidade, eventos... Que tem muito!

Eu tô estudando feiras agropecuárias especificamente, mas vejo que nas feiras agropecuárias além de ter o comércio agropecuário propriamente dito, tem uma série de outras coisas...

Opa! A agropecuária pra falar verdade é até menor, não parece? É mais forte em termo financeiro, mas em quantidade...Envolve mais pessoas nessa área de alimentação, de diversão, entendeu? Dá muito mais gente. É agropecuária por causa do boi... Mas eu, por exemplo, faço vários outros eventos. Aqui mesmo em Campo Grande tem muitos shows, faço sempre, direto!

Mas que feiras agropecuárias você conhece?

Em Mato Grosso todas! Mato Grosso do Sul todas! Goiás, já fiz Rio Verde, Jataí, Goiânia, já fiz Brasília, Cuiabá, Rondonópolis, já fiz Sergipe, Camburiú, já fiz praia igual Peruíbe...Conheço muito, muito mesmo. Já andei tudo.

E você encontra pessoas que viajam?

Ô! Minha família toda vive disso. Tem eu, meu dois irmãos...Aqui você vai ver Pastel Trig's que tem umas cinco, seis barracas é meu irmão. Aqui nessa rua você vai ver umas barracas de doce e de cocada é tudo parente meu.

Vocês vivem quase como uma trupe de circo?

Sim! A diferença é que nós não damos espetáculo, a gente faz parte dele mas não dá ele. Você já viu aquele filme do Zé Wilker e Beth Faria, Bye-Bye Brasil? É como eles! A gente chega numa cidade... Tem lugar que a gente vai que o pessoal não conhece maçã- do- amor, as pessoas nunca viram um parque de diversões. Tudo bem que hoje tem muita modernidade, tem internet, televisão, mas já cheguei em época que “nossa senhora”! Não tinha nada, sabe o que é nada?

E aí você vai....

Vou! E até conseguir modernizar, desenvolver...Muitas pessoas vêm com a gente, ficam assim: “ Me leva, me leva”. Muitas meninas, mocinhas já sai, vem com a gente, fica dois anos depois volta. Tem várias histórias que se você for somar dá um livro!

Então, eu gosto do que eu faço. Já tentei parar, manter um mercadinho... Mas não dá o prazer que tem. De hoje estar aqui, amanhã ta lá, vai num restaurante, ver um caminhoneiro passando, ver um acidente ali. Eu gosto!E quando chega Novembro e as feiras acabam dá uma saudade, menina...

De Novembro a Janeiro você fica em casa?

Fico em casa, não faço nada porque não tem evento. Porque tem Natal, final de ano as pessoas param, não tem evento. Pode perceber. Tem evento assim, na Bahia, essas coisa tem, mas aí não interessa não. Mas aí de Fevereiro em diante...

Você gosta de viajar, hein...

Gosto! Mesmo se eu fosse outra coisa, se não fizesse isso queria viajar...Essa é a intenção!

Eu estou querendo entender como funciona esse circuito de feiras agropecuárias. Meu foco está nos peões, nos tratadores de gado que vão viajando de feira em feira, mas aí tem todos vocês que também vão acompanhando todas essas feiras...

Esse pessoal que mexe com o gado vai te fornecer pouca informação. Eles ficam lá perto daquele mangueiro lá, tirando o boi, mostra o boi, sai... Eles geralmente chegam no dia do evento e saem antes do evento acabar, pode perceber. Quando acaba aqui você num acha mas nenhum boi, nenhum! E a gente tá aqui desmontando, fechando conta, articulando pra ir pra outros lugares e eles tão aqui, vamos supor, como se fosse a fazenda! Tem fazendeiro que vai comprar em uma e não vai em outra, já nós, vamos em todas elas...

Todas elas...

Meu roteiro, que eu mesmo estabeleci, porque eu escolho a feira mais rentável... Eu escolho! Ponta Porã, aqui em Campo Grande, Sorriso, Alta Floresta, Rondonópolis, Cuiabá... Não faço só feira agropecuária, faço muita festa de peão também que não tem nada a ver com feira agropecuária.

É bom você tocar nesse assunto, queria que você diferenciasse...

A feira agropecuária é uma feira de amostras pra negócio. Quando os criadores mostram o plantel, vêm pessoas que mexem com genética de animal, vem venda de sêmen, vem o trator, vem a caminhonete. Esse povo vem pra vender, é pros fazendeiros... envolve o dinheiro, a grana, o agronegócio. A festa de peão é um evento mais pobre! Ele não tem esse movimento financeiro, festa de peão é um evento de montaria de boi. Pra mim, pro meu comércio é interessante porque as pessoas vão lá se divertir, vão comer...

Você faz eventos como festa da uva, festa do milho?

Eu faço a festa da lingüiça aqui em Maracajú de 27, 28 e 29 de Abril. Aí daqui eu já fiz a festa da uva em Primavera, faço festa da soja em Rondonópolis...

É que quando você olha em sites especializados em Agronegócio todas essas festas estão juntas.

Tem muita, né? Tem festa de leitão no rolete. Em cidade pequena a diversão é pouca. Então quando tem esses eventos tem um movimento grande. Agora eu, não escolho esses eventos, me interessa vender comida, até carnaval eu faço, micareta... Não tem nada a ver com o Agronegócio, mas eu faço.

E Agrishow, você não faz?

No Agrishow eles são mais reservados, é mais pra negócio. Não tem esse tipo de coisa, não tem “pé-sujo”, lanchonete, esse tipo de coisa eles não permitem... Lá é só restaurante. Porque o público que eu tenho aqui é o público que vem à noite, eles não. Não vão lá pra ver nada, vão comprar, vender, vão almoçar, os negócios são feitos durante o dia, quando dá cinco, quatro horas da tarde não tem ninguém no parque.

Alguém me disse que alguns produtores rurais de outras exposições estavam reclamando dessa parte de festa dentro da feira agropecuária...

Tem isso. Aqui já aconteceu isso. Aqui em Campo Grande há uns dez anos o presidente da associação daqui resolveu fazer o evento só para os produtores, pros criadores. Pra eles eu não sei se teve retorno, pra ACRISSUL não teve retorno. Porque a ACRISSUL é uma entidade que vive de evento, tem energia pra pagar, é uma pequena cidade aqui, né? A feira ficou restrita a leilões e comercialização de argolas... Deu dinheiro? Não, porque dois anos da experiência aí o cara faleceu e mudaram tudo de novo. Foi quando a CERTAME pegou, encampou e abriu para o público. Porque a princípio a exposição era para o público, aí o cara derrubou. Você vinha aqui, não tinha nada, tinha um boi, um trator, não via nada... Ficou assim meio cemitério.

Eu acho que pra eles, sobretudo, não foi um bom negócio. Exposição dá muito trabalho, envolve segurança, policiamento, envolve um monte de coisa, entendeu? A bebida, tudo tem que ter uma negociação. Mas no geral, isso é bom. Agora, o produtor, pra ele não importa. Ele não quer saber! Esses caras vêm aqui e não sabem o que vão jantar hoje, se vai ter show... Eles querem ver o Nelore dele aí, vender, comprar, tal. Você vai ver que lá em baixo tem uns bares – Barcelona, outros tipos de bares - que o público que frequenta lá não vem aqui. Aqui é pro povão, lá é pro povo criado em negócio, pro pessoal que mexe com gado...

O pessoal não vem pra cá...

Difícilmente. Vem assim pra ver um show, se interessar também... Não vem não! Aqui vem o povão. Parque de diversões e shows é área pra povão, que é o povo que carrega o agronegócio nas costas. É o povo que come a salsicha, que come o ovo... Não é verdade? E os caras não percebem isso aí! Esse povo vem aqui e ganha trezentos, quatrocentos milhões de bilheteria, ou mais, então tem movimento isso aqui e faz desenvolver.

Eles vêm pra vender os bois deles aí e sei lá... Assim, eu não sou contra a agropecuária, mas acho que tá descaracterizada a feira agropecuária. Eu sou do tempo que a feira agropecuária era feira de amostras, você vinha aqui e você via o boi, mas você via também exposição de porco, tinha a área de aves, tinha a galinha mais bonita, a galinha mais premiada, o ovo não sei de que tipo, a abóbora gigante... Tinha um monte de coisa! Aqui tinha coisa do campo. O povo da cidade ficava: “Olha essa Mandioca! Olha esse boi!”. Tinha essas coisas aqui, agora não, agora ficou estritamente só a negócios, não é mais uma feira de amostra não, agora é uma feira de comercialização, de compra e venda... Agora eu acho que o pessoal vai ver o boi só no açougue. Parece que agora a “mostra” é só pra quem

é da área só. É complicado! Eu sei que essas briga aí entre produtores e vendedores sempre vai ter. Existe o nosso mundo e o mundo deles... Só que nós sempre continuamos, nós vamos estar semana que vem em outros estados e eles não, talvez só daqui três meses em outro evento, por aí. Nós não! Nós acompanhamos, estamos viajando direto, nos eventos em geral, todo tipo de evento! Até a festa do pequi eu já fiz...

Vocês alugam o espaço da CERTAME, como é que é?

A ACRISSUL tem um espaço, a CERTAME tem um espaço. A princípio a gente alugava da ACRISSUL, mas como cresceu demais o parque colocou essa empresa pra administrar e com isso aumentou os preços. Eles ganham uma porcentagem em cima, né? Já tiram o dele. Inflacionou os preços, tô pagando aqui três mil reais por dez dias, trezentos reais por dia... Eu acho caro! Se você for pagar um salão na cidade pra abrir um comércio, você não vai pagar tudo isso.

Mas tem retorno, né? Dependendo da localização, custa mais?

Sim, sim. Dependendo do ponto custa mais, na área de show é mais caro. Só que lá é cheio demais... Tem muita coisa, muita barraquinha e lá é o público mais do bailão, de bebida, de jovem e aqui tem mais família, o pessoal que vem pro parque de diversões, que vem ver o boi e que vai comer! Aqui fecha mais cedo, porque lá amanhece. Lá é mais sofrido e lá é mais caro! Porque o público fica mais tempo lá, mas não é o público que gasta. Aqui vende mais.

Quantos funcionários você tem aqui?

Uma média de dez...

Oito fixos?

Sete fixos e três que vem por conta própria. Eles vêm aqui e ganham uma margem de lucro. Vendem a cerveja por três reais e ganham 0,50 centavos, ele ganha o que vende! Eu não tenho nenhum compromisso... Eles vêm antes. Todo lugar tem isso! Eles cuidam das mesas, eu não admito que eles roubem, que explore as pessoas. Eles ganham o dinheiro honestamente. Aqui tem vários tipos de trabalhadores, tem o diarista, tem o que vende bilhete no parque, tem o que cuida... Muita gente a gente pega aqui.

Tem muita gente que eu estou conhecendo que trabalha nisso e não sabe pra onde vai daqui...

Não sei, mas mais ou menos umas seiscentas pessoas pra frente vêm pra cá ganhar o dinheirinho. Até o vigilante, o catador de latinha, são pessoas que vivem em função desse evento... O segurança lá fora, o moto taxi. Dá uma grana pra muita gente! É interessante isso aqui pra trabalho. Isso move muita coisa, tem cidade em que até o prefeito despacha na feira, ele muda o gabinete pra feira. Essas feiras mesmo que eu vou agora, a cidade fecha! Lá em Sorriso aonde eu vou agora é uma feira diferente, lá não é uma feira

agropecuária, lá é uma feira em homenagem a cidade de indústria e comércio. Lá eu não vejo muito animal não, eu vejo muita venda de implementos... Tem rodeio, tem show, porque lá a região é de soja.

Mas muita gente vai pra feira?

É! Eles põem tudo lá dentro, até a delegacia vai lá pra dentro. É uma coisa muito boa pra mim, não só pra mim, mas pra um monte de gente...

Entrevista 5

Elton: Meu nome é Elton Carlos, tenho 24 anos, oito anos de profissão... Eu costumo viajar por todas as partes do Mato Grosso do Sul, mas já viajei pelo Paraná, São Paulo, Salvador e Uberaba.

Natacha: A fazenda que você trabalha fica aonde?

Elton: A fazenda fica aqui em Mato Grosso do Sul, mas nós rodamos por todo lugar, fica aqui em Campo Grande... Santa Mônica. A gente tanto faz exposição aqui como pra fora também.

Natacha: Como é a vida de vocês?

Elton: Nossa vida é meio cigana, né? Dez dias lá, dez dias aqui. Tem vez que a gente passa três, quatro mês fora de casa... Dorme mal, às vezes não dorme. Essa é a vida. Mas gosto de viver essa vida, né?

Marcelo: Eu trabalho na Santa Mônica Genetron, minha função é controlar o peso do gado, aí nisso já fazer o cálculo da ração, ver o ponderal dele e futuramente, como tá montando escritório na fazenda, mexer com os computadores, entrar nos programas pra fazer o registro.

Anderson: Trabalho de motorista também nessa fazenda e eu transporto os animais e a alimentação do gado.

Natacha: E essa fazenda é grande?

Anderson: É pequena porque só mexe com gado de elite. Não tem muita tarefa de campo, tem só trato e o gado que fica na cocheira, por isso que não precisa de uma grande extensão.

Natacha: E vocês vão pra muitas exposições?

Anderson: Nesse ano tá marcado 16 exposições. Pra Mato Grosso do Sul inteiro e vamos pra Uberaba.

Natacha: Pra Uberaba quase todo mundo vai, né?

Marcelo: Das exposição Uberaba é mais elevada, né? E a gente tem o prazer de dizer que vai pra Uberaba.

Natacha: Vocês trabalham com exposição faz tempo?

Elton: Eu comecei em noventa e nove, dois mil, mas parei. Fui fazer o curso técnico em agropecuária lá em Miranda e agora eu comecei de novo, desde o ano passado.

Anderson: Faz oito anos que mexo com isso. Mas antes eu trabalhava com transporte de gado de corte, né? Trabalhava mais aqui.

Natacha: Vocês viajam, bastante, né?

Marcelo: O mês inteiro, né? Por exemplo, uma exposição dura de sete a dez dias. E assim que acaba ela você vai pra outra, dependendo do prazo você volta pra fazenda, dá um descanso pro gado e aí já planeja pra outra.

Natacha: Mas o descanso é pra vocês também, né?

Marcelo: Também né?

Elton: Dependendo da exposição você sai direto pra outro lugar...

Natacha: Já aconteceu isso com vocês?

Elton: Ô se já...

Natacha: E vocês têm família? Esposa, filhos?

Marcelo: Tenho! Meu pai tá com oitenta e cinco anos.

Anderson: Tenho!

Natacha: E sua esposa?

Anderson: Minha esposa trabalha em Campo Grande, aí de noite eu volto pra casa. A fazenda é pertinho da cidade. Mas quando a exposição é longe, eu fico longe...de dez a quinze dias.

Natacha: Você disse que seu pai tem oitenta e cinco anos?

Marcelo: Tá mexendo com gado, transporte e por causa dele que foi puxando essa vocação pra mim, né? Gerações, né?

Elton: Meu pai também trabalhava em fazenda, na Novo Horizonte, ele trabalhava com gado de corte, aí eu já entrei no meio. Começou um serviço lá na cocheira e eu comecei a trabalhar.

Natacha: O trabalho que o pai de vocês realizava era um pouco diferente?

Marcelo: Conforme vai modificando, vai tendo melhoramento (genético) das coisas, mas a base é através da fazenda. Quem é criado na fazenda sempre tem uma vocação.

Natacha: Foi bom você falar disso. Eu to trabalhando com exposição desde de 2004 e a maioria dos tratadores de gado me dizem que eles eram do “mundo rural”....

Elton: Eu concordo.

Marcelo: Porque as pessoas têm que ter um dom, tem um dom desde pequeno. Porque vai vendo o pai mexendo, porque é difícil uma pessoa chegar num animal hoje aprender, até acostuma. E acho que tudo que você faz é uma vocação que você tem assim, aí aquilo ali que você sabe mexer. Essas coisas assim de ser peão, vem desde pequeno, é muito mais fácil.

Natacha: Mas o que seus pais faziam, por exemplo?

Marcelo: Antigamente meus avôs tinham fazenda, então eu fui criado na fazenda, na fazenda já tinha um meio de produção rural e aí ele partiu pra o trabalho de motorista. Aí ele começou a transportar gado, a vida dele foi transportando gado.

Natacha: Mas uma coisa que eu queria entender: porque o trabalho de vocês é muito parecido com uma comitiva, né? Uma “comitiva moderna”...

Marcelo: É mais ou menos dessa forma

Natacha: Mas vocês apresentam e vendem gado nas exposições. E aqui estão os melhores animais, né?

Marcelo: Sempre procurando melhorar, sempre aparecendo raças diferentes. Igual você falou, antigamente não tinha quase exposição de gado, essas coisas. Aí foram criando , foram aperfeiçoando. E foram meio que aparecendo profissões diferentes, né? Conforme foram descobrindo que o animal podia ser confinado, começaram a precisar de um rapaz que ficasse tratando, vinte e quatro horas olhando , cuidando , vendo o que precisava fazer.

Natacha: Mas na fazenda de vocês não tem o vaqueiro, tradicional?

Marcelo: Tem também. Não tem só o gado de confinamento que vive na cocheira, tem outras raças que fazem os cruzamentos, outra genética.

Natacha: E você faz o que na fazenda?

Marcelo: Na fazenda sou responsável pela pesagem e nisso o trato e com a pesagem você já vai observando a sanidade do animal. Por exemplo, se ele perdeu peso numa semana é sinal que alguma coisa aconteceu com ele, aí nisso você já chama o veterinário e já fica fácil de observar se tem alguma coisa errada.

Natacha: Você fez curso de técnico em Agropecuária, né?

Elton: Fiz, na Fundação Bradesco em Miranda.

Natacha: Tô aqui desde o começo da exposição e a maioria dos tratadores não estudou. E muitos deles ficavam discutindo se valia a pena estudar ou não...

Elton: Eu acho que vale. Porque quando eu entrei na fazenda eu tinha um cargo. Agora to num cargo acima. Eu entrei como adestrador de animal, e agora eu fui além. Tem chance de crescer rápido...

Natacha: Qual é sua função? O nome dela?

Elton: Técnico, né?

Natacha: Mas nas exposições você acompanha os tratadores?

Elton: Aí nas exposições eu tô acompanhando...

Natacha: E você gosta de trabalhar em exposições?

Elton: É um pouco cansativo. As pessoas às vezes pensam que a gente tá todo dia na festa, na farra. Mas não dá! Nos primeiros dias a gente vai pras festas, pros bailes, mas fica cansado, né?

Natacha: E vocês participam da festa?

Elton: Participamos! A gente aproveita a festa também, dá uma olhada nas tecnologias que têm.

Natacha: Vocês conhecem o pessoal do rodeio? Vocês montam também?

Elton: Não, eu não monto, não. Já tentei, mas não deu certo. (Risos) Porque é tipo jogador de futebol, um dia tá no auge, no outro dia...

Natacha: Todo mundo acha que feira agropecuária é igual a festa de Barretos, né? E que todo mundo que é peão, é peão de rodeio.

Elton: Nossa! E é muito diferente! O peão de rodeio não trata o animal, nada. Ele vem só pra fazer a montaria no dia do rodeio e o tratador de gado tem o convívio todo dia com o animal, ele vem aqui pra ver se o animal tá comendo, se tá bebendo, se tá doente... O peão de rodeio vem participar do show, não trata o gado. Tem um pessoal que mexe com a boiada de rodeio, que não é o peão.

Porque na exposição eles vêm pra expor as tecnologias, eles sempre buscam aprimoramento... Lá na Santa Mônica Genetron eles buscam aprimoramento genético. Tavam com o gado meio fraco, aí nisso veio a idéia de uma pessoa que pensou: “Ah! Vamos julgar esse gado!” Nós fazemos uma exposição e cada um leva o seu, e esse é o primeiro, esse é o segundo e esse é o terceiro, nisso vai fazer com que todos tenham vontade de ser o primeiro! Aí nisso vai melhorando cada vez mais, mexendo, cruzando, experimentando várias raças...E se, por exemplo, esse touro aqui é o primeiro, ele vai ser bem divulgado. E todos vão querer saber dele e aproveitar o sêmen dele, aproveitando esse sêmen vai divulgando em todas as regiões e vai melhorando a raça. A festa de peão é só um esporte!

Natacha: Quais são as principais feiras que você vai?

Elton: A mais importante é essa aqui de Campo Grande... No estado, né? Porque de fora a mais importante que tem é a de Uberaba. É difícil falar pra você.